POSTER DUPLO: RPM E ECHO & THE BUNNYMEN

AZUL

Nº 16
Novembro 1986
Cr$ 20,00

BIZZ

BOY GEORGE
ASCENSÃO E QUEDA

TINA TURNER
O VULCÃO VEM AÍ!

MATT DILLON
A NOVA GERAÇÃO DAS TELAS

+ BAUHAUS PLEBE RUDE CAETANO VELOSO • LEGIÃO URBANA • MILES DAVIS • CAPITAL INICIAL • KIKO ZAMBIANCHI

Paul McCartney
PRESS TO PLAY
SEU NOVO LP / K7
mpl

BIZZ

Foto Mauricio Nahas Filho

Mestre Miles Davis, estrela do Ao Vivo *(pág. 74) e da sua* Discoteca Básica *(114)*

Caso você ainda não tenha reparado, as telas de cinema estão sendo tomadas de assalto por toda uma nova geração de atores e atrizes. Cada um deles tem suas qualidades e suas manias e, invariavelmente, todos estes artistas já aportaram no Brasil, via celulóide — nomes como **Matt Dillon, Emilio Estevez, Mickey Rourke, Kim Basinger, Demi Moore, Rob Lowe.** Para passar em revista esta safra cinematográfica chamamos **Rubens Ewald Filho.**

Aos 48 anos **Tina Turner** está no topo de sua popularidade, com um novo álbum escalando rápido as paradas de sucesso e uma turnê mundial engatilhada. Achamos Tina gravando um programa de TV em Miami e conversamos com ela. Soubemos, até, de seus planos de vir cantar no Brasil!

Enquanto Tina brilhava, **Boy George** mergulhava num pesadelo pessoal — seu flerte com a heroína terminou na Justiça e nas páginas dos jornais sensacionalistas. Mas nem por isso Boy deixou de dar sua versão dos fatos. **Maria Luiza Fontenelle** fez um apanhado de várias declarações de George e construiu uma ótima reportagem, que começa na pág. 38.

Belo encontro é o de **Caetano Veloso** e **Ana Maria Bahiana** no **Entrevistão** deste mês. Caetano fala de meia-idade, rock'n'roll, Lobão, Paralamas do Sucesso, violão, cinema e juventude. E, ainda em *terras brasilis*, **Tom Leão** entrevistou a moçada do **Plebe Rude.** De quebra, uma Cabra Cega simplesmente clássica e hilariante.

Por sua vez **Marcel Plasse** radiografou a carreira do **Bauhaus** e **Sonia Maia** descobriu que **Kiko Zambianchi** está de namoro com o *underground* após anos cavalgando a crista do supersucesso.

Um presente especial: a seção **Ao Vivo** está fervilhando de atrações — **Legião Urbana, Van Halen, Flora Purim, Lobão, Capital Inicial, Eurythmics e Miles Davis.**

O mestre Miles também é o assunto da **Discoteca Básica** desta edição. *Kind of Blue*, de 1959, foi devidamente dissecado por **José Augusto Lemos.**

José Emilio Rondeau

ESTE MÊS

34 **PLEBE RUDE**
Filhos bastardos do punk > *Tom Leão*
38 **BOY GEORGE**
Do sucesso ao boletim de ocorrência > *Maria Luiza Fontenelle*
44 **TINA TURNER**
Uma conversa com a lenda viva > *José Emilio Rondeau*
50 **RUN DMC**
Funk e rap pesa-pesado
52 **KIKO ZAMBIANCHI**
Disco nova, nova fase > *Sônia Maia*
56 **EUGENIA MELO E CASTRO**
A voz portuguesa da música brasileira > *José Augusto Lemos*
68 **BAUHAUS**
Todo o histórico da banda > *Marcel Plasse*
80 **CINEMA ESPECIAL**
A nova geração das telas > *Rubens Ewald Filho*

TODO MÊS

6 **SHOWBIZZ**
Notas, notícias e boatos
14 **PARADAS**
Estados Unidos, Grã-Bretanha e Parada do Leitor
16 **LANÇAMENTOS**
Discos quentinhos da boca do forno
26 **VIDEO BIZZ**
Uma garimpada no acervo dos videoclubes
54 **HEAVY METAL**
Um noticiário especial para o mundo da pauleira
59 **ENTREVISTA**
Caetano Veloso deseca o rock
72 **AO VIVO**
Van Halen, Legião Urbana, Miles Davis, Violeta de Outono, Flora Purim, Lobão, Capital Inicial, Eurythmics
90 **CINEMA**
O caso Sid Vicious e Nancy Solcungen por Alex Cox
98 **CLIP**
A festa dos prêmios da MTV
102 **PORÃO**
Stan Ridgeway, Vryaduq Moe e Expresso Oriente
106 **LETRAS**
"Bigmouth Strikes Again", Smiths
108 **MEU INSTRUMENTO**
Stanley Jordan e sua guitarra
110 **AIR MAIL**
Pepe Escobar trota pelo globo afora
112 **CARTAS E SERVIÇOS**
114 **DISCOTECA BÁSICA**
As obras primas. Nesta edição, "Kind of Blue" de Miles Davis
122 **CLAUDETTE POODLE E SUA POLAROID**
Sim! Ela diz o que pensa

FAMÍLIA JAPONESA DE MUDANÇA PARA O BRASIL VEN DE EQUIPAMENTO DE SOM MAIS FAMOSO DO MUNDO.

PARA FAZER AQUI O MESMO SUCESSO QUE FAZ NOS ESTADOS UNIDOS, NA ALEMANHA E NO JAPÃO, A AKAI USA UMA RECEITA INFALÍVEL: ESTAR SEMPRE NA VANGUARDA DA TECNOLOGIA E OFERECER O QUE EXISTE DE MAIS EXCITANTE EM TODO O MUNDO EM MATÉRIA DE SOM.
É POR ISSO QUE AGORA O BRASIL TAMBÉM PASSA A TER UM EQUIPAMENTO DE SOM SOFISTICADO, CONTROLADO POR COMPUTADOR.
É EVIDENTE QUE ELE FAZ TUDO AQUILO QUE OS OUTROS FAZEM. MAS INCORPORA TAMBÉM UMA SÉRIE DE CARACTERÍSTICAS QUE NENHUM OUTRO EQUIPAMENTO DE SOM TEM NO BRASIL.
LOGO ABAIXO, VOCÊ ENCONTRARÁ, DE MANEIRA RESUMIDA, TODAS AS INFORMAÇÕES TÉCNICAS IMPORTANTES SOBRE O NOVO AKAI SYSTEM.
MAS NÃO DEIXE DE PEDIR UMA DEMONSTRAÇÃO. ALÉM DE SER UM ESPETÁCULO PARA OLHOS E OUVIDOS, NÃO É TODO DIA QUE O EQUIPAMENTO DE SOM MAIS FAMOSO DO MUNDO CHEGA AO BRASIL.

RECEIVER AA-A35.
É O MAIS RECENTE LANÇAMENTO AKAI EM TODO O MUNDO.
VEM EQUIPADO COM:
SINTONIA ELETRÔNICA POR SINTETIZAÇÃO A QUARTZO.
AUTO-SCAN - PROCURA AUTOMATICAMENTE A ESTAÇÃO SEGUINTE OU A ANTERIOR.
EXCLUSIVO CONTROLE DE VOLUME POR ACESSO DIRETO (VOCÊ COLOCA INSTANTÂNEAMENTE O NÍVEL DESEJADO).
EXCLUSIVA MEMÓRIA ACÚSTICA PARA 2 NÍVEIS DIFERENTES DE AJUSTES DE GRAVES E AGUDOS.
DISPLAY FLUORESCENTE DE TODAS AS FUNÇÕES.
MEMÓRIA PARA ATÉ 16 ESTAÇÕES DE AM/FM.
EXCLUSIVA MEMÓRIA DE NÍVEL DE VOLUME, PARA TOTAL SEGURANÇA DAS CAIXAS ACÚSTICAS.
POTÊNCIA MÁXIMA DE SAÍDA: 130+130 W (RMS)

DECK-CASSETE HX: R44
UM DOS MAIS COMPLETOS E SENSÍVEIS DECK-CASSETES DISPONÍVEIS NO MERCADO INTERNACIONAL.
TEM, ENTRE OUTRAS CARACTERÍSTICAS:
EXCLUSIVA REVERSÃO SUPER-RÁPIDA, QUE INVERTE INSTANTÂNEAMENTE A DIREÇÃO DA FITA, TANTO NA GRAVAÇÃO COMO NA REPRODUÇÃO, GRAÇAS AO EXCLUSIVO SISTEMA AKAI DE CABEÇA ROTATÓRIA.
2 SISTEMAS DE REDUÇÃO DE RUÍDOS: DOLBY B E O SOFISTICADO DOLBY C.
EXCLUSIVOS SISTEMAS IPLS/INTROSCAN, QUE LOCALIZAM RAPIDAMENTE QUALQUER MÚSICA NA FITA.
EXCLUSIVO AUTO-MUTE: INTERVALO AUTOMÁTICO ENTRE MÚSICAS, QUE PERMITE A LOCALIZAÇÃO AUTOMÁTICA DE QUALQUER MÚSICA.
GRAVAÇÃO E REPRODUÇÃO NOS 2 SENTIDOS.
EXCLUSIVA REPRODUÇÃO EM CICLO.
EXCLUSIVA REPRODUÇÃO EM CICLO CONTÍNUO.
RELAÇÃO SINAL/RUÍDO: 58 DB

TOCA-DISCOS AP-A2C
ALIA A REPRODUÇÃO DE SOM DE ALTO NÍVEL À GRANDE SIMPLICIDADE DE OPERAÇÃO.
DIRECT-DRIVE CONTROLADO ELETRONICAMENTE.
BRAÇO RETO DE BAIXA DENSIDADE, BALANCEADO ESTATICAMENTE. CONTROLES FRONTAIS TIPO SOFT-TOUCH DE ACESSO IMEDIATO.
CÁPSULA TIPO TP-4.

TRATAR COM

AKAI

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS.

SHOW BIZZ

O VENOM VEM AÍ (MESMO)

Foto Divulgação

Um presente metálico para o Brasil

Os headbangers brasileiros podem ir se preparando para um banquete pré-natalino. No mês que vem chega ao Brasil um dos principais expoentes da pauleira batizada como *black metal*, o **Venom.**

O roteiro dos shows é o seguinte: dia 3 em Brasília, 5 em Belo Horizonte, 7 no Rio de Janeiro, 10 em São Paulo e 13 em Porto Alegre. Todos eles serão abertos pelo **Exciter,** uma banda heavy inglesa, e ainda por uma banda local.

A promoção é um trabalho conjunto entre a **Red Door Productions** e a **Cacá Prates Empreendimentos,** uma parceria que promete muitos frutos para o ano que vem e que segue a saudável prática de só anunciar os shows de bandas estrangeiras quando o contrato estiver assinadinho e as datas devidamente marcadas.

NOTA TRISTE

Na noite de 26 para 27 de setembro último, após um show em Estocolmo, o ônibus da excursão européia do **Metallica** sofreu um terrível acidente na estrada para Copenhague. Faleceram o baixista **Cliff Burton,** o *roadie* **John Marshall** (que vinha substituindo **James Hetfield** na guitarra desde que este quebrou o braço andando de skate), e o motorista.

A excursão, que vinha sendo um grande sucesso (ver *Heavy Metal* desta edição), obviamente foi suspensa e, na data de fechamento da revista, aguardavam-se ainda maiores informações.

PINK FLOYD E CLASH: RENASCENDO DAS CINZAS?

Dois membros do bom e velho e extinto Pink Floyd — **David Gilmour** e **Nick Mason** — preparam-se para gravar sem **Roger Waters,** o sacramentado líder da banda. Se eles vão ou não usar o nome Pink Floyd é, portanto, pura especulação.

Enquanto isso, em Nova Iorque, **Joe Strummer** fez as pazes com **Mick Jones** e colabora no novo LP do **Big Audio Dynamite,** que deverá se chamar *Worse*. Comentário do velho e bom Joe sobre o **Clash** depois da saída de Jones: "Um fracasso completo".

Foto Gianmarco Sciré

Joe Strummer: reunindo o Clash fora do Clash

ROCK IN NOVA IGUAÇU

Foto Cláudia Dantas

Dusek, o Tom Waits do Rock in Rio *dos pobres: muita lama e pouco público*

Entre 24 e 28 de setembro o Rio de Janeiro — mais precisamente o município de Nova Iguaçu — viveu o maior evento de rock do Estado desde o Rock in Rio: o Festival da Primavera, que tinha tudo para ser inesquecível e grandioso, mas quase pereceu pela falta de uma das preciosas matérias-primas de empreendimentos do gênero — público.

Não deixou de ser uma réplica modesta do Rock in Rio: 70 mil metros quadrados de terreno, estacionamento para 20 mil automóveis, área de camping, quase 200 estandes de venda, boate em forma de circo e um aparato de segurança suficiente para conter até rebelião em presídio.

O equipamento sonoro e a bateria de luzes empregadas eram de primeira. E tudo funcionou perfeitamente. Afinal, por que não deu certo o Festival da Primavera?

Os motivos podem ter sido muitos. O preço do ingresso — Cz$ 80,00 diários — era alto demais para aquela área do Estado. O horário — os shows terminavam, invariavelmente, às três da manhã — era impróprio às pessoas do público que precisavam acordar cedo em Nova Iguaçu, uma das maiores cidades-dormitório do Rio. E a chuva caiu, trazendo com ela sua inseparável correligionária: a lama.

Dos esperados 60 mil pagantes diários apenas 20 mil compareceram, computados os *cinco* dias de festival. A estréia, numa chuvosa quarta-feira, foi melancólica, com mais pessoas *trabalhando* do que *assistindo* aos shows. No fim de semana houve grande melhora — chegou, na noite de encerramento, a ser computada a passagem de cinco mil pessoas pelas roletas.

A grande surpresa musical foi proporcionada pela safra local de bandas de rock. A maioria delas passeia com competência entre o funk e o reggae, bem longe do pop-wave de apartamento da zona sul. Um dos grupos de Nova Iguaçu, o **Toque de Midas,** interessou especialmente o produtor **Ezequiel Neves,** que pediu fita demo e prometeu futuro contato.

Entre os artistas melhor recebidos pela platéia, o **Kid Abelha, Biquini Cavadão** (show empolgante), **Celso Blues Boy** (altamente etilizado), **Jorge Ben** (acompanhado em quase toda sua apresentação por Blues Boy), **Cazuza** (totalmente sóbrio), **Eduardo Dusek** (totalmente Tom Waits e repetindo músicas) e **Léo Jaime.**

Foto Rui Mendes

O herdeiro do Brasil no Prêmio do Disco

GRAMMY BRASILEIRO

Voltou à ativa o Prêmio Anual do Disco que a Associação Brasileira de Produtores de Discos utilizara até 1981 para celebrar o talento musical nacional. Ainda sem nome — ele já se chamou Villa-Lobos e, numa única ocasião, Vinicius de Moraes — o Prêmio do Disco será uma espécie de Grammy brasileiro e chega (ou melhor, retorna) num momento em que o país tem mais rock'n'roll por metro quadrado do que em qualquer outro da história. Se antes as revelações eram **João Nogueira, Fagner, Luiz Gonzaga Jr.** e **Simone,** é bem possível que **Paulo Ricardo** tome o lugar de **Roberto Carlos** no posto supremo de campeão invicto que vem sustentando até agora o Brasil.

NOVOS PRETENDERS

Foto LFI

Chrissie volta de companhia nova

Rufem os tambores! Toquem as trombetas! Está pronto, após dois anos de deliberação, o novo álbum dos **Pretenders.** Ou melhor, o primeiro disco da nova banda que **Chrissie Hynde** batizou de Pretenders — da formação anterior sobra apenas o guitarrista **Robbie McIntosh.** Entraram o baixista **T. M. Stevens** e o baterista **Blair Cunningham,** ambos negros. O disco foi produzido pelos mesmos **Jimmy Iovine** e **Bob Clearmountain** que pilotaram o *Once Upon A Time*, do Simple Minds. **Steve Lillywhite** produziu uma faixinha: uma versão de "Room Full of Mirrors", de **Jimi Hendrix.**

SIOUXSIE NO BRASIL!

Foto LFI

A grande dama do rock inglês vem aí

Até que enfim! Adivinhe quem vem por aí? **Siouxsie and the Banshees.** Não engasgue, é isso mesmo. Serão cinco shows. Em São Paulo, dias 27 e 28 deste mês, no Anhembi. Em Santos, dia 29 de novembro, no Clube Caiçara. E, finalizando, Rio, dias 30 de novembro e 1.º de dezembro, no Canecão.

Tem gente que diz que só acredita vendo. A **WTR,** responsável pela vinda, jura que é verdade.

PIL X PUNKS

Foto Tom Sheehan/LFI

Lydon: paulada no ex-pai do punk

Barra-pesada, a turnê do **PIL** pela Europa, com **John Lydon** e banda encarando no peito a fúria dos punks que vão aos shows para manifestar seu repúdio a quem consideram "traidor do movimento".

Em Viena, foi a vez de **John McGeoch** — um dos maiores guitarristas de sua geração, tendo passado pelo **Magazine, os Banshees** e o **Armoury Show** — levar quarenta pontos no rosto após ser atingido com uma garrafa de vinho de dois litros.

Moral da história: o resto da excursão foi cancelado.

ROCK GAÚCHO A TODA

Foto Eunice Salles

Os Engenheiros, com Nei Lisboa no centro

O rascunho do LP *Rock Grande do Sul* saiu da primeira edição do Festival Rock Unificado — ano passado em Porto Alegre. A segunda edição aconteceu dia 13 de setembro, com a participação de doze bandas e o Ginásio Gigantinho lotado (mais de 10 mil pessoas). Duas bandas **(Erga Omnes** e **Curto Circuito)** praticamente estreavam, e as demais aproveitaram a lotação para apresentar músicas novas ou pouco conhecidas.

O maior destaque foi a ousadia do **DeFalla,** que subiu ao palco acompanhado por uma pequena cozinha de samba: um surdão, duas tumbadoras, repinique e caxela, levando um ritmo inacreditável (funk-samba-tribal?). Também pesaram as participações especiais: **Fugueti Luz,** ex-integrante do Bicho da Seda (maior projeção do rock gaúcho nos anos 70), cantando com a **Bandallera,** e **Nei Lisboa** ao lado dos **Engenheiros do Hawaii.** Nei participa do LP do grupo cantando "Toda Forma de Poder". E também anda na mira da RCA.

A noite foi longa. Os **Replicantes** foram a penúltima banda a se apresentar e ainda assim o público pediu bis. Momento quente também foi a apresentação da **TNT,** quando todo o Gigantinho cantou junto "Entra Nessa". Tudo visto dos bastidores por Tadeu Valério, "agente" da RCA que também cumpriu outras "missões": ir à estréia dos **Cascaveletes** e ouvir uma fita do **Apartheid.** Ou seja: 87 vai continuar agitado para o rock gaúcho.

REGGAE IN THE URSS

O reggae invade a União Soviética: o UB40 começou em outubro uma mini-turnê em território russo, com shows em Moscou, Minsk e Leningrado. Toda a turnê será transformada num documentário em vídeo.

SHOW BIZZ

Foto Farley Pictures Ltd

Um pacotão de Natal com Bruce

BRUCE E O POLICE ENGORDAM O NATAL

Saem lá fora, este mês, os produtos que devem ser os grandes estouros de vendas no Natal, segundo a previsão da indústria fonográfica.

O primeiro, *Bruce Springsteen and the E Street Band, 1975-1985* é nada menos que uma caixa com *cinco* discos de registros de shows do Chefão ao longo de uma década. Acompanha um livreto de 36 páginas com fotos mil e letras de todas as quarenta e poucas canções incluídas no pacote.

O segundo é a coletânea de compactos do **Police,** *Every Breath You Take — The Singles*, com uma nova versão de "Don't Stand So Close To Me", gravada recentemente (ver *Show Bizz* da edição 16).

OUÇA ESSA

"Não olhe para mim, não te conheço, não quero saber quem você é, sou o que sou, não preciso saber mais nada." *Vampirinho*, Punk SP

NINA NOIVA

Nina Hagen, interlocutora de ETs, virou também índia reencarnada. Este é um dos motivos que a levará ao altar nos braços de um estudante de 16 anos, chamado Lorenz Weber.

Freud explica... e a reencarnação ajuda. E que, segundo ela, ambos foram índios em vidas anteriores e está. E mais: há uma geração, ele era pai de Nina e, antes, ela foi sua mãe. Por isso o casamento se realizará na reserva da tribo hopis, na virada do ano.

Misticismo à parte, o rapazinho, caso queira, já tem seu lugar garantido como guitarrista na banda da futura esposa.

U2 E 1987, OS NOVOS ESPECIAIS

São dois os especiais da BIZZ que chegam às bancas em novembro. O primeiro (dia 11) é uma revista-poster com toda a história do **U2**, recheada de fotos inéditas e com as últimas sobre o grupo. O segundo é um calendário para 87 com aniversários de todos os stars, superstars e ministars e datas importantes na história do rock'n'roll, junto a uma detalhada retrospectiva deste ano. O Calendário Retrospectiva vai para as bancas dia 18.

Foto Island Art

O U2, focalizado no especial da BIZZ

FESTA DE ARROMBA

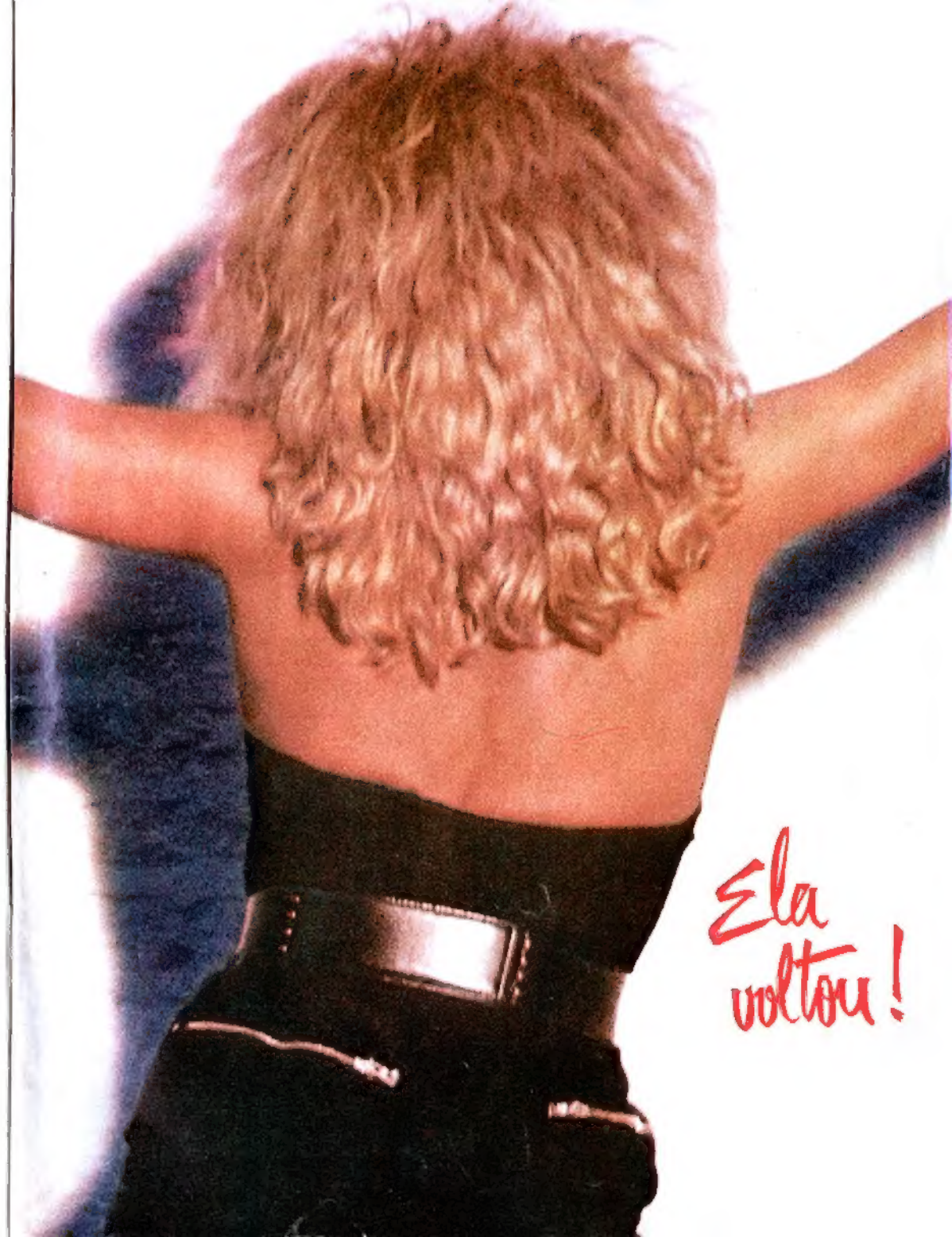
Foto Ivana Dantas

Rita & Roberto: depois de muita especulação, um contrato com a EMI Odeon

Rita Lee e **Roberto de Carvalho** arrombaram a festa comemorativa do contrato assinado com a EMI-Odeon, no dia 30 de setembro, na piscina do Copacabana Palace. A dupla dinâmica apresentou uma performance bregachic, ao som de "Blue Moon" e "Cheek to Cheek", entre outras, num palco armado em meio à piscina. Em seguida, mergulharam na própria, acompanhados por um balé aquático (!). Inesquecível e muito original. No dia seguinte, refeitos das emoções da *night before* e instalados na mesma suíte presidencial que já abrigou *rockers* como Mick Jagger e Rod Stewart, Rita e Roberto contaram algumas coisas a respeito da novela da contratação e dos planos para o futuro.

Quanto ao novo trabalho, não pretendem fazer regravações. Se pintar, só "Blue Moon" — que ainda não decidiram se será em inglês ou em português. Eles possuem várias músicas não aproveitadas em discos anteriores. Uma música que não combinava com o clima de um disco passado pode ter a ver com o de hoje. Uma coisa já está decidida: o disco terá um lado mais dançante e pauleira e outro romântico, aberto a boleros e foxtrotes. Procurarão agradar a todos, pois geralmente as músicas que o casal mais curte são as menos comerciais.

Rita anunciou sua candidatura à Prefeitura de São Paulo no ano 2000. Ela garante que até lá não mudará de idéia, e vai aprendendo coisas para desenvolver sua campanha, que terá como base o combate à poluição e o lema "Po pará, São Paulo". Rita quer continuar com suas atividades paralelas — ela faz o programa *Rádio Amador* e escreveu o livro infantil *Dr. Alex* — e quem sabe trabalhar com cinema e teatro. Apenas dará um tempo no programa de rádio, pois as outras emissoras confundem as coisas e deixam de tocar suas músicas. Enquanto estiver divulgando o novo trabalho, o programa sai do ar no Brasil, mas estará sendo transmitido em Buenos Aires e outras capitais latino-americanas, em português mesmo, com toques portunhol e portinglês. Rita anda encantada com a cantora **Annie Perec**, que ela garante que vai dar o que falar, e com os punks e hard cores como **Olho Seco** e **Ratos de Porão**.



BOTA-FORA GENERALIZADO

Disposta a lançar apenas trilhas sonoras de novelas e afins, a **Som Livre** dispensou todo seu elenco artístico.

O destino de alguns deles, porém, já está traçado — **Cazuza** e **Ivan Lins** foram para a Polygram, enquanto **Agepê** e **Rita Lee** fecharam com a EMI-Odeon. O restante — **Jorge Ben, Barão Vermelho, Eugenia Melo e Castro** e **Fafá de Belém** — encontra-se em compasso de espera.

Além das trilhas de novelas, há projetos na gaveta para um futuro próximo, o mais interessante deles semelhante ao trabalho desenvolvido por **Marcus Pereira** nos anos 70 — financiar artistas de nome para correr o Brasil, pesquisando sons regionais para gravações. Também não está descartada a possibilidade da gravadora comprar fitas matriz de grupos novos e produzir os respectivos vinis.

Segundo consta, os motivos para toda essa mudança seriam dois. (1) A Som Livre se cansou de trabalhar diretamente com *artistas*. (2) A gravadora não tem condições de competir com as multinacionais, por não ter representantes no exterior, além de depender delas para a cessão de fonogramas para suas trilhas.

Foto Fraser Sipe Press

Depois de Roger, Andy caiu fora

MAIS UM TAYLOR FORA DO DURAN

Enfim, alguma notícia precisa sobre o sai-não-sai de **Andy Taylor** do **Duran Duran**...

Apesar de estar lançando este mês seu primeiro LP solo — na data de fechamento desta edição ainda sem título —, Andy participa do LP que os Duranies estão gravando já há meses, com seu novo baterista **Steve Ferrone**. Encerradas as gravações, porém, o guitarrista parte definitivamente em carreira solo, deixando uma vaga livre no grupo *new romantic* que maior sucesso conquistou neste querido planeta.

O MADNESS JÁ ERA

Foto BIG LIL

Os alopradas rapazes do Madness, acabando com a banda quando acabou a graça

De repente, não mais que de repente — na primeira semana de setembro —, o selo inglês Zarjazz soltou um comunicado à imprensa para anunciar o fim do **Madness**.

O grupo surgiu em 1978, junto com o movimeto *two-tone* — um revival anti-racista do ska, junto a bandas como os **Specials, Selecter, Beat** e **Bad Manners**. De seus oito LPs, apenas o último — *Mad Not Mad* — foi lançado aqui, ainda este ano, apesar de terem tido um hit no Brasil, com o compacto "Our House", em 83.

Segundo o comunicado, "tudo tem a ver com uma declaração de um dos membros da banda, há cerca de um ano: 'Quando não estivermos mais nos divertindo, acabamos com a banda'. Foi isso que eles fizeram".

PROJETO ANTI-HERÔ

Na primeira semana de setembro, dúzias de músicos ingleses entraram no Abbey Road — um dos mais famosos estúdios de Londres. Entre a turma, estavam **Holly Johnson** (Frankie Goes to Hollywood), **Sugga** (Madness), **Fish** (Marillion), **Tom Bailey** (Thompson Twins), **Dave Stewart** (Eurythmics), **Ringo Starr** e o **Alarm**.

Desta primeira sessão, saiu o compacto "Live-in World", que deve integrar todo um LP destinado a arrecadar fundos e divulgar uma nova campanha contra a heroína.

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

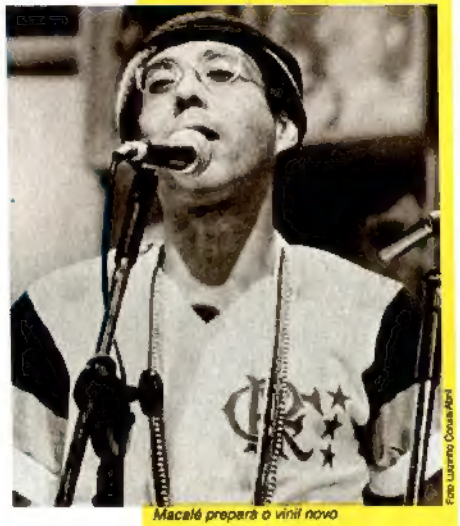


Foto Lucinho Conde/AM

Macalé prepara o vinil novo

Algumas gravadoras saem de férias, enquanto outras agitam seus estúdios neste final de ano.

A Polygram coloca **Ritchie, Crime Perfeito** (banda de jazz-rock) e **Tom Jobim** em estúdio. O disco de Tom terá lançamento simultâneo em todo o planeta, também em compact-disc. A RCA entra com **Roupa Nova, Beth Carvalho, Jorge de Altinho, Nando Cordel** e **Maria Inês** em estúdio. Já a Continental ataca de **Magazine, Sossega Leão, Olívia Byington, Jards Macalé** e as **Escolas de Samba** para as trilhas carnavalescas.

Do lado da Odeon tem **Dulce Quental, Finis Africae** (Porão BIZZ 12) e **14 Bis** esquentando os motores. A CBS fica com **Nau** (Porão BIZZ 9), e os **ex-Metrô**, todos produzidos por Luiz Carlos Maluly. Na Copacabana entram **Exporta Samba, Leci Brandão, Criolo Doido** e **Benito di Paula**.

NATIONAL RX.

COM VOCÊ, POR AÍ.

- 20 watts de potência
- Rádio FM/MW/SW1/SW2
- Tape deck com mecanismo suave e silencioso
- Equalizador gráfico com 3 faixas de freqüência
- Sistema de mixagem
- Entrada auxiliar
- Caixas acústicas destacáveis
- Funciona a pilha ou a luz

A National está lançando o seu novo portable stereo system, o RX-C37. Que você pode chamar de RX.

Com ele você sai por aí, levando o seu som para qualquer lugar. Você pode deixar no quarto, pode levar para a praia, para o campo. Ou para qualquer outro lugar que você agitar.

Ele vai onde você for. Funciona a pilha ou a luz.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

National

O som que faz seu ambiente

PARADA BIZZ

CONVENÇÕES
( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

LEITOR! SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE NA PARADA BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 2372, dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1	(1)	*Top Gun* — **Trilha Sonora do filme**	(Columbia)
2	(2)	*True Blue* — **Madonna**	(Sire)
3	(9)	*Back in the High Life* — **Steve Winwood**	(Island)
4	(N)	*Eat'Em and Smile* — **David Lee Roth**	(Warner Bros)
5	(7)	*Raising Hell* — **Run D.M.C.**	(Profile)
6	(3)	*Invisible Touch* — **Genesis**	(Atlantic)
7	(N)	*Dancing on the Ceiling* — **Lionel Richie**	(Motown)
8	(N)	*The Bridge* — **Billy Joel**	(Columbia)
9	(4)	*So* — **Peter Gabriel**	(Geffen)
10	(5)	*Control* — **Janet Jackson**	(A&M)

Compactos (EUA)

1	(9)	"Take My Breath Away" — **Berlim**	(Columbia)
2	(N)	"Stuck With You" — **Huey Lewis & The News**	(Chrysalis)
3	(7)	"Dancing on the Ceiling" — **Lionel Richie**	(Motown)
4	(N)	"Friends and Lovers" — **Carl Anderson & Gloria Loring**	(Carrere)
5	(3)	"Higher Love" — **Steve Winwood**	(Island)
6	(6)	"Venus" — **Bananarama**	(London)
7	(N)	"Walk this Way" — **Run D.M.C.**	(Profile)
8	(N)	"Words Get in the Way" — **Miami Sound Machine**	(Epic)
9	(N)	"Sweet Freedom" — **Michael McDonald**	(MCA)
10	(N)	"Dreamtime" — **Daryl Hall**	(RCA)

LPs (GB)

1	(N)	*Now That's What I Call Music Vol. 7* — **Vários**	(EMI-Virgin)
2	(1)	*True Blue* — **Madonna**	(Sire)
3	(10)	*Dancing on the Ceiling* — **Lionel Richie**	(Motown)
4	(N)	*Silk and Steel* — **Five Star**	(Tent/RCA)
5	(4)	*Revenge* — **Eurythmics**	(RCA)
6	(5)	*A Kind of Magic* — **Queen**	(EMI)
7	(N)	*Graceland* — **Paul Simon**	(Warner Bros)
8	(2)	*Into the Night* — **Chris De Burgh**	(A&M)
9	(N)	*Break Every Rule* — **Tina Turner**	(Capitol)
10	(N)	*Slippery When Wet* — **Bon Jovi**	(Vertigo)

Compactos (GB)

1	(N)	"Don't Leave Me this Way" — **The Communards**	(London)
2	(N)	"We Don't Have To" — **Jermaine Stewart**	(10/Virgin)
3	(2)	"I Want To Wake Up With You" — **Boris Gardiner**	(Revue)
4	(N)	"Glory of Love" — **Peter Cetera**	(Full Moon)
5	(N)	"Rage Hard" — **Frankie Goes to Hollywood**	(ZTT)
6	(N)	"Brother Louie" — **Modern Talking**	(RCA)
7	(N)	"(I Just) Died in Your Arms" — **Cutting Crew**	(Siren/Virgin)
8	(N)	"Human" — **The Human League**	(Virgin)
9	(N)	"Word Up" — **Cameo**	(Club)
10	(N)	"Holiday Rap" — **Mc Miker "G" & Deejay Sven**	(Debut)

LPs Independentes (GB)

1	(N)	*The Singer* — **Nick Cave and the Bad Seeds**	(Mute)
2	(1)	*The Queen is Dead* — **Smiths**	(Rough Trade)
3	(4)	*High Priest of Love* — **Zodiac Mindwarp**	(Food)
4	(N)	*Ungovernable Force* — **Conflict**	(Red Rhino)
5	(3)	*The Gift* — **The Sisterhood**	(Merciful Release)
6	(2)	*Giant* — **The Woodentops**	(Rough Trade)
7	(N)	*Watch Your Step* — **Ted Hawkins**	(Windows of the World)
8	(N)	*Thunderhead* — **The Janitors**	(Intape)
9	(6)	*Step on It!* — **Bogshed**	(Help Yourself)
10	(N)	*Holy Money* — **Swans**	(K422)

Compactos Independentes (GB)

1	(N)	"A Question of Time" — **Depeche Mode**	(Mute)
2	(2)	"Panic" — **Smiths**	(Rough Trade)
3	(1)	"Like a Hurricane" — **The Mission**	(Chapter 22)
4	(N)	"Tokyo Storm Warning" — **Elvis Costello**	(Imp)
5	(N)	"Heard it All" — **Sodines**	(Creation)
6	(N)	"Come Here My Love" — **This Mortal Coil**	(4 AD)
7	(5)	"Serpentes Kiss" — **The Mission**	(Chapter 22)
8	(N)	"Shame of the Nation" — **New Order**	(Factory)
9	(4)	"Wild Child" — **Zodiac Mindwarp**	(Food)
10	(N)	"I'm on Fire" — **Guana Batz**	(ID)

Fontes: Cash Box e Billboard (EUA), New Musical Express e Melody Maker (GB) publicadas entre 06/09/86 e 27/09/86

Esta moda pega bem em qualquer estação.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

Rádio-Gravador Stereo Slim.

Nos últimos tempos muitas tendências de som entraram na moda.
Mas existe uma que está entrando para ficar: o novo som Sharp.

O Rádio-gravador Stereo Slim faz parte dessa nova coleção de aparelhos de som Sharp. Ele é jovem e descontraído.
Uma moda para você usar em qualquer ocasião.
O modelo pode vir nas cores branca ou vermelha. Tanto faz, porque o QT-128 agrada de qualquer jeito. Ele tem 4 faixas de onda: AM, FM, SW_1 e SW_2. E graças ao sistema de Sintonia Fina é possível ouvir as ondas curtas com muito maior nitidez.
O Loudness é incorporado ao controle de volume. Com isso, os graves e agudos aparecem com limpeza e perfeição.
mesmo quando você abaixa o som.
O recurso stereo wide amplia as sensações de espaço proporcionado pelas transmissões em FM stereo. Um realce a mais do QT-128. Além disso, ele tem potência para acompanhar você onde for: 14 watts. E pode funcionar tanto a pilha como a energia elétrica.
Mas o melhor de tudo é que o Rádio-gravador Stereo Slim tem um detalhe que nunca vai sair de moda: a qualidade e a tecnologia do novo som Sharp.

SHARP

A Tecnologia que você ouve.

THE BEST OF THE DOORS (WEA)

A agulha pousa na primeira faixa do lado um do primeiro disco (trata-se de um duplo) e John Densmore sai batucando um sambinha. Ray Manzarek dispara, no teclado, o baixo propulsor e aí vem a voz: "You know the day destroys the night, night divides the day... Tried to run, tried to hide... Break on through to the other side!"

"Break on Through" abre também o primeiro LP do grupo, lançado há quase vinte anos (jan./fev. 67), e o vídeo "Dance on Fire", com um dos primeiros clips da história, um exercício expressionista que envelheceu como vinho francês. Como, aliás, toda a obra dos Doors... toda não, digamos que os fundamentais sejam — além do primeiro (*Discoteca Básica* de BIZZ 5), *Strange Days*, *L.A. Woman*, *Absolutely Live* e *An American Prayer*. Aliás, estes dois últimos não estão representados nesta coletânea quase perfeita — nem deveriam, são casos/obras à parte que precisam ser ouvidos por inteiro.

Por outro lado, entram as faixas luminosas de LPs menos inspirados — "Five to One" de *Waiting for the Sun*, "Touch Me" de *Soft Parade* e "Roadhouse Blues" de *Morrison Hotel/Hard Rock Café* (este, talvez, o ponto mais baixo da carreira deles).

Se *The Best of the Doors* (com todas as faixas cortadas novamente pelo processo digital) só incluísse os dois épicos da banda — "When the Music's Over" e "The End" — já valeria seu preço. No terreno baldio de cultura adolescente que é o rock, as duas estão fincadas como o monolito de *2001*. Aos neófitos, recomenda-se a leitura de *No One Gets Out of Here Alive*, a biografia de Morrison (há uma edição portuguesa): sua vida é outra obra de arte. *J.A.L.*

INVISIBLE TOUCH – Genesis (RCA)

As meticulosas filigranas que eram a marca registrada dos primórdios do Genesis foram substituídas por ritmos marcados, agressivos, e por melodias marcantes e facilmente memorizáveis. Em poucas palavras, o Genesis caiu de boca no pop.

Esta guinada rendeu bons discos e enorme popularidade. Mas este *Invisible Touch* parece preguiçoso perto de *Abacab* (para citar o próprio grupo) e uma mera sombra dos super-hits de Phil Collins. Até mesmo os Mechanics de Mike se saíram melhor.

A faixa-título e "Throwing It All Away" são os pontos fortes (pop desavergonhado e musculoso). *J.E.R.*

LABYRINTH — David Bowie (EMI-América)

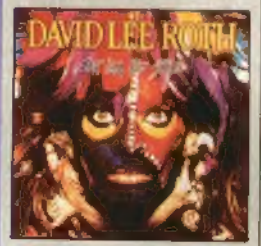
Bowie continua a brilhar no cinema, agora como estrela principal de *Labyrinth*, a nova superprodução de George Lucas, dirigida por Jim Henson (o criador dos Muppets).

Enquanto o filme não vem, você pode se contentar com a trilha sonora original do filme que a gravadora antecipa no mercado. O ator escapa da tela e entra no estúdio para representar o papel de músico, compositor e arranjador, contribuindo em quase todas as faixas do disco (as outras são instrumentais de Trevor Jones).

Em "Underground", Bowie contrasoneira seu vozeirão e vocais de fundo de Cissy Houston, Chaka Khan e Luther Vandross, embalando contagiante toque gospel à música. *C.A.*

THE BEST OF B.B. KING (WEA)

A gravadora continua aproveitando a passagem do mestre do blues por aqui, em agosto. A antologia traz três músicas do último lançamento, *Live at Cook County Jail* (a saber, "How Blue Can You Get", "Sweet Sixteen" e "The Thrill is Gone". E deixa de lado sucessos como "Worry, Worry, Worry", presentes em quase todas as apresentações da banda. De resto, há até blues de branco ("Hummingbird", de Leon Russel, o pianista branco que já tocou com os Stones), e a habilidade e tranqüilidade com o instrumento adquiridos pelo Blues Boy King em suas décadas de estrada. Com a boa utilização dos metais (introduzida no blues por T. Bone Walker), B.B. King cumpre o que promete: um delírio para os blueseiros. *J.E.M.*



EAT 'EM AND SMILE – David Lee Roth (WEA)

David não marcou. Ele sabia que para enfrentar seu ex-grupo, o Van Halen, com categoria, teria que caprichar. E, para tanto, pegou o guitarrista Steve Vai (ex-Zappa e Alcatraz), que logo na faixa de abertura, "Yankee Rose", dá um show, fazendo seu instrumento até "vocalizar" junto a David. Mas não é só de pauleira que vive Roth. O LP tem de tudo: hard, swing, heavy, R&B, rock tradicional, boogie-woogie e até orquestra. É uma continuação de *Crazy from the Heat*, do ano passado.

Vai tocar em FM, e muito *headbanger* vai arrotar em cima. Mas, apesar dos grunhidos e das comercialidades, é um bom disco, com um bom trabalho de baixo e bateria. *L.R.*

BIG & BEAUTIFUL — Fat Boys (WEA)

Nestes últimos anos o funk também teve sua explosão *new wave*, com o surgimento de grupos e estilos totalmente contrários aos *mellows* e pós-discothèques até então reinantes. Do super-*rapper* L. L. Cool J ao heavy-funk do Run-D.M.C., muita coisa boa pintou. Entre os bons desse novo time estão os Fat Boys, que numa comparação brincalhona estão para o funk atual como o também trio de gordos Hüsker Dü está para o rock.

Em sua estréia brasileira, tratados um pouco com descaso pela gravadora, eles abrem o salão com uma homenagem "racha-coalho" a James Brown, em uma nova versão para "Sex Machine", e daí em diante arrotinham qualquer festa-baile com mais oito faixas. É *Krush Groove* total. *T.L.*

BREAK EVERY RULE — Tina Turner (EMI-Odeon)

Superar *Private Dancer* — o álbum que elevou Tina Turner da categoria de sobrevivente a superstar — talvez estivesse nas cabeças de Tina e seu empresário (Roger Davies, sobre o qual fala-se muito na pág. 44). Afinal, *Break Every Rule* bebe das mesmas fontes de que se nutriu o álbum anterior. Mas não é mera repetição de fórmula. Se tanto, a reconvocação de conhecidos arquitetos musicais provou que Tina poderia ir muito mais além do que *Dancer* ameaçara.

Como em "Girls", por exemplo, presente de Bowie, o David: aqui Tina exercita o perigo. Ou em "I'll Be Thunder", a faixa que encerra o álbum com coruscantes pirotecnias vocais. E em "What You Get Is What You See" ela reedita o calor de "Steel Claw", num rockão básico e levado. Aos 48 anos, Tina pode crescer mais ainda. *J.E.R.*

EMERSON, LAKE AND POWEL — (PolyGram)

Grupos que marcam época deviam estar mais atentos ao momento oportuno de encerrar a carreira e ficar na história em grande estilo.

Ao lado de *King Crimson*, e *Yes*, entre outros, Emerson, Lake e Palmer foram pioneiros do rock progressivo.

O trio pós no vinil um repertório de importância indiscutível. Ouçam "Tarkus", "Trilogy", ou a versão tecno do clássico de Mussorgsky, "Pictures at an Exhibition".

A troca de Palmer, o ex-percussionista do grupo, por Powel, só foi providencial mesmo na semelhança sonora do nome.

Este lançamento é a prova de que, às vezes, é melhor sumir do mapa que decepcionar uma legião de fãs. *C.A.*

Em produção

GOSTO DO PRAZER — A Cor do Som (RCA)

Em tempos longínquos, a fusão baiana praticada pela Cor acertava o alvo em cheio: a combinação dos ritmos nordestinos, aliada ao talento instrumental dos músicos, criava uma opção inteligente de rock brasileiro. Fizeram sucesso, não só por roquinhos inofensivos, mas por trabalhos instrumentais de qualidade. O problema foi manter o pique: o grupo se viu na obrigação de fazer hits, perdendo a criatividade.

Esse disco traz mudança de time, com a entrada de dois irmãos de Pepeu (Jorge e Didi Gomes, na bateria e no baixo, respectivamente). O resultado é uma tentativa razoável de reeditar o clima do passado, mas meio sem cor. *A.D.*

KNOCKED OUT LOADED — Bob Dylan (CBS)

No verão setentrional deste ano, Dylan empreendeu uma de suas melhores excursões, levando a tiracolo Tom Petty & The Heartbreakers. De um lado, houve quem tivesse visto nos shows da turnê verdadeiras epifanias. Por outro, houve quem dissesse que Dylan, na verdade, estava precisando de um pouco de grana.

O mesmo tipo de reação — opostos viscerais para explicar uma mesma coisa — foi gerado por este álbum, gravado entre um show e outro da turnê. Para estes ouvidos que vos escrevem, no entanto, *Knocked Out Loaded* pode não ter altos focos; "Brownsville Girl" (co-escrita por Dylan, mais Sam Sheppard) pode ser complacente e pretensiosa demais; uma parceria com Carole Bayer Sager pode ser panaquice excessiva. Mas há quanto tempo Dylan não soa tão esperto, tão interessado, tão rock'n'roll? *José Emílio Rondeau*

A KIND OF MAGIC — Queen (EMI-Odeon)

O Queen virou especialista em trilha sonora para filmes. Começou em *Flash Gordon*. Depois de outros tantos agora é com o épico *Highlander*, representado em algumas faixas desse LP, sendo "One Vision" de outro filme, *Iron Eagle*. Arranjos perfeitos, cheios de (cine)efeitos o tempo todo, solos e vocais certeiros, mas e aquela batidinha de *funk de branco dançar* (para não chamar *disco*) que só visa o caminho das FMs comerciais? Tem também temas mais românticos, como "One Year Love" e "Who Wants To Live Forever", com Freed se destacando junto a belos solos de sax. Era o que faltava para uma bela cena de amor ao luar num filme piegas. Se não fossem algumas boas intervenções da guitarra de Brian May ia ficar tudo melado demais. Dá a impressão de que o Queen atualmente não passa de acompanhamento de Mercury, e a gente sabe que ele vai vender e tocar horrores, por isso não adianta esbravejar. E comprem suas pipocas e guloseimas. Boa matinée. *L.R.*

VIVENDO E NÃO APRENDENDO — Ira! (WEA)

O Ira! é um grupo inatacável. Não tanto pelo seu som — vigoroso, mas contra o qual poderiam pesar acusações de pouca originalidade — ou por suas letras — sinceras, mas eventualmente ingênuas. Acontece que o Ira! é um grupo *honesto* (com perdão do termo desgastado), um bom tapa na cara dos idiotas envolvidos nesse jogo mesquinho chamado "rock nacional". Não, não se ofenda: EUA e Europa também estão na merda. Mas, pelo menos, ela é invenção deles... Aqui, copia-se. O pior e o melhor, indiscriminadamente. O barato é o oportunismo, e dá-lhe "darks" versus "afros" versus... O que o Ira! tem a ver com isso? Nada.

Este segundo LP é consequência direta do anterior, fora os embaços e com o devido aprimoramento na produção. Um disco fluente, sem truques, sem destaques. Um dos melhores guitarristas do Brasil, Edgard, também bom vocalista; o vocal sólido de Nasi; o baixo poderoso e adequado de Gaspa; a bateria eficiente e gentil de André Jung; estilo próprio, ira tranqüila. As curiosidades são o arranjo para cordas de "Flores em Você", e "Gritos na Multidão" e "Pobre Paulista" gravadas ao vivo, repondo as broxadas mixagens (à revelia da banda) do primeiro compacto. O Ira! ajuda, antes de mais nada, a escrever a história que o rock brasileiro não tem. *A.A.*

BRING ON THE NIGHT — Sting (PolíGram)

Confesso que, na primeira audição do primeiro disco solo de Sting, *The Dream of the Blue Turtles*, tive uma reação semelhante à de muita gente: não é mais rock, mas ainda não é bem jazz. O disco ficou um tempo na estante até outras audições, que acabaram me revelando outras coisas. Como a densidade de música e letras e a fantástica voz de Sting em "Moon Over Bourbon Street", uma pequena obra-prima de fundo bachiano também presente neste novo LP, duplo e gravado ao vivo. As preocupações de Sting com elaborações mais jazzísticas já estavam presentes no quinto e último LP do Police, *Synchronicity*, gravado em 83. Depois disso, o baixista, a quem tanta gente acusa ter um ego de proporções insuportáveis, desapareceu do mapa para ressurgir, dois anos depois, de guitarra em punho e com uma banda de notável amplitude e cintura. O batera Omar Hamim veio do Weather Report. O tecladista Kenny Kirkland tocou com Marsalis (Wynton), Dizzie Gillespie e Elvin Jones. O baixista Darryl Jones tocava com Miles Davis. O sax Branford Marsalis passou por Art Blakey, Gillespie, Davis, Wynton e Clark Terry. Isto sem falar nas vocalistas Janice Pendarvis (ex-Glass, Laurie Anderson) e Dollete MacDonald (ex-Talking Heads etc). O resultado não é nem rock, nem jazz, nem a cansada e rebarbativa *fusion*. É uma música que gera um prazer provocado por muito pouca gente nestes últimos tempos de vacas magras, tanto numa área quanto na outra. Canções do Police, como "Tea in the Sahara" (com um teclado econômico e certeiro e uma delicada costura do sax ao fundo) e "Bring on the Night" ganham roupagens surpreendentemente novas. Outras, como "The Dream of the Blue Turtles", revelam um autor maduro, firme, dedicado.

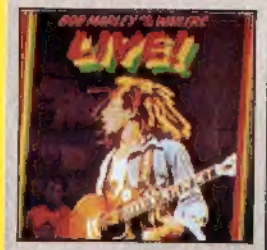
José Eduardo Mendonça

MINHA VIDA — Lulu Santos (RCA)

Lulu continua a desbravar um território inóspito (por paradoxal que possa parecer): o do pop nacional. Isso fica muito próximo do brega, e é por lá que muitas tentativas costumam se perder... Lulu não, ele acertou a receita.

Seu último LP, *Normal*, mais básico e pesado que os anteriores, rendeu dividendos. Por um lado, o tempero adequado para este simpático *Minha Vida*. Por outro, uma briga feia com sua ex-gravadora — da qual Lulu se desforra pesadamente em "Ro-Que-Se-Da-Ne" — e um humor aguerrido que permeia todo o disco.

A.A.



LIVE — Bob Marley & The Wailers (WEA)

Entre outras coisas, os shows de Marley no Lyceum, um teatro londrino, em 1975, lhe valeram a capa do *Melody Maker* e sua definitiva ascensão ao panteão pop. Uma apoteose, um exorcismo que teve bombástica participação da platéia e, de quebra, um dos melhores discos ao vivo da história. Só tem um porém... Este *Live* já havia sido lançado aqui, enquanto permanece inédito até hoje *Babylon by Bus* (outro "ao vivo" incendiário de Marley, só que duplo). Vamos aproveitar para completar o catálogo do filho predileto de Jah?

Aos neófitos, recomenda-se a leitura de *Catch a Fire*, de Stephen Davis, biografia que é alta literatura.

J.A.L.

BALANCE OF POWER — Electric Light Orchestra (CBS)

Com 15 milhões de discos vendidos no planeta, Jeff Lynne, o líder da ELO — e músico bem-sucedido nos resultados financeiros da *pop music* mundial —, considera este LP uma reviravolta no trabalho da sua banda elétrica.

Para a mudança desejada, trocou sua orquestra de trinta músicos "pela volta ao rock mais puro", em sua opinião.

A canção-chefe do disco, "Calling America", tem o mesmo clima de "California Dreams", dos Beach Boys.

Ao longo das dez faixas, um trabalho despersonalizado e bem ao gosto de quem não quer nada com nada enquanto ouve.

Baladas, canções relax, musak pra fundo de conversa. Pra não atrapalhar ninguém.

C.A.

HOME & ABROAD — The Style Council (Polygram)

Quando resolveu encerrar a carreira do Jam, em 82, para no ano seguinte formar o Style Council, aparentemente o cantor e compositor Paul Weller tinha dado uma guinada radical, mudando de contestador para careta. Mas só aparentemente. O Style Council, com toda a sua sonoridade *jazzy* e soul, é uma continuação das idéias do engajado politicamente Weller, só que usando uma roupa chique. Auxiliado por Mick Talbot, ele apresenta aqui, basicamente, parte do repertório de seus dois primeiros discos, mais dois singles, tudo registrado ao vivo na Inglaterra e na vizinhança européia. Bom para os fãs e ótimo para os que não conhecem.

T.L.

RIPTIDE — Robert Palmer (WEA)

Palmer era mais um branco com mania de preto que vagava pelo mundo se associando a artistas igualmente fanáticos por soul e por rhythm'n'blues (é legendária sua colaboração com o Little Feat, nos anos 70, no álbum *Pressure Drop*) e lançando álbuns individuais que eram cultuados por poucos mas fiéis fãs. Bom de repertório, sempre cantara como um furacão sob controle.

Até que se tornou o vocalista do Power Station, caiu no gosto das garotinhas de 15 aninhos e — catabum! — virou sucessão de massa. Neste seu primeiro disco da fase pós-Power, vale "Addicted to Love" e também a produção de Bernard Edwards.

J.E.R.

TEM GAROTO NOVO NO PEDAÇO.

Eles pesam 20, 50 e 200 gramas.

Como todos na família, têm recheios incríveis: castanhas-de-caju, passas, frutas cristalizadas e mil outras delícias.

E o mais gostoso nisso tudo é que você vai sempre encontrar um tempinho para eles. São ótimas companhias a qualquer hora do dia ou da noite.

Linha de tabletes Garoto. Uma nova geração de chocolates pintou no pedaço.

Chocolates Garoto

Tradição e qualidade de uma grande família.

LANÇAMENTOS

BACK IN THE HIGH LIFE — Steve Winwood

Não são minhas as palavras, mas assino embaixo: Winwood é o tipo de artista que consegue cantar a lista telefônica e transmitir, no processo, uma coleção de diferentes emoções. O lançamento do quarto álbum solo de Winwood evoca uma emoção mais específica: a de boas-vindas ao pop tecnolatino e romântico que Steve vem bunfando desde o tempo em que era o menino-prodígio do Spencer Davis Group.

É, sem dúvida, uma declaração de princípios amorosos e um brinde ao reingresso de Winwood ao topo de sua forma e à fileira de seus iguais. A produção de Russ Titelman dá foco apurado e mais ataque a hits garantidos: "Higher Love" (que já liderou a lista de compactos da *Billboard*), com os vocais fogosos de Chaka Khan e as guitarradas de Nile Rodgers; James Taylor balbuciando docemente a última frase da faixa-título; Winwood sacando do bandolim para uma dose ocasional de soul celta.

Bom companheiro para o Winwood/86 é o relançamento de *Low Spark...* um dos últimos (e melhores) álbuns do Traffic, banda que deu ao mundo, além de Steve, Jim Capaldi, Dave Mason e uma ala recheada de colaboradores ilustres. São apenas seis faixas. Mas, entre elas, pelo menos três clássicos: a faixa-título (imperdível!), "Hidden Treasure" e "Rainmaker".

José Emílio Rondeau

REVENGE — Eurythmics (RCA)

Quando forem publicadas as listas de melhores de 86, com certeza *Revenge*, dos Eurythmics, figurará na de melhores elepês. Trata-se do quinto trabalho (não incluindo a trilha de *1984*) do duo infernal Annie Lennox/David Stewart, que começou a carreira na virada desta década como The Tourists.

Na caminhada, já experimentaram o gélido tecno-pop de características alemãs, que os fez famosos mundialmente com *Sweet Dreams*, e depois pesquisaram as negritudes rock e soul americanas, com bastantes pitadas afro nos trabalhos subsequentes, *Touch* e *Be Yourself Tonight*. Com *Revenge* parece que eles chegaram à conclusão de uma fase. Aqui tem tudo do que já foi mostrado antes com doses de profissionalismo e genialidade imbatíveis. É só ouvir.

A decepção só fica a cargo da prensagem nacional, murcha em densidade sonora, botando quase por água abaixo os esforços de Dave e Annie. Sorte de quem tem o CD ou o importado. Ainda assim as faixas "Missionary Man", "Thorn in My Side", "When Tomorrow Comes", "Let's Go" e "I Remember You" compensam.

T.L.

BACK IN BLACK — Whodini (ECA)

Caceta! A crítica mais ranheta andou reclamando que o Whodini não tem, em seus arrasadores funks, a substância das letras de bandas como Run DMC e Kurtis Blow. E que não dá para distinguir seus raps uns dos outros. Mas, como prova em seu terceiro LP, o primeiro lançado aqui, o Whodini nem precisa destas letras (que poucos de nós vamos entender, de qualquer maneira) e mostra, como dizia nosso colegunha Escobar, um vigor de entortar cangotes. "Nós fazemos bandas com ritmo e ritmo com batidas", declara Jalil Hutchins no rap "Funky Beat". O trio usa repetições, ecos, scratches e um sortimento de maneirismos do hip-hop num LP que deve figurar em qualquer pista de dança que se ache digna deste nome. Pode até ser que as músicas sejam muito parecidas. Mas com este swing quem é que na verdade se importa?

J.E.M

DANCING ON THE CEILING — Lionel Richie (RCA)

Mais um melô-dramalhão-baulinho desta espécie de Barry Manilow negro de bigodão. *Say you say me saying all together, shit!* É como se você colocasse um computador/compositor ouvindo 24 horas seguidas a pior FM, e lhe pedisse para fazer um disco com uma síntese de tudo. Ao ouvir deturpações de suas raízes como o pseudo-reggae "Se Lá", os negros devem estar olhando para o céu e dizendo, como aqueles dos versos de Castro Alves: "Oh, Deus, onde estás que não respondes?" Se respondesse, Richie talvez despencasse do telhado de onde inventou dançar ("Dancing on the Ceiling"). O pior, certamente, em tanta baboseira, é o baladão "Ballerina Girl". Um LP perfeitamente dispensável.

J.E.M

HIPSWAY — (PolyGram)

Existem pencas de grupos pop, de toda parte do mundo, que surgem e desaparecem todo ano, após frequentarem paradas de sucesso e ganharem uma grana que garanta a aposentadoria (ou boas férias) até a volta com outro nome. Eles se chamam A-Ha, Go West, Wham!, Pet Shop Boys e até Hipsway.

Qual o critério pra chamar esses grupos de bons ou ruins? Não existe. O que existe é que eles dão ao povo o que ele quer: muita música bonitinha e perfeita, ídolos para as adolescentes e grana para as gravadoras. O Hipsway preenche bem esses requisitos, traz um disco bem produzido, um ótimo cantor e dois excelentes hits: "The Honey Thief" e "Ask the Lord". É tudo.

T.L.

BEBEL GILBERTO (WEA)

Quem viu Bebel ao lado de seu pai, João, cantando segura melodias difíceis em um especial da Globo, esqueça. Não se trata da mesma. A voz permanece igual; poderosa e promissora. Mas o repertório... Apesar de apoiada em músicos competentes, como Jorjão Barreto nos teclados e Téo Lima na bateria, Bebel aliou-se em parcerias com Cazuza e Frejat e produziu [illegible] como "Tomamos cerveja, queremos caminhos, sonhamos sozinhos" (em "Nós"), ou declarações como "Eu quero ser tua na lua" (em "Tua na Lua"). Ufa.

J.E.M

SOUND MACHINE PHILIPS
O SOM QUE FAZ VOCÊ VIAJAR
E VIAJA COM VOCÊ

PHILIPS

Atenção, passageiros para o emocionante mundo do som. Acaba de chegar Sound Machine, um micro-system portátil que traz a tecnologia de última geração Philips. A potência eletrizante de seus 20 watts PMPO vai fazer você decolar sem sair do chão. Suas caixas acústicas com Two Way Speaker System são cheias de [illegible] perfeitas para você deixar muito mais chocante a acústica do seu quarto ou sala de som. E com as caixas acopladas você tem toda a liberdade para transar o seu som no lugar e do jeito que quiser.

O tape-deck do Sound Machine tem tudo para fazer a sua cabeça: é controlado por teclas Soft-Touch — macias e muito precisas. O sintonizador tem 4 faixas para você curtir todas as ondas: OM, FM estéreo e duas faixas de ondas curtas que vão longe. Com os controles deslizantes você agita o volume, ajusta a tonalidade e comanda as graduações mono/stereo sem fazer força. O leve e compacto Sound Machine pintou com um som estéreo que faz você viajar. E viaja com você. Essa viagem tem a qualidade do som Philips.

SOUND MACHINE

SOM PHILIPS: A EMOÇÃO DA MÚSICA AO VIVO.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

GRACELAND — Paul Simon (WEA)

Intrigado com os sons que saíam de uma fita cassete emprestada por um amigo, em 1984, Paul Simon resolveu fazer uma expedição exploratória à África do Sul, em fevereiro de 1985. Descobriu muito mais que a inspiração e a energia para fazer, de seu álbum seguinte, um *statement* vigoroso de amor ao espírito renovador da música: descobriu um continente de informação, um oceano de vitalidade e uma enciclopédia de coincidências e cruzamentos culturais capazes de maravilhar qualquer um. Tudo isto está em *Graceland*, um dos melhores discos de 86, um banquete para fazer a alegria de todo mundo que acredita que o pop não tem fronteiras senão as da inteligência humana. Trabalhando com gentileza e humildade com diversos grupos e compositores sul-africanos — principalmente o grupo Ladysmith Black Mambazo e seu líder, Joseph Shabalala — e com a colaboração de outros solistas e instrumentistas tão diversos quanto a guitarra esgarçada de Adrian Belew e a *steel-guitar* juju/rockabilly de Demola Depoju (do grupo de King Sunny Adé), a percussão senegalesa de Youssou N'Dour, os metais funky do estúdio Hit Factory, o acordeão *jive* de Forere Motlohelos e as sonoridades cajun do grupo Good Rockin' Dopsie and the Twisters e americano-mexicanas do Los Lobos, Paul Simon reconstruiu uma verdadeira Atlântida musical, território comum entre África e América, *jive* e rockabilly, gospel e doo-wop e township jive, juju e cajun, Soweto e Memphis, Tenessee. *Graceland* é uma aventura, um convite generoso a todos os que têm cabeça aberta para entender. *Ana Maria Bahiana*

DEZESSETE BIG GOLDEN HITS SUPERQUENTES MAIS VENDIDOS DO MOMENTO — Língua de Trapo (RGE)

"Quem quiser publicar o nome inteiro do disco, decerto irá estourar sua matéria ou preterir informações importantes", diz o release... *e eu gasto ainda mais seis linhas para repetir isto*. Na verdade, não há mesmo muito a dizer.

O Língua é mais um expoente da piada-canção, que se apropria de qualquer gênero - rock, bolero, samba, tecnopop, brega - para uma boa gozação. Seu terceiro LP está muito eficiente (e superproduzido: 24 canais, mais de vinte músicos convidados, além do septeto), inovando na utilização humorística dos recursos de estúdio. Há uma faixa com quarteto de cordas em um canal, voz no outro e a sugestão de que você os ouça separadamente. Há outras músicas muito engraçadas, como "Hitler (ou: Foi Tudo Exagero da Imprensa)". Mas que boa piada resiste a mais de três audições? *A.A.*

QUADRO VIVO — Kiko Zambianchi (EMI-Odeon)

Kiko enveredа agora por um arremedo da cultura dark inglesa com portentos poéticos (?) como "Somos parte de um futuro errado que tentaram nos impor" (em "Estranho Prazer", onde há ecos de Bunnymen), ou "O homem está sempre à mercê de sua sorte" (em "Imaginação", uma qualidade que falta muito no disco). Ou ainda "As flores não iriam nascer se soubessem o destino" (em "Mais uma Folha no Chão", com ecos do Cure). Sobram resquícios de Heaven 17 e Beatles na psicodélica (?) "Fly" e de um popismo hippie em "Naufrágio" — que, mais apropriadamente, poderia ser o título do LP. Kiko diz em outra faixa, talvez numa autocrítica, "Não sei se estou bem certo, nem sei se deveria estar". O disco deve vender. Afinal, a faixa-título é hoje tema da novela das oito na Globo. E contém mais uma confissão: "É tão escuro e cada dia escurece mais" Luz! Mais luz! *J.E.M.*

CANDY APPLE GREY — Hüsker Dü (WEA)

Das gravadoras independentes de fundo de quintal para o mundo, um power trio que agradará a roqueiros de todas as facções (os hardcores americanos já aprovaram) com seu som simultaneamente agressivo e suave: Hüsker Dü. Não o subestime.

É possível um grupo lembrar tanto os Beatles quanto o Black Flag e ainda assim ser totalmente diferente destes? É possível um grupo de três interioranos numa época tão tecnológica, munidos apenas de baixo, bateria e guitarra, produzir um som que cause tanta fissura com apenas audição de uma música? Pode acreditar que o Hüsker Dü consegue. Da crítico-social "Crystal" — que abre o disco com uma porrada — em diante, é um prazer completo. Meus amigos, nem tudo está perdido. *T.L.*

PRESS TO PLAY — Paul McCartney (EMI-Odeon)

Talvez fosse disto que o velho Macca precisava para neutralizar a dormência criativa que o vinha atacando: cabeças diferentes, opiniões externas. Pete Townshend, Phil Collins, Carlos Alomar (guitarrista de Bowie), Eric Stewart (ex-10 cc) e zilhões de artistas de primeiro escalão deram sua contribuição ao melhor disco de Paul desde ... quando, mesmo?

Com Eric Stewart repartindo a parceria em 60% das músicas e Hugh Padgham polindo uma produção ultra-moderna, Paul ressuscitou Duran? *J.E.R.*

CRIAÇÕES E RECRIAÇÕES — Martinho da Vila (RCA)

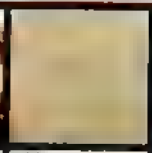
É difícil encontrar alguma novidade na linha do partido alto, já que ele é feito de harmonias, melodias e letras de grande simplicidade. Mesmo assim, neste território, Martinho, que já foi muito esnobado pela crítica e há alguns anos endeusado por Gilberto Gil, dá de dez, mostrando sempre um trabalho irretocável. Uma espécie de Jorge Ben - sempre parecido, mas sempre bem feito. Destaques para "Odiê, Otilá", um ponto ponto de umbanda recheado de percussão afro, e "Retrós e Linhas", na qual uma letra interessante utiliza a terminologia do corte e costura para condenar as relações baseadas na mentira. *J.E.M.*

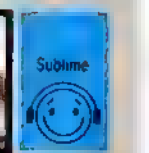
Está na moda. Está na Sears.

PRIMAVERA VERÃO
Sears

Andaram espalhando por aí que sou o inimigo n.º 1 do metal, Balela! Sou inimigo do lixo, seja lá qual for a embalagem da *basura*. Querem ver? Dois álbuns heavy andaram passeando com certa liberdade por meu toca-discos, cada um por determinada razão. O washingtoniano **Queensryche** (no sentido de natural de Seattle) chama a atenção por ter adquirido praticamente todos os maneirismos das bandas heavy européias, característica tornada clara em **RAGE FOR ORDER** (EMI). O também americano **Keel** caiu nas graças do linguarudo **Gene Simmons**, e o álbum **THE FINAL FRONTIER** — produzido por Gene — é um sofisticadíssimo espécime de heavy *state-of-the-art*. Também chega (com certo atraso) por estas plagas o álbum **HEAR'N'AID** (Polygram), onde 40 estrelas do metal dão sua contribuição à guerra contra a fome na África. Viram como não falei *uma* palavra derrogatória ao metal? Isto posto, voltemos aos discos. ⊗ O velho homem do sintetizador meditativo, **Kitaro**, continua meditativo e bem chatinho. Mas tem gente que gosta. Parece que este **TOWARDS THE WEST** (Polygram) é bastante admirado pelo **Roupa Nova**. Na rebordosa do *Free Jazz*, a coletânea **OS GRANDES SUCESSOS DE RAY CHARLES**, Som Livre) concentra num super-shake sonoro tudo aquilo que **Ray Charles** devia ter cantado (algumas ele até cantou), e mais um pouco. ⊗ Veteranos porém levadinhos, **KLEITON e KLEDIR** (Polygram), autoproduzidos e com colaborações de **Vítor Ramil** (como na bela faixa "N"), estão apontando para novas (boas) direções. O **Moody Blues** (**THE OTHER SIDE OF LIFE**) tornou mais popular o seu já pop glacê progressivo. É, basicamente, a mesma coisa que o grupo vem fazendo há cacetadas de anos, só que agora com mais cabelos brancos e banha pendurada no jeans. Mas vá lá, dá uma boa grana. ⊗ O **Sempre Livre** foi reformado para este mini-LP. E o melhor desta geral é a gostosa voz de **Tônia** (atenção nela!). Os gaúchos **Os Eles** estreiam com um LP cheio de boas intenções (**AS VEZES SE PERGUNTAM**, Independente), mas sem foco. Espero o seguinte. ⊗ No departamento de trilhas, o pessimo *brie-a-brac* de **Marcos Resende** para **POR INCRÍVEL QUE PAREÇA** (EMI) é o ponto baixo. O alto é a bela pesquisa de **Quincy Jones** para **A COR PÚRPURA** (WEA). É isso. *J E R*

BOLSA DE DISCOS





	STAND NA DA BEACH The Cure (Polygram)	UÓS Legião Urbana (EMI-Odeon)	ALBUM Pl... (RCA)	RADIO PIRATA AO VIVO RPM (CBS)	SO Peter Gabriel (RCA)	...GENIAME O... AS RE... (som livre)
Carlos Arruda			•		•	
José Augusto Lemos				•		
Alex Antunes						
José Emílio Rondeau			•			•
José Eduardo Mendonça						
Tom Leão						•
Leopoldo Rey						•

Sublime
Bom
Interessante
Razoável
Lixo

ESTE É O MELHOR CERTIFICADO DE QUALIDADE QUE SEUS OLHOS PODEM TER.

QUANDO VOCÊ COMPRA UMA LENTE DE CONTATO BAUSCH & LOMB, PERCEBE IMEDIATAMENTE SUA ALTA QUALIDADE. SUA EMBALAGEM VEM COM UMA TAMPA DE SILICONE ISOLADA POR UM LACRE DE ALUMÍNIO QUE EVITA QUALQUER TIPO DE CONTAMINAÇÃO. AS LENTES SÃO ESTERILIZADAS POR AUTOCLAVE, PARA AUMENTAR AINDA MAIS A SEGURANÇA DOS SEUS OLHOS. E SÃO AS ÚNICAS FABRICADAS POR CENTRIFUGAÇÃO COMPUTADORIZADA, UMA EXCLUSIVIDADE BAUSCH & LOMB. O RESULTADO É UMA LENTE MUITO MAIS FINA, CONFORTÁVEL E COM A MAIS PERFEITA SUPERFÍCIE ÓTICA. E TUDO ISSO É GARANTIDO POR ESCRITO. AO RECEBER SUA LENTE DE CONTATO BAUSCH & LOMB, VOCÊ RECEBE UM CERTIFICADO DE QUALIDADE ASSINADO PELO PRÓPRIO FABRICANTE. CONSULTE SEU ESPECIALISTA E PEÇA LENTES DE CONTATO BAUSCH & LOMB. ALÉM DE SEREM AS MAIS RECEITADAS NO MUNDO INTEIRO, SÃO AS ÚNICAS COM CERTIFICADO DE QUALIDADE À VISTA.

BAUSCH & LOMB
TECNOLOGIA EM CONTATO COM SEUS OLHOS

LANÇAMENTO

QUÊ* (What?, 72)

Direção: Roman Polanski. Com Marcello Mastroianni, Sydne Rome, Hugh Griffith, Roman Polanski. Henning Schlüster. Polevídeo

Inédito nos cinemas, agora está disponível em vídeo o sétimo longa-metragem de Polanski, bem mais leve que a média sangrenta de seus filmes. *Quê?* retoma o clima mágico de seus primeiros trabalhos, principalmente *A Faca na Água* e *Armadilha do Destino*, mas com o humor e a inconsequência da Itália, onde foi filmado.

É a história de uma atraente hippie americana (Sydne) que chega a uma *villa* mediterrânea abraçada a seu estúpido diário de viagem. Lá não faltam tipos exóticos, desde um ex-gigolô (Mastroianni) até um excêntrico mergulhador (o próprio Polanski), todos mais ou menos interessados em conquistá-la. *Quê?* também tem muito das obsessões (padres, relações, perversões sexuais) e das situações surrealistas de Buñuel. Intrigante e divertido.

DRAMA

MIXED BLOOD (84)

Direção: Paul Morrissey. Com Marília Pera, Richard Ulacia, Linda Kerridge

Morrissey, o colaborador de Andy Warhol (*Flesh, Trash, Heat, Drácula* e *Frankenstein*) convidou Marília Pera para estrelar seu filme após o (relativo) sucesso americano de *Pixote*. Ela é Rita LaPunta, líder de uma gangue de brasileiros que, sem a menor "ética profissional", invade o território de negros e latinos na distribuição de drogas em Nova York. Um filme bastante violento e eventualmente hilariante, quando Rita, irritada, explode em xingamentos em português, ou, feliz, imita Carmen Miranda. Na trilha sonora, Andy "Sugar Coated" Hernandez.

GARBO TALKS (85)

Direção: Sidney Lumet. Com Anne Bancroft, Ron Silver, Carrie Fisher, Catherine Hicks

Simpático e despretensioso filme do diretor de *Rede de Intrigas* e *Um Dia de Cão*. Bancroft faz uma ativa defensora dos oprimidos e não hesita em roubar supermercados que remarcam seus preços, ou em escalar um andaime para repreender os operários que dizem besteiras para as moças passantes. Mas ela descobre que está doente, com os dias contados, e seu filho tenta realizar seu último desejo: a mulher é fã número um de Greta Garbo e quer vê-la antes de morrer. Inédito nos cinemas.

ANJOS DE CARA SUJA (Angels With Dirty Faces, 38)

Direção: Michael Curtiz. Com James Cagney, Pat O'Brien, Humphrey Bogart, Ann Sheridan, George Bancroft

Do diretor de *Casablanca*, um clássico com um grande elenco. Cagney e O'Brien representam os colegas de infância e adolescência, arruaceiros de rua, que tomam rumos antagônicos: um vira gângster, outro vira padre. Quando eles se encontram em seu velho bairro, redescobrem a amizade e a sua própria história repetida entre os jovens delinquentes.

O padre tenta educá-los, mas é o gângster que eles idolatram... Entretanto, o criminoso continua metido em seus negócios escusos, ameaçado por outro gângster (Bogart), seu ex-sócio, e eles partem para o acerto de contas final. A cena da cadeira elétrica, no fim do filme, é memorável.

SUBURBIA (83)

Direção: Penelope Spheeris. Com Chris Pederson, Bill Coyne, Jennifer Clay, Timothy Eric O'Brien, Andrew Pece

Um dos filmes que tentaram retratar a juventude punk americana, *Suburbia* é ingênuo, amador e muito mal conceituado. Mas não é tão ruim quanto a crítica quer fazer crer: há alguns momentos interessantes e verdadeiros na vida da comunidade instalada em um bairro deteriorado, "Suburbia", uma utopia classe média. A vizinhança se incomoda, e começa a perseguir os garotos.

Bons momentos também nas apresentações das bandas no clube punk local, inclusive com uma aparição do T.S.O.L. Os punks, pelo menos, devem gostar.

POLICIAL

CHINATOWN (74)

Direção: Roman Polanski. Com Jack Nicholson, Faye Dunaway, John Huston, Roman Polanski

Um dos filmes mais festejados de Polanski. *Chinatown* é uma cuidadosa reconstituição do clima dos *films noir* das décadas de 40 e 50, com um roteiro (de Robert Towne) muito inspirado nas histórias de Raymond Chandler. Jack Nicholson também está perfeito no papel do detetive Jack Gittes, um investigador de casos sujos, tipo adultério.

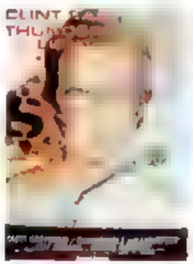
Em um de seus casos mais simples, ele descobre que na verdade está envolvido em uma trama complexa, com toda a corrupção na prefeitura e na burguesia de Los Angeles por trás. John Huston, o diretor do clássico *noir O Falcão Maltês*, foi homenageado por Polanski com um convite para o papel do velho coronel prepotente e metido em negociatas sujas. Faye Dunaway é sua filha que, logico, conquista o detetive durão. Polanski aparece de bandido em uma ponta, só para retalhar o nariz de Gittes com um punhal.

CORRUPT (83)

Direção: Roberto Faenza. Com Harvey Keitel, John Lydon, Nicole Garcia, Leonnard Mann

Mais uma história de corrupção, desta vez com um atrativo muito especial: John Lydon, o vocalista dos Pistols e do PiL, em sua estréia nas telas. Ele é um maníaco envolvido no assassinato de policiais novaiorquinos, que descobre o apartamento secreto que um investigador mantém para seus encontros homossexuais com outro policial. O investigador o sequestra, enquanto tenta avaliar qual é o real perigo que o doido representa. Um clima carregado de paranóia e violência com uma esplêndida trilha sonora de Ennio Morricone. Muito inquietante.

O ÚLTIMO GOLPE (Thunderbolt and Lightfoot, 1974)



Direção: Michael Cimino. Com Clint Eastwood, Jeff Bridges, Geoffrey Lewis, George Kennedy

Filme de estréia do diretor de *O Ano do Dragão*, com um Eastwood atípico, no papel de bandido. "Corisco" e "Pés Leves" se encontram na estrada, e acabam descobrindo que formam uma boa dupla nas coisas da estrada e do crime. O primeiro saiu da cadeia pronto para recuperar o produto de um velho roubo, mas antes vai ter que se acertar com dois de seus ex-comparsas. Um filme bastante curioso e divertido.

DOCUMENTÁRIO

CABRA MARCADO PARA MORRER (1984)

Direção: Eduardo Coutinho. Com Elizabeth Teixeira

Documentário nacional muito interessante, talvez o melhor filme brasileiro de 84/85. O golpe militar de 64 interrompeu as filmagens do *Cabra*, original uma dramatização sobre a vida de um líder camponês da Paraíba. Vinte anos depois, o diretor Coutinho tenta localizar todos os camponeses envolvidos na filmagem. Elizabeth, a mulher real do líder assassinado, interpretara a si mesma. Com o golpe, tornou-se clandestina, escondida no sertão do Rio Grande do Norte, e sua família se espalhou pelo país. Coutinho junta os depoimentos a trechos do filme antigo em um brilhante exercício de cinema de intervenção, interessante até para quem detesta política e documentários.

COMÉDIA

CREATOR (1983)

Direção: Ivan Passer. Com Peter O'Toole, Mariel Hemingway, Vincent Spano, Virginia Madsen

O ótimo O'Toole é um cientista que guarda células vivas de sua falecida mulher, certo de que irá reconstituí-la um dia. Spano (*Asas da Liberdade*) é seu jovem assistente, e os dois estão sempre metidos, contra a vontade, nas escaramuças do Conselho Universitário de sua escola de Medicina. Entre ameaças de demissão, o amor do professor pela esposa morta e a sedução da doce Mariel Hemingway, Passer compõe uma bela comédia dramática.

SUSPENSE

O INQUILINO (Le Locataire, 1976)

Direção: Roman Polanski. Com Polanski, Isabelle Adjani, Melvyn Douglas, Shelley Winters

Baseado em uma novela de Roland Topor (o diretor do desenho *Planeta Selvagem*), Polanski volta a um de seus temas prediletos: a semente do mal germinando em velhos apartamentos, como em *Repulsa ao Sexo* e *O Bebê de Rosemary*. Polanski tomou, também, o papel principal, o do polonês radicado na França, Trelkowski, que começa a ter estranhas alterações de comportamento ao ocupar o apartamento de uma suicida. O filme, excelente, joga com um terror sutil, desdobrado em episódios misteriosos e em uma tensão crescente até a loucura do inquilino. Nem Adjani, no papel de sua namorada, consegue tranquilizá-lo, contra a pressão de seus terríveis vizinhos. Um horror.

MUSICAL

SIOUXSIE & THE BANSHEES–ONCE UPON A TIME (1983) / NOCTURNE (1984)

Estes são os dois vídeos oficiais da banda. *Once Upon a Time* é uma coletânea de singles/clips. "Hong Kong Garden", "The Staircase" e "Playground Twist" com a formação original do grupo (com Kenny Morris e John McKay); "Happy House", "Christine" e "Red Light" com Budgie já ao lado de Severin; "Israel", "Spellbound" e "Arabian Knights" já com o guitarrista John McGeoch integrado. Belos clips, acompanhando as concepções visuais que sempre preocuparam Siouxsie. *Nocturne* é o registro do famoso show de 83 no Royal Albert Hall, com todos os hits e o repertório básico do LP *A Kiss in a Dreamhouse*, inclusive as belas "Cascade" e "Cocoon". A bombástica abertura com Stravinski e "Israel" é genial, e Fat Bob Smith está na guitarra.

FANTASIA

A COMPANHIA DOS LOBOS (The Company of Wolves, 1984)

Direção: Neil Jordan. Com Angela Lansbury, Sarah Patterson, Graham Crowden, Micha Bergese

Uma curiosa mistura da história do Lobo Mau com o mito do Lobisomem, em clima de sonho e fábula. O diretor Jordan é um dos novos talentos do cinema inglês, e rodou seu filme totalmente em estúdio, com uma floresta artificial que lembra a de *A Lenda*. Há também momentos de terror, como a transformação do camponês em lobisomem. A cantora Danielle Dax aparece como mulher-lobo.

A seção Vídeo é editada por Alex Antunes. As fitas foram cedidas pela distribuidora Polevídeo (São Paulo) e pelas locadoras 2001 Vídeo (Av. Paulista, 1499, lojas 10-11, tel. 284-8619/8788, SP) e Rentacon (Av. Pacaembu, 878, tel. 826-4399, SP)

POLANSKI

"Quem é o anão?", pergunta o personagem de Jack Nicholson em *Chinatown*, gozando o tampinha interpretado pelo tampinha Polanski. A resposta é uma punhalada no nariz do gozador. "Aquele baixinho sujo!", diz a personagem de Sydne Rome em *Quê?* Adivinhe de quem ela está falando. "Atriz Sharon Tate assassinada — ela e o marido Polanski envolvidos em drogas e ocultismo", ou "Polanski violenta adolescente", berrou a imprensa sensacionalista, nos infelizes episódios de 69 e 77. A conclusão é do próprio Roman, na abertura de sua autobiografia: "Desde quando posso me lembrar, a linha entre fantasia e realidade tem estado irremediavelmente embaçada".

Judeu e adolescente na Polônia de 1940, do gueto da Cracóvia ocupada pelos alemães à duvidosa liberdade sob influência soviética, Polanski aprendeu a se virar sozinho. *Só os porcos vão ao cinema*, pichava a resistência polonesa. Polanski, que não tinha nada de colaboracionista ou ingênuo, nunca se furtou a essa paixão. O teatro juvenil e as novelas radiofônicas, por mais que cheirassem ao "realismo socialista" stalinista, foram os próximos passos. Foi como ator para a escola de cinema de Lodz, apaixonou-se pela direção. Seus curtas fascinantes e inclassificáveis lançaram Polanski em uma carreira internacional.

Na Paris da *nouvelle vague*, Polanski achou o terreno ideal: cinema criativo a baixos custos. Desenvolveu, também, suas parcerias mais significativas: com o roteirista Gerard Brach combinou idéias mórbidas a finas sacadas da condição humana; com o pianista de jazz Christopher Komeda, rebatia a tensão de suas histórias com um som *cool*. Hollywood o recrutou. Uma seita de *hippies* tarados assassinou-lhe a esposa, a atriz americana Sharon Tate. De sucesso em sucesso, de escândalo em escândalo, de briga em briga contra produtores-censores, Polanski firmou mil imagens desconcertantes. *Playboy* internacional, sedutor de suas atrizes (inclusive Nastassja Kinski) e de menores inocentes, tanto faz. Mas gênio do cinema, homem dos mil instrumentos (diretor-roteirista-ator), dono de uma filmografia brilhante, que em 86 retorna com *Piratas*, isso é certo.

FILMOGRAFIA COMPLETA (os filmes com o sinal * são disponíveis em vídeo): *Generation* (54, só como ator); *The End of the Night* (55, só como ator); *Knife in the Water** (*A Faca na Água*, 62); *Repulsion** (*Repulsa ao Sexo*, 65); *Cul-de-Sac* (*Armadilha do Destino*, 66); *The Vampire Killers* (*A Dança dos Vampiros*, 67, também como ator); *Rosemary's Baby** (*O Bebê de Rosemary*, 68); *Macbeth* (*Macbeth*, 71); *What?* ou *Diary of Forbidden Dreams** (*Quê?*, 72, também como ator); *Chinatown** (*Chinatown*, 74, também como ator); *The Tenant** (*O Inquilino*, 76, também como ator); *Tess** (*Tess*, 80); *Pirates* (86) A.A.

Rainha Saveiro. Área de lazer com vista para o mar.

A Rainha acredita que nas horas de lazer as pessoas querem ficar muito confortáveis. Nessas horas, conte com o Rainha Saveiro.
Rainha Saveiro é o verdadeiro calçado do lazer, com várias opções de cores e toda qualidade de quem tem muita experiência em conforto.
Na praia, no barco, na piscina ou no campo, o Rainha Saveiro combina com descontração, com bom humor, com espírito esportivo. E, principalmente, com a sua vontade de deixar os pés à vontade.

RAINHA
Qualidade que dá mais classe ao esporte.

ATENÇÃO MOÇADA DO ROCK:

A LIBERDADE E A EMOÇÃO ACABAM DE VIRAR REVISTA

Chegou *Esportes Naúticos!* Com fotos maravilhosas, reportagens completas, dicas e informações quentíssimas sobre latismo, windsurf, off-shore, motonáutica, moto-esqui, canoagem, surf, body boarding, pesca oceânica e mergulho.

Nas bancas
Um lançamento Editora Abril

ESPORTES NÁUTICOS Nessa você não pode dançar!

O NOVO ROCK INGLÊS AO VIVO NO BRASIL

Dias 26 e 27/11 em São Paulo - Palácio das Conv. Anhembi
Dia 29/11 em Santos - C.A. Caiçara
Dias 30/11 e 1/12 no Rio - Canecão

FLUIR
CONTRA MÃO CALIFORNIA
WR

É DANDO AS COSTAS PRO VELHO QUE A ALTERNATIVA APARECE.

Em vez de ficar reparando as pessoas, eu prefiro pensar num jeito de mudar a minha vida. Sei lá, alguma coisa nova, jovem, um outro caminho. Não adianta virar as costas pro destino. É a alternativa que eu escolhi para a minha vida. Camiseta 170, Bermuda 220, Mini-saia 170.

MAGAZINE Mesbla

ALTERNATIVA
Exclusivo Mesbla

A moda do mundo da rua.

Oferta válida até 29/11/86.

OS FILHOS BASTARDOS DE BRASÍLIA

PLEBE RUDE

A turma de Brasília mudou-se quase toda para o Rio e a maioria escolheu como base o aprazível bairro da Gávea, na extrema zona sul. Já andam até dizendo que o rock de Brasília mudou de nome e virou "rock da Gávea".

Numa tarde gostosa de primavera, *Tom Leão* esteve reunido com a Plebe Rude, que é composta por André (baixo), Philippe (guitarra solo e voz), Jander Bilaphra (guitarra base e vocais) e Gutje (bateria e vocais), na casa de André, que fica onde? Na Gávea. Depois de um papo que girou em torno do passado, presente e futuro de uma banda em ascensão, foram todos jogar fliperama num shopping próximo, onde uma máquina de pinball chamada *Atlantis* cismava em não deixar Philippe marcar mais que 50 pontos.

BIZZ — *Falem da proposta inicial do seu trabalho; visualizando os horizontes de Brasília na época*

Philippe — Bem, no começo nós tínhamos a proposta de nos divertir, de colocar algo pra fora, exprimir os sentimentos... mas não era algo assim sério em termos de profissão. Mas era algo legal, muito sincero, porque a gente realmente sentia aquilo, vivia aquilo. Essa era a nossa proposta.

André — O que fez tudo começar é que Brasília foi um ponto de encontro de várias pessoas com o mesmo interesse, que era o que tava acontecendo de punk na Inglaterra naquela época.

BIZZ — *Quando pintou a decisão de descer para o eixo Rio-São Paulo, como foi sair de casa?*

Philippe — Tudo começou com o disco, óbvio. Havia rumores, já há uns cinco anos atrás, que o Plebe ia gravar. Lembro o André um dia dizendo pra mim: "Esse ano ainda a gente vai gravar um compacto. Se não gravarmos um compacto este ano a gente vai acabar" *(André ri)*. E isso há quatro anos atrás. Aí a gente foi levando, até as coisas ficarem mais sérias.

Jander — Quando a gente veio para gravar o disco, já veio procurando apartamento, já decididos a ficar e a trabalhar aqui.

André — Infelizmente no Brasil os únicos lugares são Rio ou São Paulo, para divulgar o trabalho.

Philippe — Mas é legal porque foi um passo superimportante na nossa carreira e na vida de cada um, pois afinal não é todo dia que todo mundo sai de casa.

Gutje — Só eu já era casado e morava sozinho.

Philippe — Mas para nós três... mudar de cidade, viver de seu próprio trabalho, acho que aumenta bastante as responsabilidades e é um lance superlegal. Eu e o Jander estamos morando juntos. Posso dizer que foi o passo mais importante da minha vida até agora. Uma vez que você sai de casa não volta mais. Não que seja ruim em casa, mas quando você mora sozinho é outra coisa. É teu espaço.

BIZZ — *No disco, o som da Plebe Rude apresenta-se mais elaborado que nos shows. Expliquem.*

André — Deixa a gente fazer um show com uma aparelhagem ótima.

Philippe — Hummm. Sabe que não tem muita diferença? A diferença é que tem alguns *overdubs* atrás, uns cellos em "Até Quando".

Jander — A diferença é que no disco você consegue ouvir as três vozes sem embolar, as guitarras limpas, o baixo, a bateria.

PLEBE RUDE

Philippe — Isso porque a gente não tá viajando com toda a aparelhagem, mas daqui a um tempinho, logo, se Deus quiser, a gente vai começar a viajar com toda a nossa aparelhagem... Todo mundo vai poder ouvir melhor o som. A gente já está viajando com técnico. Acho o disco superfiel. Mas acho que para alguém realmente conhecer o Plebe, além de comprar o disco, tem de ir ver o show. Tudo bem, a gente não tem sax ao vivo, não vai levar um naipe de metais para o palco, rebocar a Fernandinha *(da Blitz, que faz backing vocals em "Sexo & Karatê", N R)*. O André até queria rebocar a Fernandinha. O violoncelo, o André faz no baixo

BIZZ — *Vocês se consideram filhos legítimos do punk?*

André — Pra mim o punk não deixou nenhum filho legítimo não, cara. São todos bastardos! *(risos)*

Philippe — Puuuta! Eu vou levar porrada por causa disso

Jander — Estou quase concordando com isso. Estou pensando um pouquinho sobre essa proposta nova

Philippe — O que é um filho legítimo? *(gritando)* Roar! Argh! É isso que é um filho legítimo do punk? Influenciou pacas, influenciou muito, motivou

Jander — E a legitimidade de punk não era isso *(referindo-se aos gritos)*. Era ser agressivo da maneira que fosse. O cara do Buzzcocks, o Pete Shelley, cantava totalmente diferente de Johnny Rotten e nem por isso era menos punk

Foto Fabiana Figueiredo

A Plebe no palco: energia pura

André — A gente não pode negar as influências, mas o importante é que a ideologia se mantenha, fique no trabalho. Isso nós sempre levaremos dentro da nossa música

BIZZ — *O mini-LP de vocês está sendo um sucesso desde o lançamento. Foi aclamado por toda a crítica. Como é sair do gueto e ir para a grande mídia? Preocupa?*

André — Preocupa é entrar na grande máquina

Philippe — Mas a grande máquina está aí para ser usada. O problema é que não está sendo muito bem usada. Ela está usando. Você tem, por exemplo, o Chacrinha. É legal porque o Brasil inteiro vê o Chacrinha e isso é uma responsabilidade muito grande. Todo mundo vê o Chacrinha. A gente vai lá e as pessoas ficam dizendo aquelas palhaçadas, "ah, vocês estão vendidos". Ser vendido é ter seu trabalho divulgado para o resto do Brasil? Então eu acho legal, ao invés do esquema te usar, você usar o esquema, usar as rádios, as televisões

André — Mas eu acho que tem que se ter muito cuidado. De repente, você vira outro .. sei lá. Você não pode sair na rua, não pode fazer nada. Teu cachê é tão alto que você não pode mais dar shows nos lugares que gostava, tem que se superproduzir. Chega um certo ponto que você não sabe se seu trabalho vai ser superior ao último. Acho que tem que se tocar para gente que quer te ouvir, que queria te ouvir naturalmente, sem imposições da mídia, sem irem a seu show só porque você é superfalado

Philippe — Teve uma vez, quando a gente deu um show no Clube Caiçaras, que eu pensei comigo. "Cara, se eu tocar nesse show para o resto de minha vida está ótimo, porque você está tocando para pessoas interessadas no teu trabalho. É teu público. Isso é legal. Agora, para as pessoas ficarem conhecendo, é aquele lance, tem que ser pelas rádios. A partir do momento em que todo mundo te conhece, fica fiel, já conhece o trabalho, sabe quem vocês são, vão ao show não pelo balanço, pelo fato de ser uma música de rádio, vão por gostar, por se identificar, isso é legal. Acho que o caminho que os Paralamas estão seguindo é ótimo. Eles estão fazendo o que estão a fim, num esquema de shows legais para eles e estão indo superbem. O Legião já está nessa também, de fazer o que está a fim. Não entrar no esquema de vinte shows por semana, sete shows por dia, mil shows em não sei quantos meses, aí você passa a tocar de má vontade, cansado. É melhor tocar um pouco menos, mas cheio de tesão, para pessoas que tem a ver com você. Não tocar em buracos. Eu acho que você chega a um certo ponto em que pode escolher o que vai fazer. Não tem que ficar abrindo as pernas para tudo. Isso é o que está começando a acontecer com o Plebe

BIZZ — *Vocês sentem que, à medida que a quantidade de shows vai aumentando, o som do grupo vai se renovando, a atuação do repertório varia, músicas tomam novas formas?*

Philippe — Cada show nosso é totalmente diferente do outro e as interpretações das músicas também variam dependendo de muitos fatores. Pra começar temos mesmo um repertório definido. A lista é feita dez minutos antes do show, no camarim. Tem dias que não estou a fim de cantar determinada música.

André — E. Também, mudamos muito os começos e fins de músicas, dependendo do show. As vezes fazemos "Proteção" com fim funk. É bom sempre renovar para não enjoar

Philippe — Tem uma filosofia que a gente segue de testar músicas novas com o público. Eu particularmente não acho legal fazer uma música num quarto fechado e pôr no disco. Acho legal sentir a troca, a reação do público, sentir o que tem mais pique ao vivo antes de registrar no disco que será uma coisa que vai ficar para sempre

Gutje — É um saco ficar tocando exatamente as mesmas músicas na mesma ordem sempre. É bom variar

BIZZ — *Já tem alguma coisa delineada para o próximo disco?*

Gutje — Estamos exatamente com a metade de um novo disco, com bastante impulso para outra metade

Jander — Agora, temos acumulado um material que dá para uns dois *Sandinista!* (o álbum triplo do Clash). Temos quilos de letras antigas para serem musicadas, acabadas

André — Possivelmente alguma coisa, fragmentos desse trabalho antigo, entre, algumas frases

Philippe — De repente tem algumas ideias minhas, mas tem mil coisas velhas que continuam atuais .

BIZZ — *A propósito, será que em quatro, cinco anos apresentando o mesmo repertório ele não caducou?*

André — Pega um exemplo, a música "Censura". Viu quantas músicas já foram censuradas este ano, sem falar nos filmes? Pô, tá ultra-atual

BIZZ — *Que vocês dizem quando alguém comenta que uma música da Plebe lembra o Buzzcocks, outra o Joy Division, Gang of Four etc.?*

Philippe — Isso é coisa de críticos, cara! Em vez de respeitar a música no seu contexto, pegam uma parteizinha parecida e pronto. Taí, parecida com Joy Division que Joy Division o que

André — Isso é um escândalo. Nenhuma é parecida. Nossa consciência tá limpa quanto a isso. A gente não vai para e diz: "Aí, vamos fazer uma música tipo Buzzcocks". Nunca. Acho bom que se denuncie quando uma coisa for plagio descarado. Agora, muita coisa por aí que é cópia

Philippe — Digamos, uma cópia sem-vergonha. É foda

BIZZ — *Como uma banda de filhos de diplomatas chama-se Plebe Rude?*

André — Ninguém é filho de diplomata aqui. Rumores vindos de São Paulo. Meu pai é professor, o do Gutje é professor, o de Jander, bancário e o de Philippe, tradutor

Philippe — Teve um show que gritaram pra gente "Voltem para casa, filhos de ministros!" É um saco.

Jander — Filhos de diplomatas e de ministros também podem se revoltar

Gutje — Ser filho de diplomata é pejorativo? Você não é gente, não?

BIZZ — *Vocês acham que fazem, trazem realmente algo de novo?*

Jander — Eu acho novas as coisas que fazemos. Pelo menos para mim são

Philippe — Se é novo *novo*, não sei. Para mim tanto faz. A gente está adorando o que está fazendo e isso é importante. Se um cara fica em casa tocando Beatles e isso é o que lhe motiva, está ótimo

BIZZ — *Qual a opinião de vocês quanto ao trabalho dos outros da turma de Brasília, como o Legião, Capital Inicial, Finis Africae?*

Jander — O novo disco do Legião deve ser muito bom, mas por enquanto eu só ouvi "Eduardo & Mônica", que toca o dia todo na rádio. O Capital eu achei legal, mas o resultado final de som, mixagem, não gostei muito

André — Eu esperava mais deles

Philippe — O Capital fez o contrário da gente, que fez um disco superfiel. Eles botaram mil arranjos em cima.

Jander — Finis eu acho um trabalho superlegal e íntegro

André — E da turma inicial de Brasília só restam duas bandas que ainda não gravaram, Escola de Escândalo e Elite Sofisticada

Jander — É o Arte no Escuro

BIZZ — *Há bandas que não sejam dessa turma que vocês curtem? As novíssimas de Brasília?*

Jander — O Detrito Federal, hoje em dia, eu acho superlegal

Philippe — E tem mil outras que continuam surgindo, boas e ruins

BIZZ — *E do exterior, tem alguma que bata tão forte atualmente quanto aquelas de 77/78?*

Jander — Estou achando tudo muito normal demais. Prefiro Ramones

André — A única coisa que me empolgou esse ano foi o Jesus & Mary Chain. Ouvi direto várias vezes. Mas ainda espero o último disco dos Stranglers com a mesma ânsia

Philippe — Eu vou fazer uma confissão aqui. Eu tenho um poster do Yngwie Malmsteem pendurado no meu quarto. Mas só entre nós, viu?

Gutje — Eu acho que as coisas estão ficando iguaizinhas ao tempo em que o punk teve que surgir. Todos se acham o máximo e não são.

CABRA-CEGA

"Why Theory?", Gang of Four

André *(certeiro)* — Gang of Four.

Philippe — Não sei o nome da música, mas isso é do *Solid Gold*. É muito bom, cara! Adoro esse baterista. Andy Gill é um dos guitarristas que me influenciaram.

"Maracatu", Egberto Gismonti

André — Que é isso? Frankenstein? Eu não gosto de música assim. Everything but the Girl...

Jander — "A Volta de E.T. à Terra dos Smurfs."

Philippe — Esse piano parece Capital Inicial no começo...

"Happiness is Easy", Talk Talk

Jander — Isso é "Aprenda a Programar sua Bateria Eletrônica", com Tantão e Santanésio, do Black Future.

Philippe — Isso parece Weather Report, ou algo assim, com aquele baterista do Sting, Omar Hakim...

André — O que estragou a música foi esse vocal. Horrível!

Philippe — Peraí. Já ouvi isso em algum lugar. Isso é aquele cara do "It's My Life", como é o nome?

André — "Broken Wings"?

Philippe — A voz desse cara marca que nem a voz do John Lydon, só não consigo lembrar o nome dele.

"Corridor", Massacre

Philippe — Violeta de Outono?

André — Jimi Hendrix?

Jander — Se não for Black Flag, é Jesus & Mary Chain.

André — Eu acho legal isso.

Philippe — Essas guitarras lembram Robert Fripp. Isso poderia ser a primeira formação do Zero, com duas guitarras, ou Herbert Vianna experimentando o Mesa Boogie novo.

André — É Durutti Column? Obviamente é uma guitarra sintetizada.

"Brother", Jorge Ben

Philippe — Renato Russo.

Jander — Geraldo (Escola de Escândalo) tocando pandeiro com Renato Russo.

André — Cara, isso é demais! Isso é altamente psicodélico. Estou sentindo ácido na voz dele. Aqueles hippes. Pô, é muito bom. Eu dava uma festa só com esse disco.

Philippe — Lembra aquele filme *Hair*? É isso que o pessoal cantava antes de começar o filme.

André — Isso é o que o Cult tentou fazer e não conseguiu.

Philippe — Mas essa voz é negra. Não é brasileiro. A não ser que sejam os Golden Boys com dor de barriga.

"What Are We Going To Do Tonight?", Mekons

André — Mekons. "What Are We Going To Do Tonight", né?

Philippe — Tem um amigo nosso em São Paulo, o Alex Antunes, que disse que o Plebe tá mais para Mekons que para Gang of Four. Agora, a facção brasileira que conhece Mekons não entendeu muito bem o que ele quis dizer. Nem a gente entendeu. Acho que nem ele.

"Yu-Gung (Futter Mein Ego)", Einstürzende Neubauten

Philippe — Isso é um prato passado de trás pra frente.

Jander — Aquele começo eletrônico de "Alagados", não é isso?

André — Einstürzende Neubauten é superlegal. Isso é a segunda faixa do LP *Halber Mensch*, chama "Futter Mein Ego", ahmente meu ego.

"Alguém", Kiko Zambianchi

Philippe — Prince. Yeah, yeah, yeah! Ah, não! Isso é Kiko.

André — Eu acho que é Prince.

Philippe — Não. É Kiko Zambianchi com uma certa influência do Prince.

André — Prince Zambianchi?

BOY GEORGE

A FACE DO ESCÂNDALO

É muito difícil ter uma opinião clara a respeito dele — afinal, trata-se de um mestre da metamorfose. Nem mesmo o próprio George O'Dowd tem uma opinião sobre si mesmo. Atualmente internado para desintoxicação, ele não tem evitado entrevistas. Quem faz este apanhado de suas últimas declarações, junto a um balanço de carreira, é *Maria Luiza Fontenelle*

BOY GEORGE

O flerte quase fatal de George com a heroína e seu escandaloso desdobramento nas páginas da imprensa sensacionalista revelaram ao grande público um Boy George oposto àquele bibelô andrógino, dócil e inofensivo que fazia igualmente a alegria de vovós e netinhas. Em seu lugar apareceu um artista dilacerado, confuso e magoado. E nada saudável.

O verdadeiro calvário que vem enfrentando para se livrar de vez da heroína e a humilhação pública a que tem sido submetido cada vez que mais um detalhe de sua vida íntima é revelado (na maioria das vezes irrelevante para o entendimento do caso da heroína) transformaram um garoto vivaz num homem solitário e arredio.

Foto Daily Star/ Ica Press

Magro e abatido, Boy à época do inquérito

Mesmo abatido, porém, George abre uma clareira na floresta de dor e confusão nascida após o caso da heroína: ele está sob tratamento intensivo, aos cuidados da mesma Meg Patterson que espantou o fantasma da heroína para longe das carreiras de Eric Clapton e Pete Townshend. E está preparando um novo álbum com o Culture Club, tentativamente batizado *Heaven's Children* (Crianças do Paraíso). A tormenta começa a ficar para trás. Mas dificilmente Boy George esquecerá os meses que passou no seu inferno particular.

Para o mundo este inferno tornou-se conhecido em junho passado, quando Dave O'Dowd — irmão de George — denunciou através da imprensa os problemas que Boy vinha sofrendo em relação a sua dependência de heroína. Por causa da interferência de Dave, Boy George foi obrigado a responder a um inquérito policial e a pagar multa de 250 libras esterlinas. E declarou-se culpado de portar e usar heroína. Dias depois da sentença ser decretada, Michael Rudetski — amigo e músico americano com quem planejava trabalhar — foi encontrado morto numa das residências londrinas de Boy George. *Causa mortis:* overdose de heroína. Recomeçou, então, a sucessão de reportagens sensacionalistas e derrogatórias.

Diante da devassa que sua família e sua vida pessoal iam sofrendo, a reação inicial de Boy foi se esconder, ainda que sentisse ímpetos de fazer alguma coisa para encerrar todo aquele doloroso processo. "Quando soube que Dave tinha falado à imprensa", disse Boy, "eu simplesmente queria matá-lo, cortar-lhe o saco, enforcá-lo, forçá-lo a casar-se com uma anã lésbica da Albânia! Ainda o odeio pelo que fez." Contudo, numa típica manobra ambígua e contraditória — uma das características de sua personalidade artística — Boy resolveu apoiar o irmão para decepcionar a parte da imprensa que os queria às tarras. "Todos eles queriam que eu o odiasse", recorda Boy, "mas por que eu deveria fazer isso? Eu amo esse cara, ele é meu irmão. Ele me disse que faria tudo outra vez, porque acha que eu estava me matando e (me denunciar publicamente) era a única maneira de me impedir. Cada vez que ouço isso sinto vontade de nocauteá-lo, mas hoje em dia reconheço que ele estava super bem-intencionado. Pode imprimir aí que amo meu irmão, que não o odeio, que ele vai ser sempre meu irmão e que vou sempre amá-lo."

Mesmo o perdoando, Boy George dificilmente esquecerá os resultados da ação de Dave. Por causa dela, Boy e seu outro irmão, Kevin, mergulharam num oceano de suspeitas e acusações mútuas. Marilyn — amigo há mais de 10 anos de Boy — foi chamado a prestar declarações na polícia a respeito da vida sexual dele e de Boy, e estava pronto a testemunhar contra George. Mais uma vez, Boy utilizou o diversionismo para salvaguardar seu círculo de amizades e para decepcionar os tablóides ingleses, ao dizer que, na verdade, a polícia aplica deliberadamente uma série de técnicas para confundir as pessoas. Consequentemente, as pessoas terminam falando coisas que não querem; dizem o que não pensam. "É o jogo (da polícia): a confusão. Deixam você bem confuso, depois fazem mil perguntas para ver se você abre o bico."

Seja como for, o caso de amor entre Boy George e a heroína começou num *nightclub* parisiense, em março de 1985. George experimentou uma vez a droga e, aos poucos, passou a usá-la sistematicamente. E o envolvimento de George com a heroína, de acordo com Steve Levine — produtor do Culture Club —, era uma reação praticamente esperada, num determinado

O caso de amor entre ele e a heroína começou numa casa noturna de Paris, em 1985

sentido. "George é uma esponja", diz Levine, "ele absorve muito a personalidade das pessoas. E se ele estiver com pessoas que transam drogas, ele simplesmente vai se tornar o *rei* dos drogados."

George se encontrou com a heroína numa época em que estava sensibilizado por duros golpes em sua carreira. *Waking Up with the House on Fire*, o terceiro álbum do Culture Club, fora considerado medíocre pela crítica e tivera um desempenho de vendas e execução em rádio bem aquém do esperado. A turnê promocional que se seguiu também caiu por terra. Decidiu-se, então, por um longo período de férias para o grupo. Cada um foi para um lado do planeta. Boy George foi para Nova York, longe do baterista Jon Moss (então seu namorado) e perto de Marilyn. "Ele tornou-se seu pior inimigo", recorda Levine sobre o tempo em que George mudou-se para os Estados Unidos, "ele se tornou irônico e fofoqueiro. E não queria saber de nada — sua única preocupação era se divertir, esquecer o 'bloqueio', ou seja, esquecer Jon Moss." No processo, George também se transformou num dedicado farrista. As companhias pioraram. No apartamento de dois quartos que repartia com Marilyn não era raro encontrar várias pessoas dormindo em cima da cama de casal, pela manhã.

Com Marilyn, Boy desenvolveu uma relação ambígua e apaixonada, tão intensa que as pessoas próximas condenaram a atitude de Marilyn — que praticamente depôs contra Boy no tribunal — e a subsequente não reação de George. "As pessoas me pressionam para que eu rompa definitivamente com Marilyn", conta George, "mas é o que nunca vou conseguir fazer. Se ele me telefonasse agora, pedindo de minha ajuda, eu largaria tudo e iria vê-lo. Não importa o que as pessoas pensem de mim! Na verdade, eu me sinto como um cão perseguindo uma cenoura que endureceu na minha frente — Marilyn é essa cenoura. E não importa o que ele disse ou deixou de fazer a meu respeito."

Ele é igual a meu pai — é uma pessoa velha, com opiniões cristalizadas sobre as coisas, com crenças e preceitos bastante determinados, muito dogmático. Me vejo suficientemente maduro para mudar e olhar Marilyn e todas as suas burradas — foram muitas! — e simplesmente entendê-las. Eu amo tanto esse cara! E é o outro lado de mim. Eu detesto a idéia de ter pena de alguém, mas sinto muita pena dele. É uma criatura trágica. Infelizmente, Marilyn pode ser esperto, engraçado, charmoso, sedutor... só não é inteligente. E isso é uma das coisas que atrapalham seu caminho."

George, na verdade, acabou exercendo sobre Marilyn a mesma influência que Dave O'Dowd teve sobre o vício de heroína que Boy adquiriu. George mandou que Marilyn parasse de fumar baseados recheados de cocaína. "E ele realmente parou", lembra Boy, "porque ele não tinha condições de pagar e eu me recusei a pagar qualquer 'conta' do gênero. Nunca paguei nem vou pagar boletos com drogas de qualquer pessoa que seja. Sei que meus hábitos [illegible] são dos melhores, mas não [illegible] ninguém viciado por mim [illegible]."

Para falar contra as drogas, ninguém tem mais hora do que George. "Eu gostei da sensação da heroína. É terrível dizer isso, mas ela fazia com que eu me sentisse superior, calmo, como se eu soubesse coisas que ninguém mais sacava. Ela dá uma sensação de falsa arrogância, era perfeita para aqueles tempos em que eu era boicotado pela mídia, quando meus discos não vendiam. Era uma maneira de me esconder."

Então foi esta a razão do envolvimento de George com a droga? Logo ele, que costumava declarar-se contra todo e qualquer tipo de droga ou sedativo, que classificava isso como burrice e infantilidade? À revista *Spin*, numa entrevista recente, George foi sucinto: "Pode anotar aí que eu realmente sou um idiota. Ou que, infelizmente, não sei exatamente por que comecei a usar drogas."

O fato é que, sob o tratamento da Dra. Patterson — um método de infusão de ondas eletrônicas pelo corpo —, George passou a odiar a heroína. "Ela arruinou tanta coisa na minha vida", afirma George, "que hoje em dia eu passei a realmente odiar a heroína. Ela destruiu meu trabalho, a relação com os meus amigos, atravessou meu caminho e fez tantos estragos, tantos. Na minha opinião, Meg Patterson foi incrível, pois não tentou fazer comigo nenhum tipo de lavagem cerebral à base de propaganda estúpida. Ela admitia que a heroína podia trazer ótimas sensações. O problema é depois! Nenhum traficante vai dizer a você que no dia seguinte, quando você acordar, corre o risco de vomitar violentamente, tremer, perder o controle das sensações, transformar-se num velho fraco e cansado. E foi exatamente isso que aconteceu comigo."

Foto Associated Newspapers/ Ica Press

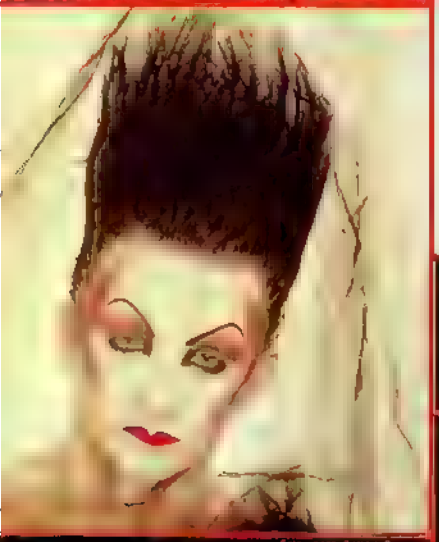
Kevin O'Dowd, acusado de ser o fornecedor

Foto Express Newspapers/ Ica Press

Ao fim do inquérito, um final feliz: Boy sai com uma multa e o carinho dos fãs. Abaixo, Marilyn

Foto Associated Newspapers/ Ica Press

O CAMALEÃO DO KARMA EM NOVE ENCARNAÇÕES



Antes de fundar o Club, Boy George pontificava entre os *new romantics* — um movimento ultrafútil, que misturava duas doses de música, três de comportamento e cinco de música. Quanto mais ultrajante o visual (alto), melhor.

Em 1983 (alto) George era o que se convencionou chamar "uma sensação" em todos os continentes. Com suas madeixas multicoloridas, suas batas largonas e seus chapéus de rabino, ele cristalizava a então frenética "Segunda Invasão Inglesa" que deu ao mundo, além de George, o Duran Duran.

A saúde aparente de George em meados de 85 (à direita e no alto) ocultava, na verdade, o início do dilaceramento pessoal do artista. *Waking Up with the House on Fire* — o disco daquele ano — não venderia tão bem quanto os anteriores, a crítica passara a atacá-lo e o público não mais lotava os estádios e teatros para ver os shows do Culture Club e de Boy George.

Um estudo de arrogância, bom gosto e premonição, esta foto (abaixo) foi feita antes da explosão do Culture Club, numa época em que Boy George era um garotão ambicioso, obcecado por moda, que desenhava suas roupas... mas não cantava.

Dois flagras da fama: o Culture Club cavalgando firme a onda do sucesso (foto superior) era a própria felicidade. A tristeza do início de 86 (alto) está clara.

O Camaleão do Karma em ação: à medida que sua popularidade crescia, Boy George apurava e transformava seu célebre visual. O look mais famoso foi o das trancinhas (alto) e das batas. Um dos mais sofisticados ocorreu quando George optou por algo oriental (esquerda).

TINA TURNER

45 minutos conversando com um vulcão

TINA TURNER

Miami em agosto é quase tão tórrida quanto Bangu em fevereiro. Só que a umidade é fatal e despenca sobre os ombros dos incautos com potência mastodôntica. Foi achatado por esta "delicadeza" climática que *José Emilio Rondeau* chegou ao hotel Hyatt Regency, na principal cidade da Flórida, para um *rendez-vous* com Tina Turner.

Era a primeira entrevista mundial que Tina dava dentro da campanha de lançamento de seu novo álbum, *Break Every Rule*. Ela estava no camarim do teatro do hotel, preparando-se para o ensaio geral do programa de TV que gravaria no dia seguinte, *Siempre em Domingo*, uma vitrine eletrônica latino-americana que é transmitida mensalmente para 18 países de língua espanhola. Descalça, bebericando coca-cola, com um vestido esvoaçante, de leve gaze, Tina recostou-se numa fofa poltrona, cruzou e descruzou aquele famoso par de pernas e falou sobre o novo disco, seus planos de vir ao Brasil, sua vida com Ike Turner, cinema, Mick Jagger, sexo e rock'n'roll.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, Tina subiu ao palco do Hyatt Regency Theater e deu 150% de si num ensaio com *play back*. Dançando descalça, balançando o vestido e errando a letra vez por outra, Tina mostrou, para uma platéia de curiosos e técnicos da televisão mexicana, a recompensa de quase um quarto de século de trabalho duro, desilusões e teimosia. E entrou em franca erupção o vulcão Tina Turner.

BIZZ — *Os últimos dois anos — 84/85 — foram de extrema atividade para você. O período 86/87 também será tão atribulado?*

Tina — Ha, ha, já começou, até! Tenho andado muito ocupada. Em 86 tirei um tempo para fazer o álbum (*Break Every Rule*), vídeos e para escrever uma autobiografia (*I, Tina*, escrita a quatro mãos por Turner e Kurl Loder, editor da *Rolling Stone*). No próximo ano começo uma nova turnê mundial — e desta vez irei ao Brasil, pois nunca estive lá! Estou excitada! E é por isso que esta turnê é tão importante — desta vez vou a lugares onde nunca me apresentei antes, durante os 24, quase 25 anos de minha carreira.

BIZZ — *Quando você começou a gravar* Break Every Rule?

Tina — Em abril? (perguntando a si mesma). Comecei em meados de abril e lá por maio Mark Knopfler estava ocupado com outras coisas e só pôde gravar sua participação em julho, as últimas duas canções do álbum (Mark produziu "Overnight Sensation" e "Paradise Is Here" e tocou guitarra nesta última).

BIZZ — *Neste álbum, como no anterior* — Private Dancer —, *você empregou uma grande variedade de produtores. Essa mistura de várias pessoas envolvidas — como Knopfler, Bryan Adams e Terry Britten — tem sido uma coisa saudável?*

Tina — Eu comparo este (novo) disco com meus shows. Sempre interpretei músicas de diferentes pessoas, através dos anos. E acho que agora tive muita sorte, porque o público já está acostumado a me ver cantando um repertório tão variado. Meus shows sempre foram assim, passando de um estilo para o outro e é isto, justamente, que acontece em *Break Every Rule*, pelo fato de eu trabalhar com tantos produtores diferentes. Não há somente um determinado tipo de produção, como o de Terry Britten (que produziu "Typical Male") ou o de Bryan Adams (que produziu "Back Where You Started", com Bob Clearmountain). Acho que esta mistura de produtores é como me ver ao vivo. Há uma conexão, entende? Eu sou muito visual e as pessoas que nunca me viram ao vivo agora podem imaginar como é o meu show. Finalmente (fiz) um álbum que tem o meu estilo visual.

"Nunca me preocupei se era mulher e negra. Era apenas uma pessoa com obstáculos"

BIZZ — *Você tem uma carreira de quase 25 anos e só bem tarde* Private Dancer *provocou uma verdadeira explosão de popularidade. E logo você, chamada de "the hardest working woman in rock'n'roll" (a mulher do rock que mais dá duro), que levou tanto tempo para chegar aonde chegou. Esta explosão surpreendeu você?*

Tina — Durante todos aqueles anos em que estive trabalhando, antes de fazer discos (solo), as pessoas gritavam do público: "Quando você vai gravar uma canção para nós?" E eu dizia nos shows, entre uma música e outra, que aquilo nunca aconteceria porque eu ainda não havia achado a canção certa. Quer dizer, eu estava sob os olhos do público o tempo todo — trabalhando com artistas como Rolling Stones e Rod Stewart — e o público estava esperando algum material de mim. Então, quando fiz (*Private Dancer*) .. não estava muito segura a respeito dele, sabe? Eu nunca tinha cantado uma música como "What's Love Got To Do With It?", não era o meu tipo de música. E não queria cantar alguma coisa com a qual não pudesse me relacionar em termos musicais. Aí é que entrou o lado do empresariamento, porque Roger Davies (*empresário de Tina*) tem um faro comercial para sacar discos que fazem sucesso. Eu não tinha este faro — entendia sobre o trabalho de palco. Então aquele álbum ficou nas mãos dele e confiei na decisão dele quanto a *como* fazer um *hit*. Quando o álbum estourou, foi uma surpresa — o fato de ter sido tão bem-sucedido como foi. Mas a surpresa não foi tanta, porque eu já vinha trabalhando ao vivo (solo) há sete anos e as pessoas que me apoiaram durante este tempo estavam esperando (por um disco).

BIZZ — *O sucesso de* Private Dancer *tomou proporções exageradas? Você perdeu o controle?*

Tina — Não, porque nunca olhei para luzes ou pessoas que me tirariam da realidade. E fiquei aqui, na terra, no chão. Aí você me pergunta: "Como foi possível". Quero dizer com isso que não dá para você começar a se sentir poderosa demais, pois se o seu disco não acontece .. onde é que você vai parar? As pessoas vão embora, as luzes se apagam. Eu sei o que acontece quando você não faz sucesso. Por isso, se eu tivesse que voltar a ser aquela pessoa que não fazia sucesso, conseguiria facilmente. Não deixei que o sucesso me afastasse da pessoa que sou. E também tem o lado espiritual. Você recebe de volta aquilo que você dá. Quando você não dá coisa alguma, recebe merda de volta.

BIZZ — *O seu público mudou muito através dos anos?*

Tina — Algumas pessoas constituem família, são convencionais, acham que precisam sossegar com a família e eu não fiz este tipo de coisa. Meus filhos cresceram e não senti necessidade de me tornar convencional, pois ainda tinha meus sonhos e minha música como sendo meus objetivos. Então continuei fazendo shows à minha maneira e, por causa disto, o público foi ficando cada vez mais jovem, porque a garotada não se importava com a minha idade. Gosta-

do que eu estava fazendo, gostavam do meu estilo, da minha energia. Se você for olhar a música de hoje não existem muitas Tina Turner por aí, mas, basicamente, pessoas que sabem cantar mas que não sabem bons de palco. Tina Turner era [illegible] no que fazia — cantar e se apresentar ao vivo —, porque tenho feito isto a vida inteira. Portanto, as plateias foram ficando cada vez mais jovens, porque estão sendo expostas a um novo tipo de *performer!* E isso não tem idade.

BIZZ — *Nos anos 40 e 50 houve uma série de astros do cinema que resolveram cantar também. E vice-versa. Você fez uma movimentação parecida, sendo uma cantora que começou a representar. Como foi isso?*

Tina — Para mim, um cantor — ou uma cantora — também é um ator ou uma atriz. Só que canta. Estamos falando de pessoas visuais. Estamos falando sobre aquilo que Jagger faz no palco — todos aqueles rebolados, aquelas caras, o lado físico... e Tina Turner também! Tudo aquilo é representação. Por isso seria fácil para um diretor pensar imediatamente: "Posso usá-la representar, se me derem o papel certo". Isto não foi problema para David Bowie —, acho, pois havia uma espécie de mistério em torno dele. Não acho que Mick e eu tenhamos o mesmo mistério de David. Então esta passagem para David foi mais esperta e mais rápida, pois ele tinha este instinto natural de ator. Eu sabia que para mim era preciso fazer um papel fora do comum e não o papel de esposa, detetive, ou policial. Tinha que ser algo maior que a própria vida. Esta é a razão porque fui a Acid Queen (do filme *Tommy*). Foi o começo, e esperei até que pintasse alguma coisa como *Mad Max*. Porque somos atores e atrizes incomuns, precisamos achar os roteiristas certos.

Não somos da velha escola de Hollywood. Somos cantores que também representam. Eu não conseguiria fazer os filmes da Meryl Streep ou os filmes da Jessica Lange, necessariamente. É preciso que seja um filme tipo Tina Turner"! Assim como, por exemplo, o *Exterminador do Futuro* ou *Rambo* — bem, nem tanto. É preciso que o papel tenha algum tipo de *performance*. Fui convidada para fazer *A Cor Púrpura* (o papel principal, que acabou sendo feito por Whoopi Goldberg), mas não aceitei, era muito triste, não era fora do comum o bastante. Então, estou esperando por um outro filme.

BIZZ — *Voltando para o palco, quando começa sua nova turnê?*

Tina — Começa em março ou abril, na Europa. Como eu não sei direito o itinerário, talvez a esta altura eu já esteja chegando ao Brasil, ha, ha, ha! A gente precisa começar a turnê em lugares mais remotos, onde se possa burilar o show até que ele fique como um sapato velho, entende? Não importa o quanto você ensaie, é ao vivo que você "limpa os borrões". E eu não quero chegar ao Brasil com borrão algum, ha, ha, ha!

BIZZ — *Você sabe alguma coisa do Brasil, sabe o que espera lá?*

Tina — Me disseram que é muito parecido com a Itália — as pessoas são excitantes, vivas. Vi alguma coisa pela televisão e os brasileiros parecem muito agressivos e divertidos. Então, só posso falar do pouco que sei, como o Carnaval. Yes, yes, yes, conheci também um cantor brasileiro durante a gravação de um comercial para a Pepsi.

BIZZ — *Evandro Mesquita*

Tina — Yes, yes, yes! Foi comunicação imediata. Foi ótimo trabalhar com ele.

BIZZ — *Por falar em colaborações, depois de muito tempo de mútuo flerte — ele já confessou até que copia muito de seus passos de dança — Mick Jagger e você fizeram uma apresentação juntos, no Live Aid. Como foi?*

Tina — Mick e eu já trabalhamos juntos muitas vezes. Ele me convidou para trabalhar com ele (abrindo para os Rolling Stones, ainda como Ike & Tina Turner) nos anos 60, no final dos anos 70 (com Ike) e no começo da década de 80 (solo). E, mesmo assim, Mick e eu jamais tínhamos feito alguma coisa *juntos* porque nossos roteiros eram muito diferentes, sempre estávamos em

Tina exercita seus atributos femininos para cima de um macho típico

Foto Paul Cox/EFE

cantos diferentes do mundo. Até que nós fomos convidados para o Live Aid. Mick gostava de "State of Shock" e decidimos cantá-la juntos. Se a oportunidade surgir, no futuro trabalharemos juntos, de novo.

BIZZ — *Ao vivo, você e Mick tem uma expressão bastante sexual. Juntos, então?*

Tina — Não é sexual. Essa palavra é muito forte. Vou contar como é: nós nos envolvemos com o lado gostoso da vida, como homem e mulher. E algumas vezes fazemos coisas — Mick vai e faz (Tina imita uma care-

TINA TURNER

ta de Jagger e ergue o corpo), e exagera o que a mulher está fazendo, certo? O que damos ao público é o lado gostoso da vida, o lado menos sério. Muitas vezes as pessoas nos chamam de sexy, mas não é necessariamente porque insinuamos sexo em nossas palavras ou porque rodopiamos. Nós damos vida àquele lado da vida, enquanto outras pessoas transam aquele lado do carinho, do "estar apaixonado". Eu também faço isso, mas também faço o lado levado. Então não é só sexy, sexy, sexy ou, provavelmente, graficamente sexy. É sexo divertido! Ou levado

BIZZ — *Mick e você seriam provas de que é possível fazer rock depois dos 40 anos de idade?*

Tina — Sim, sim. Porque você vê — eu ainda acho que você não deve seguir apenas regras quando estas regras vão acabar moldando sua vida. Meu novo disco se chama *Quebre Todas as Regras*. Quer dizer, eu tenho quase 50 anos! O rock'n'roll é a minha música. E aquele tipo de show é o meu tipo de show! Não vou colocar um vestidão e um casaco de pele e ficar parada cantando no palco só porque tenho 50 anos! *Forget it!* Não é a minha vida! E eu acho que algumas pessoas cometem o erro de acharem que "oh, agora estou mais velha, preciso parar de fazer isto". Me perguntam "quanto tempo você vai continuar assim?" Eu não sei! (bem enfática). É simplesmente o meu estilo. Para que mudá-lo? Você tem que ser você mesma!

BIZZ — *Não deixa de surpreender a sua forma física. Você está em melhor forma do que eu!*

Tina — É uma questão de atitude sabia? Nós somos ativos! Nós não ficamos sentados! Não fingimos que somos rock n'roll. Nós somos! Não nos vemos como pessoas "maduras", velhas e gordas. Mick e eu. David também é assim. Não nos vestimos como velhos, buscamos roupas que possam fazer uma ponte (com a juventude). Quer dizer, você não nos verá cobertos de couro, como Billy Idol ou seja lá quem for, mas nós usamos couro. E o nosso jeitão

BIZZ — *Fale um pouco sobre sua autobiografia. Como pintou a idéia?*

Tina — Quatro livros haviam sido escritos, na Europa e nos Estados Unidos, todos sobre mim. E estavam cheios de erros, com coisas que eu não tinha dito e que, mesmo assim, apareciam como saindo da minha boca. Eu dei duro demais na minha carreira para chegar até onde cheguei e para que as pessoas soubessem quem sou e o que penso. Não gostei dos livros. E, então, uma segunda coisa me chamou a atenção. Eu meio que disse (numa entrevista) que ao deixar Ike, meu ex-marido, tinha apenas 46 *cents* no bolso. Alguém leu aquilo e saiu dizendo que eu estava, na verdade, querendo compaixão das pessoas. Eu nunca procurei compaixão na minha vida! Até pensei em escrever este livro quando me aposentasse, pois ninguém gosta de estar na frente do público quando se conta seus "negócios"! Mas decidi fazer agora, porque talvez as pessoas achem (no livro) a força com que me criei

BIZZ — *Qual foi sua reação quando veio à tona a versão de Ike sobre a vida e a separação de vocês, publicada na* Spin? *Machucou?*

Tina — Machucar, não. Me deixou sem jeito. Porque era grosseiro. Qualquer coisa grosseira pode ser abrasiva, entende? Mas você passa por cima daquilo e descobre qual a

"Mick Jagger e eu não somos pessoas 'maduras', velhas e gordas"

lição a aprender. Por outro lado, no livro *(onde Ike e outros ex-colaboradores da antiga dupla são entrevistados)* todo mundo teve espaço para falar livremente. Era o ponto de vista *deles*. E acho que não doeu (ver o que as pessoas falavam) porque encarei a coisa como "bem, isso foi o que elas aprenderam de mim, durante todos estes anos". Pelo menos tivemos uma chance (de ver nossas vidas em retrospecto)

BIZZ — *E vendo sua vida em retrospecto... algum arrependimento?*

Tina — Eu não gostava da vida de fazendeira! (Tina nasceu numa fazenda, em Brownsville, no Tenessee). Nem um pouquinho!

BIZZ — *Também tem outra coisa. Você é uma mulher "enfrentando um mundo eminentemente masculino, como é o show-biz e o rock'n'roll*

Tina — Vivi minha vida sem me preocupar muito se era mulher ou se era negra. Não coloquei tanta cor ou genes em mim. Era apenas uma pessoa com obstáculos a superar. Provei que tinha alguma coisa, meu talento. Fui e trabalhei — algumas vezes de graça, para provar às pessoas que eu tinha alguma coisa a oferecer e não simplesmente porque era mulher. E destruí as barreiras, os obstáculos, trabalhando

BIZZ — *Alguma coisa que você sempre quis fazer mas ainda não conseguiu?*

Tina — Era o trabalho de atriz. A minha vida toda eu quis representar, em vez de cantar, porque nasci cantando — sequer consigo me lembrar (de alguma época de minha vida em que eu não cantasse)! Mas quando ia ao cinema, *aquilo* era o que eu queria fazer. Ainda não é tarde demais, no entanto. E não vou desistir até que seja uma atriz tão boa quanto a cantora que sou

BIZZ — *Você quase nunca fala de seus filhos*

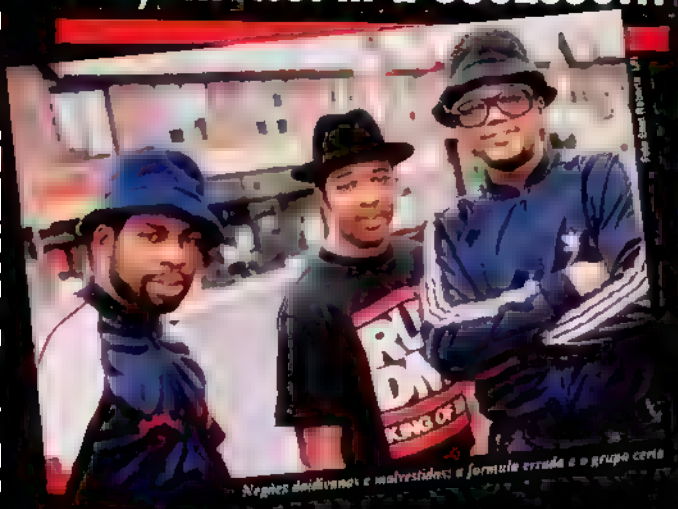
Tina — Quando veio o divórcio, nós tivemos que ir à luta e sobreviver. Um de meus filhos foi para a Marinha, outro teve problemas com drogas. Tive a felicidade de voltar a trabalhar e o matriculei numa escola particular, longe das drogas. Então nós — eu e os dois filhos — meio que nos separamos para cada um viver sua vida. Nos ocupamos, cada um em seu cantinho do mundo — não havia necessidade de eles se grudarem a mim em busca de força porque eu não era tão poderosa assim. Sempre os ajudei monetariamente quando era necessário, mas também os empurrei para a vida. Eles eram meninos e eu disse: "olha, somos iguais, saudáveis e agora é a hora de todos nós trabalharmos". E é assim que foi. O mais velho tem 28 anos, o mais jovem tem 25. Os filhos de Ike são basicamente da mesma idade, nasceram na mesma época, mas de uma outra mulher

BIZZ — *Então sua platéia é mais jovem que seus próprios filhos?*

Tina — Yeah *(fascinada)*. Mas não tem nada a ver. Viu como você está raciocinando? — "seus filhos são mais velhos que seus fãs". E daí? Não me interessa a idade deles! Eles gostam de minhas músicas! Não acho que uma pessoa ouve a música e pensa "que idade terá (o artista)?" A primeira coisa que diz é "Ah, eu gosto da música". Depois é que vai querer saber como é o artista. Se você tiver um bom visual — e mesmo se não tiver — a pessoa vai e compra o disco. Estamos falando é de criatividade. E a criatividade transcende cor, raça e atitude. Transcende tudo.

RUN DMC

RAP, HIP-HOP... E SUCESSO!!!



Negões deslivrados e malvestidos: a fórmula errada é o grupo certo

Eles não são brancos, não se vestem com apertadas calças de spandex como as de David Lee Roth, não têm um videoclip atochado de efeitinhos especiais, meninas gostosas e copos de vidro quebrando, e muito menos costumam enfeitar as capas das revistas femininas adolescentes. Mesmo assim os três maluquetes do Run-D.M.C. estão entre os 10 artistas mais vendidos nos Estados Unidos, com o álbum *Raising Hell* e o compacto "Walk this Way", uma recriação imperdível do clássico heavy funk do recém-ressuscitado Aerosmith.

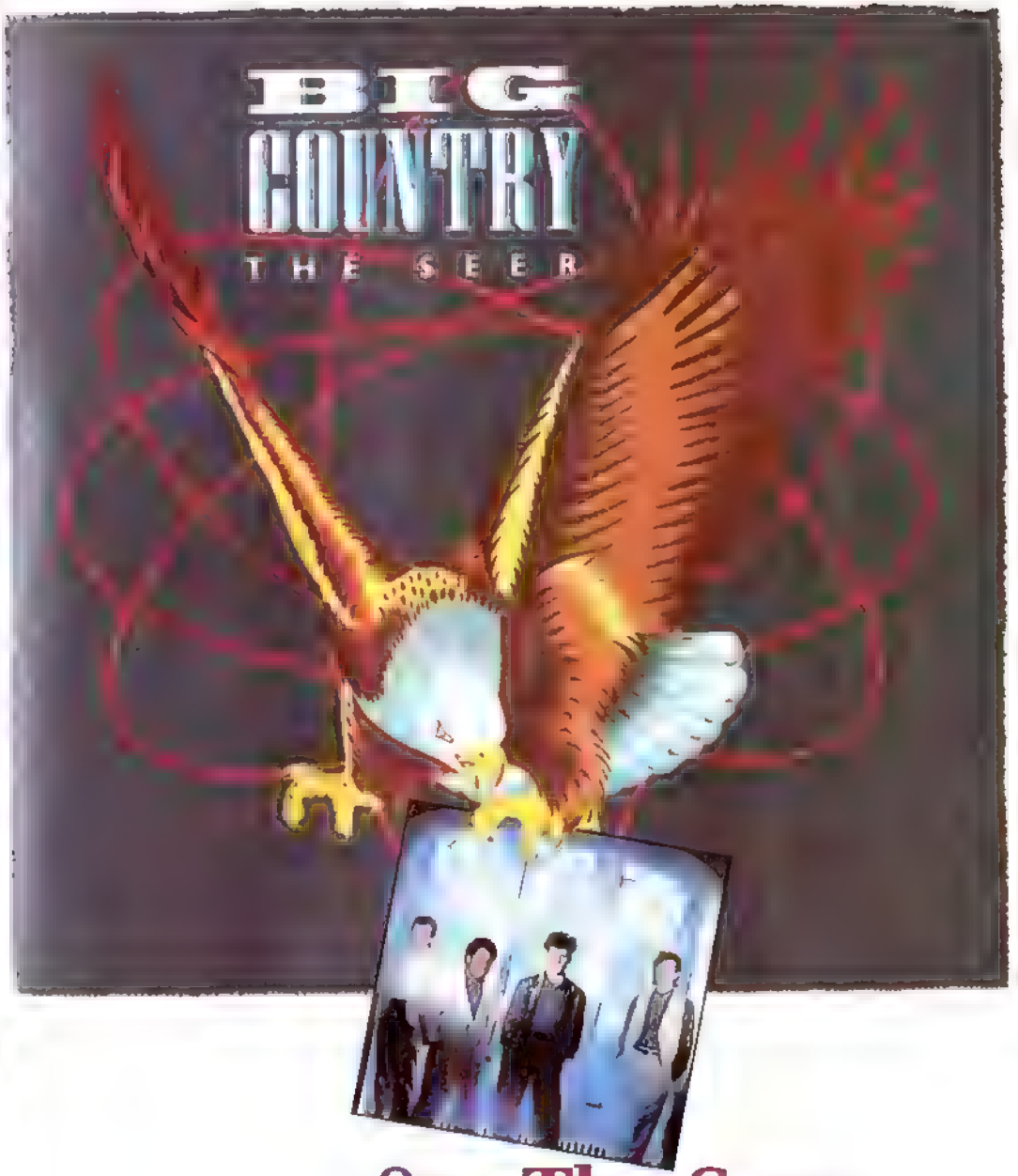
Com seus tênis Adidas brancos (sem cadarços!), chapéus-coco e jaquetões de náilon e couro, o Run-D.M.C. é o mais bem-sucedido grupo da segunda geração de *rappers* — artistas que improvisam (ou não) falas por cima de montagens musicais e rítmicas literalmente vertiginosas. Foi este trio — formado por Joe Simmons (o Run), Daryl McDaniels (D.M.C. por extenso) e Jay Mizell (nome artístico: Jam Master Jay) em 1982, no bairro nova-iorquino de Queens — que transportou o rap das ruas dos bairros negros para o coração do *mass media*. Graças ao Run-D.M.C., rap e hip-hop enchem hoje estádios antes ocupados exclusivamente por superastros do rock.

E, sem dúvida, sucesso em grande estilo. O clip de "Walk this Way" (em alta rotação na MTV desde seu lançamento) foi dirigido pela premiadíssima dupla Godley & Creme. E ninguém menos que Steve Tyler e Joe Perry — autores de "Walk this Way" e, respectivamente, vocalista e guitarrista do Aerosmith — regravaram a música especialmente para a ocasião e ainda participaram do bem-humorado vídeo. Para quem não acreditava na pacífica convivência de *rockers* e *rappers*, foi uma amostra definitiva de harmonia.

Mas, como geralmente acontece, junto com o sucesso o Run-D.M.C. tem encontrado algumas cascas de banana no caminho. Em dois shows recentes a plateia — composta por uma ecletica *mélange* de skatistas *hardcore*, *hip-hoppers* e surfistas brancos — entrou em erupção e a coisa degenerou em pancadaria, facadas e tiros. Quem é que teve que pagar por isso? O rap. E tem mais: a modéstia não é uma das qualidades de um *rapper* que se preze. Pelo contrário, cada rap é um verdadeiro exercício de bravatas. Daí não ser surpreendente ver declarações de Run acusando meio mundo de plagiar seu som. Numa entrevista a *Rolling Stone*, Run disse que Janet Jackson e o grupo Tears for Fears afanam suas idéias do repertório do Run-D.M.C.

Ter vendido mais de um milhão de cópias de *Raising Hell* só nos Estados Unidos, portanto, acabou sendo uma faca de dois gumes, pois reacionou aquela velha cantilena de que os bem-sucedidos são, necessariamente, corruptos e ilegítimos, como se poder comercial e valor artístico não pudessem andar de mãos dadas.

Ecletismo e comunhão sempre foram as palavras de ordem do Run-D.M.C., como explicou Jay à revista californiana *BAM*. "Nós não somos um grupo tipo R&B", disse, "não somos um grupo de rock. Vejo o grupo em termos de um grupo *real*. Fazemos o que for real." *J.E.R.*



Ouça The Seer
e saiba por onde anda
o rock de amanhã.

PolyGram

KIKO ZAMBIANCHI

QUER RADICALIZAR

Um estranho caso: ele começou emplacando sucessos no rádio, e agora quer partir para o circuito *underground*

Cheguei cedo ao almoço marcado para o meio-dia e meia. Escolhi com carinho uma daquelas churrascarias que tem seu próprio rebanho, já que a carne disponível na época era importada da Europa — isso me lembra Chernobyl. Quando Kiko entrou, sua primeira pergunta foi: "Será que tem frango aqui?" "Não me diga que você não come carne!" O restaurante tinha frango. Menos mal.

Logo ao sentar confidenciei a ele: "Já tem gente dizendo que seu novo som é a cara do Prince." Ele sorriu. "Tem influências sim. Também do Cure, Echo... Prince é o melhor. Mas não sei se é tão visível."

Realmente muitas faixas de *Quadro Vivo*, seu segundo LP, lembram estes grupos. Mas o que dizer num quadro nacional onde alguns nem se parecem, mas são idênticos a Smiths, Yellowman, Cure, Gang of Four, U2 e por aí vai? Portanto, melhor dispensar este tipo de análise e contar sua história.

E ela poderia começar assim: o garoto do interior que desceu para o coraçao do país e fez sucesso. Só que ele não parou no tempo, como muitos. Ainda em sua terra natal, Ribeirão Preto (SP), Kiko chamou a atenção de um produtor que mostrou uma fita sua para a Odeon. A gravadora imediatamente o contratou.

Kiko já tinha montado, no interior, um grupo chamado Vida de Rua, que pesquisava umbanda e samba, fortemente influenciado por Caetano e Gil. Mas, lá pelos seus 22 anos, entraram em cena bandas como Blitz, Barão Vermelho... Kiko logo exclamou: "Pô, eu posso fazer isso."

"A capital mudou minha cabeça"

O menino do interior chegou a São Paulo sem saber da existência do rock anos 80, de Ira!, Titãs etc. Logo caiu na noite e começou a frequentar os shows da época e as lojas de discos... "Tudo isso mudou minha cabeça", conta ele. Quando entrou no estúdio para gravar o primeiro LP, *Choque*, suas composições há havia mudado. "Mas a produçao achou que eu tinha de parecer 'o garoto do interior'. E eu não tinha nenhuma experiência de gravação. Todo mundo dava palpite, e acabou ficando bem diferente do que eu queria. Tanto é que este primeiro disco não faz minha cabeça. Não ponho em casa para ouvir. Já este de agora, ouço, gosto."

Choque foi lançado em 1984 e, com ele, Kiko teve "Rolam as Pedras" (depois "Choque" e "Primeiros Erros") tocando exaustivamente no rádio. "Isto me deu um certo 'poder'. Vi que tinha condições de me firmar e fazer o que eu realmente queria. Daí eu ter participado neste último disco também como produtor. Eu já tinha sido co-produtor no disco do Muzak, mas eles não me ouviram muito. Na mixagem o som deles pio[rou] e mais ainda na prensagem. Comecei a ver que não tinha mistério um estúdio..."

E quais as vantagens e desvantagens de ser muito executado? "Enquanto o Ira!, Titãs estavam fazendo shows, eu era 'o que tocava no rádio'. O pessoal não sabia que eu fazia show — até hoje eles não acreditam que eu faça. E, também, as pessoas exigem que você faça um novo trabalho que vá tocar no rádio. Acho difícil fazer som que toque no rádio e tenha qualidade. Vantagem é que eu não era ninguém. Me firmei no meio artístico e como compositor."

As características mais marcantes no música de Kiko são o rock balada [e] a influência da MPB. Talvez estejam os motivos que levam vários interpretes e artistas de renome a [gravar] como compositor.

"Atualmente o rock é meio rapidão. E sinto uma carência dessa música mais calma. E não sei se é por isso, ou porque gostam da minha música, que pessoas como Marina, Erasmo, até o editor da Gal Costa e grupos como Absyntho me pedem músicas... Mas não dou para todos, porque sou muito exigente", conta ele.

"O meio artístico é falso"

Neste último disco Kiko não apenas compôs, mas também arranjou, produziu e, em algumas músicas, até tocou todos os instrumentos. Se ele vai ser bem recebido no meio artístico e pela crítica é algo que não o preocupa. "Sei de pessoas que gostam e não falam, só porque toca no rádio. Não tenho pretensão de que achem legal, mas sei que falam mal. Infelizmente, não só no meio mais radical, como no meio artístico em geral, as pessoas são muito falsas. É a ala mais difícil de se agradar. Tem aqueles que vão num show só para ver o erro. Já vi disputa de estrelato, tipo gente vibrar porque o show de um determinado artista estava ruim."

E no seu show, quais as novidades? "Bem, vai ter meu irmão, o Bolão, no baixo, o Carlos Silva na bateria e o Ivo de Carvalho na guitarra. O Ivo é supercalmo e faz tudo que você pede perfeitamente. Além disso, Lucinha Turnbull vai fazer backing vocal e tocar guitarra. Serão três guitarras... e o Donald Mendonça nos teclados." E daqui para frente?

"Quero montar uma banda só para fazer outro circuito, menor, mais radical. Sem aparecer Kiko na frente – que eu dê apenas uma força."

Só de brincadeira, perguntei ao Kiko quem ele escolheria para fazer parte desta banda, pegando os grupos em evidência no cenário nacional... "Deixe-me ver... Nivaldo (Muzak) e Edgard (Ira!) nas guitarras. Akira S no baixo, Claudio (Violeta de Outono) na bateria e Renato Russo (Legião) no vocal." *S.M.*

O Metallica, arrasando em sua turnê

• O **Metallica**, segundo todos que assistiram, arrasou no início do ano na última turnê americana de **Ozzy Osbourne**, quando superou em muito o show do mestre do *black metal* e confirmou ser o mais importante do jovem metal atual. Em setembro o Metallica iniciou sua excursão pelo Reino Unido. Leva consigo para abrir os shows a também americana **Anthrax** que, por sua vez, tenta conquistar território. Quando da excursão americana, num concerto em Long Beach, aconteceu um fato que poucos divulgaram, talvez receosos de prejudicar os artistas. Foi o seguinte: quatro *headbangers* chapados se esbaldavam na boca do palco durante a performance do Metallica em "Jump in the Fire", e de repente foram caindo. Três foram levados a um hospital (um ficou paralítico) e o quarto morreu numa overdose de bebida e diversas drogas pesadas. Ele se chamava John Lollas e tinha 22 anos segundo o fanzine americano *Nu Music Nus*, que publicou o fato. Agora em julho último, quando o Metallica estava em Indiana, o guitarrista-vocalista **James Hetfield** foi praticar skate e sofreu um acidente, quebrando um cotovelo. Mas nem isso cancelou a excursão, pois James continuou cantando e o *roadie* John Marshall desempenhou sua parte na guitarra. Nada como ter senso de profissionalismo e, ainda por cima, funcionários tão eficientes. Tem gente que, ao menor espirro, cancela tudo.

...ce Frehley, ainda nos tempos da maquiagem, colaborando com Vinnie

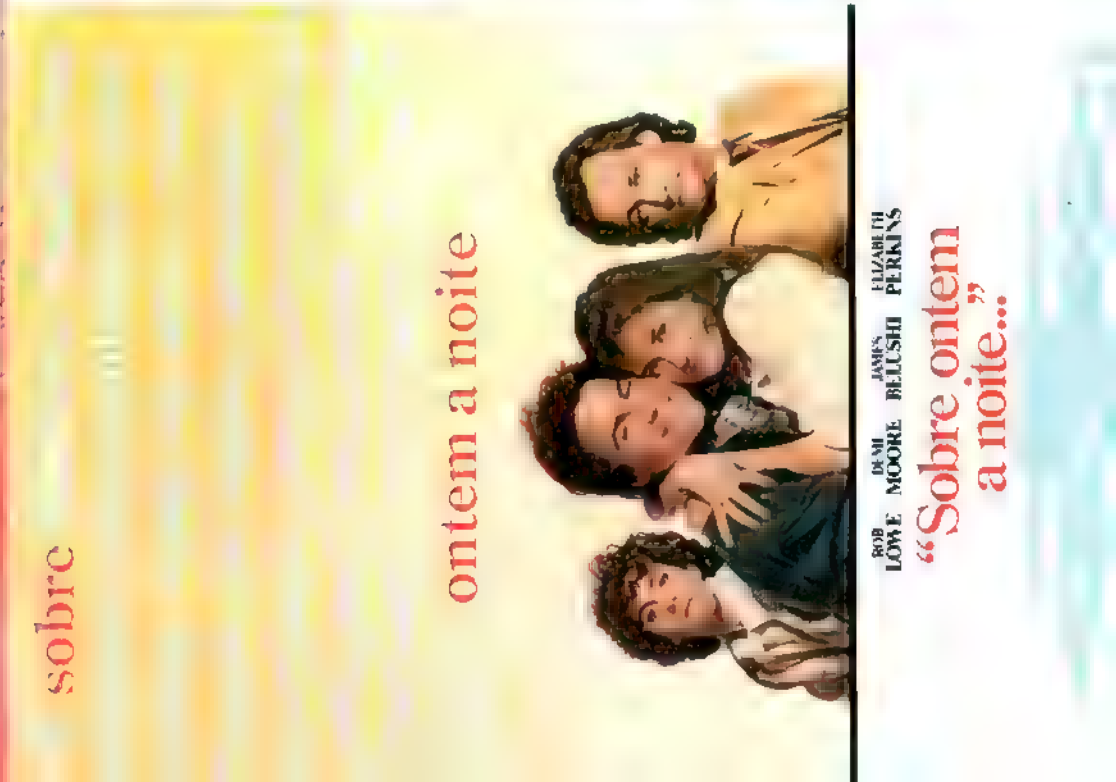
• O **Tokyo Blade** gravava seu terceiro LP, *Warrior of Rising Sun*, quando o vocalista Vicki James os deixou e foi morar nos EUA. Era só o começo dos problemas. Sem selo certo para lançar o disco, o baterista **Steve Pierce** e o guitarrista solo **Andy Bolton** acabaram ficando sozinhos. Os outros debandaram. Vieram então os novos elementos, o baixista **Dave Donaldson** (ex-Tygers of Pan Tang), o guitarrista **Sean Cooper** e o vocalista **Peter Zito**. O LP foi suspenso, novo material está sendo gravado na Alemanha e deve sair por uma gravadora de lá mesmo.

• Como tem muita gente querendo saber, lá vai: *Vinnie vincent Invasion* (selo Chrysalis) é o LP de estreia em carreira solo do ex-guitarrista do Kiss, **Vinnie Vincent**. O material foi produzido com o baixista **Dana Strum**, em Los Angeles. É um album segundo Vinnie, sem resquícios de sintetizadores e teclados. Uma das faixas é "Back on the Streets", composição de outro ex-guitarrista do Kiss, **Ace Frehley**. Com Vinnie e Dana estão o vocalista de Los Angeles **Robert Fleischman** (trabalhou em estúdio com o Journey), tido como um dos cinco melhores do estilo, e o baterista **Bobby Rock** (meio Bonham, meio Moon). Se nada impediu, devem estar agora na Europa. Ace, por sua vez, anda às voltas com o primeiro LP do **Frehley's Comet**, contendo músicas de Russ Ballard e Thin Lizzy. E já anda fazendo comercial de guitarras em revistas musicais. Para variar, aqui não saiu nada ainda.

• A nova **Ozzy**. O mestre está livre daquela acusação de ter induzido ao suicídio (com as letras de "Paranoid" e "Suicide Solution") o jovem John McCollum. Segundo o juiz de Los Angeles, John Cole, essas músicas estão garantidas por uma emenda da Constituição americana. É bom explicar e Ozzy explica: "Eu combato a dependência alcoólica em 'Suicide Solution'. Eu perdi um amigo alcoólatra. Ninguém está mandando ninguém se matar."

• **Michael Schenker** está de volta e com um enorme cabelão. Para o baixista do Iron Maiden, **Steve Harris**, e o vocalista do Scorpions, **Klaus Meine**, Michael é um dos maiores da guitarra no rock atual. Livre das drogas pesadas e com família constituída, Michael ressurge com novo grupo: **McAuley Schenker Group** (mantendo assim a sigla **M S G**). O vocalista é **Rob** (ex-Far Corporation e Grand Prix); **Steve Mann** (ex-Lionheart) faz teclados e guitarra; **Rock Newton** (ex-Lionheart) é o baixo e na bateria está o austríaco **Bodo Schopf** (ex-Falco, aquele mesmo). Durante agosto e setembro já aconteceram algumas apresentações pela Irlanda. No show de abertura, o **Rogue Male**, apresentando o material de seu segundo LP. No fim do ano, o novo M S G deve gravar seu LP pela Chrysalis.

Leopoldo Rey



EUGÉNIA

Os brasileiros têm uma imagem careta de Portugal que é totalmente absurda — ela esbraveja com olhos arregalados enquanto discutimos a falta de um intercâmbio cultural *efetivo* entre dois países que, afinal de contas, compartilham a mesma língua.

Eugénia fala com conhecimento de causa. Desde 1981, ela mantém sua carreira de cantora lírica como uma ponte entre Brasil e Portugal que permanece desequilibrada em termos de público. Na terra natal, seus três LPs — *Terra de Mel* (82), *Águas de Todo Ano* (83) e *Eugénia Melo e Castro*, deste ano — são discos de ouro. Aqui pouca gente sequer sabe que existem.

O que é uma pena. Ancorada em alguns dos melhores instrumentistas do "clube da esquina" (Wagner Tiso, Toninho Horta e Robertinho Silva), Eugénia coloca sua voz aveludada em um todo cool-acústico liberto de excessos e firulas. Além disso, esse último LP inclui participações realmente especiais, como as de Caetano (co-autor de "Meu e Assim") e Milton (musicando "Vaga no Azul", de Fernando Pessoa).

Filha de escritores, Eugénia se apaixonou pela música brasileira justamente pela valorização das letras — principalmente Chico e os tropicalistas —, mas acho que essa sua formação persegue por natureza, mas é difícil, já que as palavras têm de se conformar com as limitações que impõem métrica e melodia.

... bater na porta de Wagner Tiso, cujos arranjos nos discos de Milton lhe pareciam os mais ricos da MPB. De lá para cá, vive entre Lisboa e o Rio de Janeiro como pioneira à própria custa desse intercâmbio que só pode fazer bem. Quem leu a matéria de Miguel Esteves Cardoso sobre o pop português na BIZZ 6 já sabe que essa "imagem careta" de que Eugénia fala não tem nada a ver. É duro ser pioneira.

"Pioneirismo? Isso é uma grande babaquice", exclama com seu delicioso sotaque. "Se outras pessoas quiserem também fazer essa rota, eu vou achar ótimo. Mas não é o sentido do que eu faço. Eu faço porque gosto... esse papo de pioneirismo é pura babaquice."

OK, você venceu. Pergunto então o que lhe entusiasma na música brasileira mais recente, já que sua paixão parece fixar uma fronteira no começo dos anos 70. Ela não parece muito interessada, desconversa, volta a falar de Chico, Caetano, Milton, Tom Jobim, João Gilberto. O pior é que talvez ela tenha toda a razão. E o que ela acha, agora, do chamado "rock brasileiro"?

Eugénia para, pensa e assume um tom mais sério e pausado. "Olha, eu tive minha formação de rock na Europa... o máximo para mim ainda é Jim Morrison... então não posso gostar mesmo de roqueiros bem comportados... nesse sentido acho que o Cazuza tem letras muito fortes, uma carga que eu gosto."

Ah, se todas fossem iguais a você...

J. A. L.

Foto Jill Duran

CAETANO VELOSO

TOTALMENTE DEMAIS
JÁ É TOTALMENTE OURO

Caetano mais uma vez surpreendeu a tudo e a todos. E novamente brilhou. Resgatou o violão como parceiro e por onde passa deixa o povo inteiro extasiado com sua voz musica e emoção.
Shows com lotação esgotada no Rio e São Paulo.
Apenas inesgotável parecesse a fonte onde Caetano bebe seu caminho e intuição. E segue.
O LP "TOTALMENTE DEMAIS" já é totalmente ouro.
Mais de 100 mil cópias vendidas em 60 dias.
Parabéns Caetano. Mais uma vez a gente te aplaude de pé.

INCLUINDO: VACA PROFANA
O QUERERES
NOSSO ESTRANHO AMOR
[illegible]
E MUITO MAIS.
TOTALMENTE DEMAIS

MAIS UM SUCESSO EM DISCO E FITA

PolyGram

CAETANO VELOSO

Foto Ge atde Luiz Jornes Abril

Na véspera de seu aniversário de 44 anos Caetano Emmanuel Vianna Teles Veloso se trancou no escritório do empresário ipanemense Guilherme Araújo para falar sobre seu projeto voz-violão-e-mais-nada, cristalizado em *Totalmente Demais*, disco e show. Era o término de um ciclo acidental — cantar desacompahado fora, na verdade, um acaso motivado pela insistência de amigos — e o início da gestação do álbum seguinte, a ser feito com uma banda.

Caetano — um falador contumaz e compulsivo — tinha assuntos a fartar: o programa de televisão com Chico Buarque, o lançamento de um disco nos Estados Unidos, seu primeiro trabalho como diretor de cinema e — óbvio! — o insólito bigode (que ele raspou uma semana depois).

Pois foi na despedida dos 43 anos que Ana Maria Bahiana capturou Caetano, que, por sua vez, estava em rara ebulição. Era, provavelmente, o centésimo trilionésimo encontro jornalístico da dupla. Como que por tradição, a conversa começou (e terminou) em rock'n'roll.

BIZZ — *No começo de sua carreira você fez um desvio voluntário de curso do establishment e abordou aquele rock que era Mutantes e que, enfim, deu na Tropicalia. Como você vê a cena de rock hoje, no Brasil? O impulso é o mesmo daquele pessoal (do seu tempo)?*

Caetano — É muito difícil falar do impulso deles. Posso falar do que eu percebi, no início dos anos 80, sobretudo com o marco de "Você Não Soube Me Amar" .. teve um esboço disso antes, no lançamento da Cor do Som, mas, na verdade, a coisa veio acontecer, mesmo, com força mais tarde — a coisa foi se adensando, se complexizando em estilos, pessoas. E eu recebi isso como um acontecimento auspicioso, como uma espécie de sinal de vida e saúde no organismo da música popular do Brasil.

O que eu acho é que os temas da Jovem Guarda, do Tropicalismo e até da Bossa Nova já foram encontrados digeridos por essa geração. E não vejo hoje algo semelhante (aos anos 60), porque era um desbravamento de gente que se queria muito experimental. Tanto que o Serginho (Dias Baptista), dos Mutantes, diz freqüentemente que o rock é careta hoje em dia.

É um outro momento. E, no entanto, eu acabei de ver um espetáculo dos Paralamas do Sucesso, no Canecão, e fiquei empolgado! É lindo, é comovente! Pra mim foi uma confirmação do lado mais otimista que eu tinha em relação a essa geração.

Ali tinha, ao mesmo tempo, o rock e o Maracanã! E não podia ser mais brasileiro. Não é porque eles cantam um pedaço do samba do Ataulfo e do João Bosco, mas porque tem Led Zeppelin no meio' (Herbert Vianna) cantar uma parte do samba do João Bosco é apenas um comentário alegre e sábio de ver o que está acontecendo. É isso que faz com que os grupos de rock brasileiros tenham um interesse particular, comparados com os grupos do resto do mundo. Existem muitos (grupos) na Argentina, Espanha, Portugal, Itália e França. Eu vi nestes países que, em termos de grupos, é mesmo uma coisa inglesa e não americana. O americano anda é o da figura individual, mesmo. Os Beatles inventaram esse negócio de um grupo de pessoas funcionar como um indivíduo, como um ídolo. E (os ingleses) mantêm isso até hoje e exportam para o mundo.

BIZZ — *E a coisa de dupla de compositores, também' Lennon/McCartney, Jagger/Richards ..?*

Caetano — Morrissey/Marr. É uma coisa tendendo para a equipe.

BIZZ — *Eles inventaram o futebol, né?*

Caetano - Muita gente no Brasil dizia' "Ah, mas isso é uma ameaça à tradição da música brasileira, descaracteriza". Eu, pessoalmente, nunca gostei muito desse tipo de preocupação defensiva da nacionalidade ou das características nacionais e das raízes. Eu achei isso meio furado. (O rock) acontece no Brasil porque é uma coisa do mundo! Nós somos de um país que quer ser do mundo e não fora do mundo.

O que acontece é que no Brasil a tradição da música popular é uma coisa de tal força; o público se sente tão espelhado, tão expresso através da canção popular, que a relação entre as pessoas que consomem e os produtores resulta numa coisa diferente do que pode acontecer na Argentina, na Espanha e na França. Às vezes um grupo argentino pode ser tecnicamente superior, mais modernizado, mais sofisticado, mais "inglês" do que um grupo brasileiro — o que não quer dizer que os grupos de rock brasileiros sejam os melhores do mundo. Não são.

Mas no Brasil a tendência natural é de que a reação é tão apaixonada — a relação entre a platéia, o consumidor e o produtor é tão intensa — que resulta numa terceira coisa que ninguém sabe o que é e que faz com que as coisas produzidas no Brasil ganhem uma brasilidade de fato, uma brasilidade pela vivência no Brasil, né? Não é uma questão de dizer "nós conseguimos fazer um grupo de rock tão moderno quanto os ingleses. E pronto' Não importa que o público burro, desinformado e atrasado não entenda'' No Brasil não é assim!

O show dos Paralamas no Canecão tinha tudo, a escola de samba, a atualidade dos conjuntos ingleses, tinha o estar no mundo moderno, individualidade. Era um prato cheio! Fiquei empolgado. Afora que eu gosto também de muitas outras coisas. Acabei de assistir ao show da Marina e achei lindo, seguro. E gostei muito do disco do Lobão e da atitude de rebeldia. Gosto muito de não perder a capacidade de rebeldia, porque encontrar tudo dirigido, mastigado poderia transformar essa geração numa

"O Brasil é um país que não soube se fazer, politicamente"

verdadeira geração de meros mantenedores; ou, então, sem agressividade. Você vê a violência da rebeldia do Lobão — e com qualidade técnica, porque aquela gravação de "O Rock Errou" é linda! A *idéia* de "O Rock Errou" é linda. É uma coisa de valor internacional como coisa dita, o modo de dizer, o trocadilho. Fosse o Português uma língua conhecida no mundo, seria uma brecha crítica de importância para o rock no mundo todo.

BIZZ — *Tem uma coisa que você falou que tem conexão com isso. Quando surgiu o rock, agora, as pessoas disseram que ia ameaçar. De repente é o mesmo filme de 1968, quando o establishment também se sentiu ameaçado porque havia guitarras! Como você explica essa reação cíclica e incurável de duas metades que parecem se estranhar para sempre?*

Caetano — Eu acho que é um pouco de atraso, mesmo (risos). Acho que isso é a miséria do Brasil — que é um país fascinante e eu tenho muita alegria de ser brasileiro sabia? Só o fato de você morar num país tão grande, na América, e cuja língua é o Português. É um acinte! É um desafio, a América portuguesa que somos. Mas o Brasil é um país de muitos atrasos. É um país que não se soube fazer economicamente e socialmente. É um país arcaico em muitas coisas. Então é como se fossem grandes latifúndios improdutivos que pesam, que seguram, que tem verdadeiro desespero de que qualquer aspecto de sua moral estética, estru-

...os Mutantes no Festival da Record 1968. Os temas da Jovem Guarda e do Tropicalismo já foram digeridos

CAETANO VELOSO

Foto Abril

De volta ao Brasil 1973 — No início dos anos 70 tudo foi expansão, uma força centrífuga

tura econômica, religião ou qualquer desses aspectos seja ameaçado, por mais remotamente que seja. Em suma, é um reacionarismo arraigado, ridículo, mesmo. E isto se manifesta até em pessoas amigas, de quem eu gosto — eu às vezes converso e vejo aquilo, aquele "latifúndio improdutivo".

BIZZ — *Parece que existe ciúme de espaço, do tipo "onde já se viu esses malecotes ganhando Disco de Ouro!"*

Caetano — Mas isso é algo que você não pode querer arrancar do ser humano, é algo de básico (risos). Quando nasce um irmãozinho, as crianças sentem vontade de cortar o pescoço dele. É o aspecto mais mesquinho da coisa, mas é natural que haja, mais ou menos inconscientemente, uma reação desse tipo. Eu, pessoalmente, quando esses grupos apareceram, fique, alegre. Senti uma espécie de alívio, parecia alguma coisa que faria com que o ar se tornasse mais respirável, entendeu?

BIZZ — *E isso tem um subtexto, também, tem aquilo de "ser incompetente", de não ter credencial para ver e ameaçar. E aquela história dos três acordes?*

Caetano — Mas foi assim que os Beatles apareceram . e os Rolling Stones não aprenderam os *outros* acordes! Tentaram e fingiram que iam imitar os Beatles. E não deu certo! Aí disseram: "vamos ficar de *basic rock*" (afetado). E fizeram o maior charme com isso. Era o charme do Mick Jagger, né?

BIZZ — *Já que você falou do Jagger .. ele dizia que morria mas não cantava "Satisfaction" com 40 anos. E acabou cantando, com tudo a que tinha direito. E você Caetano?*

Caetano — Eu nunca disse nada disso! Quando entrevistei (Mick) eu falei que os negros parecem não ter esse tipo de problema e aí ele começou a pensar no que John Lennon falava dele, que era ridículo um homem de 40 anos rebolando, andando como um menino, ao invés de se casar e ser um pai de família. E Jagger dizia, então, que realmente você não pode ter 40 anos e fingir que tem 18, mas enquanto puder dançar, você dança. E não tem nada que o impeça. "O John tinha inveja de mim", dizia Mick, "porque ele era péssimo no palco — não sabia, não gostava de cantar no palco".

BIZZ — *Idade é um assunto na sua cabeça?*

Caetano — É um assunto. Eu vou fazer 44 anos amanhã. É um assunto e não pode deixar de ser.

BIZZ — *Se passasse um anjo e dissesse que você poderia passar a ter 24 anos de novo .. você aceitaria voltar 20 anos atrás?*

"Eu invejo a mera juventude. Quem é jovem hoje vai ficar aqui mais tempo"

Caetano — Aceitaria, mas dependeria das condições. Eu teria que falar com ele sobre os aspectos da questão, sobre os detalhes.

BIZZ — *E se fosse para fazer tudo de novo? Sem saber do que você sabe hoje?*

Caetano — Mas isso já aconteceu, porque tudo que eu fiz foi não sabendo. E se eu fizesse de novo é como se não tivesse feito. O que a gente faz não sabendo, faz infinitas vezes, é eterno, porque é uma vez só. Esse é o segredo da eternidade.

Sabendo seria outra coisa — somente para ter 24 anos, o corpo mais jovem, mais um tempo de vida, mais oportunidade? Aí é claro que eu queria.

BIZZ — *Tem alguma coisa da juventude de hoje que você tenha vontade de fazer? Existe alguma coisa que você inveje ou da qual você diga "no meu tempo era melhor"?*

Caetano — Além da mera juventude... (risos). Eu invejo a mera juventude, mas não é tão mera, pois quem tem hoje 19 anos tem a probabilidade de ficar mais tempo nesse mundo para ver até onde mais as coisas podem chegar. Eu tenho pena de não ver as coisas que vão acontecer, porque eu vou morrer antes (dos jovens de 19 anos) — hipoteticamente — e não vou ver.

Quando você é jovem não tem tanta noção do que faz. Parece que não dá tempo pra nada. A gente acha que não vai conseguir, é um inferno e depois a gente vê que dava muito tempo. A gente fica aflito quando é jovem. Neste aspecto eu gosto da idade que tenho agora. Tenho menos tempo, mas tenho mais tempo internamente, por estar mais velho.

BIZZ — *Como você desempenha o papel de pai?*

Caetano — Eu duvido que seja como John Lennon dizia que alguém deve ser. Adoro John Lennon, menos esta parte de restauração moral. Detesto tudo que é restauração. É uma das coisas que acho chatas hoje em dia é uma tendência para restauração. Acho até natural que haja um refluxo. No período final dos anos 60 e no início dos anos 70 a coisa foi muito de expansão, foi muito centrífugo. Então, algumas forças centrípetas são saudáveis: noção de limites, um pouco de autodefesa; enfim, um pouco mais de maturidade no modo de pensar, né? Noção de organização é bom, é útil.

O refluxo para mais contenção, depois de um período de tão grande expansão — com aqueles sonhos revolucionários totais de mudar desde o vestuário até comida, religião, organização social, relações sexuais. Mudar tudo? Que negócio é esse? Era linda a idéia e foi bom experimentar sofrer

Foto Abril

De volta do exílio, 1972 — Detesto tudo o que é restauração. Era linda a idéia de mudar tudo

CAETANO VELOSO

Foto Paulo Ricardo Abril

Voz e violão, 1986. Estou pensando meu som. Estou com vontade de trabalhar com banda.

e também enriquecer o mundo com isso. O simples fato de (a gente) ter passado por aquilo é como se dizer tira o cabaço, entendeu? Você perde a ingenuidade, perde a inocência. E não há inocência reconquistada, seria uma espécie de falsidade. A idéia de restauração *não é* saudável. Mas a de contenção é socialmente saudável.

Como pai a minha tendência natural é de ser totalmente apaixonado pelo meu filho e de aceitar tudo que ele quiser, para ele ser totalmente feliz o tempo todo. Isso, evidentemente, toda pessoa sensata sabe que não é bom para a educação de um filho, porque a criança precisa de repressão, precisa de noção de limite. Então eu preciso colocar limites, por ele.

BIZZ — *Ele tem tendências musicais?*

Caetano — Tem, ele gosta de música. Toca violão — um pouquinho — e canta. Mas aí é que eu acho que sou um mau pai, porque esse negócio de deixar rolar resulta no fato dele não ser disciplinado para estudar, treinar. Ele tem talento, sacação, é inteligente, comenta tudo e a gente conversa muito de igual para igual. E nem sempre isso é muito bom para a formação da criança. Precisa de uma autoridade e de saber que a vida tem que ser chata também, por um lado. Para você tocar pandeiro, que é uma coisa divertida, você tem que passar horas treinando, cria calo na mão. E de minha parte eu não propicio a ele ser uma pessoa disciplinada, em termos de treinamento, de ter saco para estudar e tal.

A gente tem uma relação superamorosa e muito rica. Ele toca violão e guitarra. Fica procurando fitas do Jimi Hendrix — que ele conhece o mito. Mas não através de mim. Ele traz isso do colégio! Para esses meninos de 14 anos o Hendrix é uma espécie de Deus! Ele me perguntou se tinha mesmo visto o Hendrix de perto e respondi que sim, que tinha visto a última apresentação do Hendrix. E ele: "p.* q.* p*" (meditativo). E eu cresci muito diante dos olhos dele, só pelo fato de ter visto o Jimi Hendrix.

BIZZ — *O que você — um ex-crítico de cinema — escreveria de você hoje, agora?*

Caetano — É, eu sou um crítico frustrado. Ah, eu preciso pensar muito. E eu não tenho pensado (risos). Eu faria elogios a este disco (*Totalmente Demais*) e também faria críticas. Os elogios seriam mais ou menos assim: "Ele tem uma sensibilidade muito aguçada para saber colocar no mesmo universo coisas muito díspares. Como tratamento de um repertório selecionado, sobretudo. O modo como é encarado o lance das canções e com aquela amplitude de assuntos, estilos, épocas e tendências". Eu não elogiaria só esta capacidade de escolher, essa abertura para tanta coisa, pois num determinado momento poderia até ser negativo, por você ser aberto para tudo. O bonito é que, apesar de ser aberto para tudo, tem algo que está centrado ali e que possibilita que tudo aquilo seja apresentado de uma maneira autêntica, íntegra e nova. Então eu me elogiaria neste aspecto.

BIZZ — *E criticaria o quê?*

Caetano — Criticaria uma negligência no apuramento técnico. Acharia que, para fazer um trabalho desta natureza, o artista deveria ter se preparado e esperado mais um pouco para fazer uma coisa que estivesse à altura das próprias observações que ele insinua, fazendo aquilo. A atitude de resgate que ele toma nem sempre se justifica, uma vez que ela é tão ambiciosa... e ele é tão desleixado no preparar-se para exercê-la! De todo modo ele tem sorte (risos).

"O filme retoma as pontes daquele crítico de cinema de Salvador, que eu fui"

BIZZ — *Você começou a entrar mesmo no mundo do cinema, dirigindo um filme,* O Cinema Falado.

Caetano — É, eu estava interessado em dirigir um filme, o que é uma puta trabalho, muda a minha vida. Eu sou um homem da noite. O músico trabalha à noite. Quando fiz o filme, estava de pé todos os dias às sete da manhã. Não era só um esforço físico e um pique diferente, como também um assunto, um trabalho totalmente diferente, de outra natureza e que me estava interessando muito.

O filme retoma as pontes daquele crítico de cinema da Bahia, sim, porque eu sempre gosto de falar em cinema. Vejo filmes, e me interesso por isso, e mantenho uma coisa que tem a ver com o fato de eu ter sido crítico de cinema durante um pequeno período — mas nunca entrei numa redação de jornal. Eu escrevia colaborações para o *Diário de Notícias*, de Salvador, e para outras publicações da cidade. Era apaixonado por cinema e escrevia sobre cinema e queria fazer filmes.

Nesse filme *fala-se* muito sobre cinema e sobre filmes, é mais gente falando. O filme tem letra e não tem música (risos).

Ao fazer o filme confirmei a minha suspeita de como a preguiça me atrapalha. Fiz o filme em 21 dias, montei em duas semanas e mixei em dois dias. É um longa-metragem, de 1h50min.

BIZZ — *Você afirma esta ligação ao cinema. Videoclip interessa a você?*

Caetano — Muito! Eu escrevi um artigo sobre clips para uma revista de cinema de Salvador e a *Folha de São Paulo* reproduziu depois. Eu adorei ter feito o clip de "Terra" (que ele dirigiu para um especial da Rede Manchete). Quando gravei *Velô* queria fazer "Podres Poderes", mas não deu tempo. É para produzir um clip você termina gastando tanta energia e tempo quanto se estivesse fazendo um filme de longa-metragem.

BIZZ — *E a televisão? O programa (Chico & Caetano) está lhe satisfazendo?*

Caetano — Está. É uma vez por mês e o Chico é ótimo, o (Roberto) Talma (diretor do programa) é carinhosíssimo, dirige com a maior tranquilidade. E é bom que tenha eu e o Chico na televisão. O Chico foi quem moveu tudo. O Daniel Filho tinha pedido ao Chico que fizesse o programa e o Chico tinha dito que "só se o Caetano fizer comigo". Aí eles me telefonaram e me chamaram.

"Eu sou um sapequinha e o Chico é direitinho. Mas isso é um número que cada um faz"

BIZZ — *Você estava falando de restauração. O Chico sempre foi o bom moço e você sempre foi o moço rebelde.*

Caetano — Eu sou sapequinha e ele é direitinho. Mas isso é um número que cada um de nós faz. Calhou de ser assim (risos).

BIZZ — *Outra: Gil se internacionaliza e Caetano se nacionaliza.*

Caetano — Na verdade eu acabo de gravar um LP em Nova York. Eu queria que tivesse saído um duplo com *Totalmente Demais*, complementaria. Sai pela etiqueta Nonesuch, da Elektra (subsidiária da WEA norte-americana). Eles fazem coisas especiais. É ao contrário do Gil. O Gil é pop, canta em vários lugares do mundo, entra no mercado. E o meu é uma coisa tipo antimercado. É só para quem se interessa — sei lá para quem é! O disco (que se chama *Apenas Caetano Veloso*) sairá em março. E em dezembro começo a gravar um outro disco, para o mercado brasileiro.

BIZZ — *E você já está indo por algum caminho específico em direção a este disco que ainda vai gravar?*

Caetano — Não estou fazendo nenhuma canção agora. Estou pensan-

Foto Leonel Duran

O bigode. Moreno disse que parece o do Prince. Mas eu desisti para ficar parecendo um árabe.

Foto Paulo Ricardo Abril

Na TV com Chico: só se Caetano fizer comigo.

Foto Tereza

Com Paulo Ricardo. Rock é sinal de saúde.

Foto Jorge Rosenberg Abril

Eu nunca ge-i essa preocupação defensiva da nacionalidade. Acho isso furada.

Foto Claudia Dantas Abril

Com [illegible] minha estrutura de canção [illegible]

CAETANO VELOSO

"Se tivesse todos esses teclados em casa, eu seria tão original quanto Prince"

do em voltar a transar somente com banda. Eu quero pensar mais no tipo de som que eu quero... fico imaginando, procurando na cabeça. É difícil quando você não é uma pessoa daquelas que têm sintetizadores em casa, teclados e bateria eletrônica. Eu não tenho nada disso para poder escolher. Eu tenho que ficar pensando *na cabeça*. Eu podia ter aquilo tudo, mas a preguiça leonina existe. Acho que eu faria genial se tivesse tudo em casa. Ia ser original como o Prince.

BIZZ — *E este seu bigode?*

Caetano — Moreno disse que eu estava parecido com o Prince — deve ser porque ele deixa o bigode bem ralinho. Estou deixando o meu para parecer um árabe. É para você não saber se eu sou um terrorista líbio ou um puto marroquino.

BIZZ — *Qual é a sua parada de sucessos? Quais os discos que são os seus* 10 Greatest Hits *caseiros?*

Caetano — Da minha casa agora é difícil dizer, porque acabou de chegar o novo disco do João Gilberto (*Ao Vivo em Montreaux*). Mas antes eu ouvia o (LP) dos Paralamas e o do Lobão muito. Sem querer de modo algum tentar neutralizar ou participar da polêmica entre os dois famosos. Em seguida, fiquei ouvindo não só o disco de Montreaux, mas também os três primeiros discos do João no Brasil (*Chega de Saudade*, *João Gilberto* e *Amor, Sorriso e A Flor*). E me impressionou muito como a qualidade da gravação do violão era muito melhor. Prince, também, o *Parade* que é maravilhoso. Ouvi muito também a faixa de Nana Caymmi no disco *Corsário do Rei* "Bancarrota Blues". Ainda não ouvi o disco novo dos Rolling Stones. Olho para ele mas, como tenho que fazer outras coisas, acabo não tendo tempo pra ele. Mas só a capa ser tão colorida, antidark, me dá uma alegria e me dá uma informação tão importante que já vale.

BIZZ — *Falta um para completar o hit parade.*

Caetano — Ouvi Schoenberg. Sobretudo ouvi também "La Nuit Transfiguré".

JT Racing Brazil PELE

Industrializado com pele bovina, curtida e acabada nos melhores cortumes do Brasil com tingimento e espessura de acordo com normas internacionais.

Escritório e fábrica - SP
(011) 65-0549 - 872-8543

Representantes: RS/SC Henrique Tel. (0512) 95-4362
BA Tito Tel. (071) 248 2060
RJ Roberto Tel. (021) 329-6987

Produtos fabricados com a qualidade

omega

BAUHAUS

O TEATRO DO MEDO

stalizadores — junto com Siouxsie e seus Banshees — chamado "punk gotico", o grupo tem agora sua coletâ- a de compactos enfim lançada no Brasil. Quem traça o jeto é *Marcel Plasse*

"Agora que eles concordaram em nos deixar continuar, vamos encerrar o Bauhaus." Com estas palavras, Mier van der Rohe, ultimo diretor do Instituto Bauhaus, despedaçou-se do regime nazista em 1933. Era o fim de um projeto criado em 1919 por Walter Gropius, que tinha por lema "Arte e Tecnologia".

Desce o pano

Quatro décadas depois, encontramos Kevin Haskins, baterista de um grupo punk de Northampton, o Submerged Tenth, procurando um guitarrista. Encontramos Daniel Ash então. Este, por sua vez, escrevia umas bobagens com Peter Murphy, que conhecia desde a idade escolar. Alguma coisa em comum eles tinham, pois, em vez de Danny, Kevin foi quem acabou sendo recrutado pela dupla. Havia um baixista, também, mas não muito eficiente. Um fã de reggae chamado David Jay foi convidado apressadamente para substituí-lo nos pequenos shows iniciais. "Legal e quando é o proximo?", ele perguntou. "Amanha à noite."

Assim surgia, sessenta anos apos o nascimento original, a segunda encarnaçao de Bauhaus, a principio denominada Bauhaus 1919. Uma recordaçao de arte esmagada pelo fascismo. Um nome oprimido, uma estetica angustiada. Temas potenciais. Na contracapa do primeiro compac-

Jay Murphy, Haskins e Ash: arquitetos do som depré e vítimas do marketing da gravadora

to, um fotograma de *O Gabinete do Dr. Caligari*, ícone do cinema expressionista alemão, apropriadamente de 1919. Sombras sobre fundo branco. A capa inevitável: Bela Lugosi como o vampiro *Nosferatu*, A imagem do horror clássico. E a canção: "Bela Lugosi's Dead" (1979)

Sua principal influência foi o *glam rock*, do qual tiraram todas as cores e converteram em teatro do medo, apoiados num impacto cênico que tinha em Pete a figura central. Pete, de olhos azuis faiscantes, belo como uma heresia, sempre de preto, saia de couro, atraindo meninos e meninas até o backstage

"The passion of lovers is for death", ele ensinava. A voz no limite do gutural, arrastando-se no chão, enquanto a guitarra de Danny se transformava em guinchos de morcego. Danny com um raio pintado no rosto, David de terninho mod e impenetráveis óculos escuros, Kevin de casaco de couro e brilhantina. A crítica, entretanto, não queria saber dessas máscaras: "Monstro de pomposidade e pretensão" acusava caindo de pau

Nada aconteceu quando lançaram o primeiro LP, o autoproduzido *In the Flat Field* (1980). *Mask* (1981), embora mais elaborado e menos sujo, também não entrou nas paradas. *The Sky's Gone Out* (1982) e o ao vivo *Press the Eject and Give me the Tape*, incluído nas cópias britânicas deste disco (e posteriormente editado como um álbum separado), tiveram destino semelhante. Sua influência já era sentida nos novos grupos do então chamado "positive punk", mas sua fama ainda era pálida como seus rostos. Foi preciso gravar uma velha canção de David Bowie para chegar à parada de sucessos. Nada menos do que "Ziggy Stardust"

Bauhaus já excursionara pelo terreno das versões com seu quarto compacto: "Telegram Sam", de Marc Bolan. "Third Uncle", de Brian Eno, abria seu terceiro LP e também acompanhava a canção de Bowie no lado A do compacto. O B, por sua vez, trazia uma versão ao vivo de "I'm Waiting for my Man", de Lou Reed

Burning from the Inside (1984) foi o último LP. Mais acústico e ácido. Trazia um pequeno hit: "She's in Parties", obra-prima jamais reconhecida, que chegou a ganhar versão *dub*. Ao mesmo tempo, "Bela Lugosi's Dead" voltava à evidência, com a performance do grupo na abertura do filme *The Hunger* (*Fome de Viver*). Gravam ao vivo em Paris, quase fazem sucesso

O clip de "Ziggy Stardust" é bastante significativo como instantâneo do grupo. Pete cantando numa jaula, enquanto o público zumbi, de preto e camisetas Bauhaus, avança. Imagens que vem a mente junto a expressão: "I can't take the pressure" ("Eu não aguento a pressão")

"Quando estávamos em New York eu consumi muita cocaína", confessa Pete. "Eu estava me dando mais energia nervosa do que precisava. Isso me causava mais paranoia do que euforia." O fato de sua figura estar sempre em evidência começou a pesar. "Eu acabei me ausentificando com as ideias que os outros tinham de mim". E, no entanto, "havia canções que eu estava cantando e que não tinha composto

Para resolver seu problema existencial, Pete abandona a banda. Sua posição é clara. "Gostaria de passar mais tempo desenvolvendo alguma espécie de música em que eu possa estar totalmente envolvido e não apenas numa quarta parte"

Seu projeto com o ex-baixista do grupo Japan, Mick Karn — intitulado Dali's Car (título de uma música de Captain Beefheart) —, foi uma experiência musicalmente oposta ao Bauhaus. A essência é o som do Japan, aliado a letras de tal forma luminescentes que chegam a assustar olhos acostumados com a escuridão. Um compacto e o LP *The Waking Hour* foram os únicos registros desse projeto. Apenas este ano Pete decidiu-se pela carreira solo, através de três compactos e do LP *Should the World Fail to Fall Apart*, para variar bombardeado pela crítica

David Jay prometeu nunca mais ter grupo fixo. Virou David J, em trânsito pelos Sinister Ducks, Jazz Butcher, Jaywalkers (*veja discografia em Cartas & Serviços, BIZZ 15*) até juntar-se novamente com Haskins e Ash, que trocaram seu segundo grupo, Tones On Tail (que manteve com o ex-roadie Glenn Campling), por uma pálida lembrança chamada Love And Rockets (Porão de BIZZ 6). A imprensa não poupou seu LP, *Seventh Dream of Teenage Heaven*. Talvez Tones On Tail tenha sido melhor. Talvez Bauhaus tenha sido melhor

Danny e Pete continuam amigos até hoje. Encontraram-se e tocam juntos. Quem sabe, apreciem a coletânea de compactos recém-editada pela sua ex-gravadora, Beggar's Banquet *1979-1983*, feito uma lápide. Um álbum duplo, ainda por cima — que realizou a façanha de penetrar nas paradas

Agora que concordam em deixá-los continuar, não existem mais. Uma piada suja. E o refrão é: "We love our audience".

EVANDRO

JÁ ... TODO O BRASIL ... E FITAS PolyGram

LOBÃO

Lobo Bom

Projeto SP
30/08/86

Com onze anos de história dentro do rock nacional, mais um disco vigoroso e bem elaborado e todo apoio de divulgação, Lobão merecia uma platéia mais ativa e numerosa. No entanto, apenas o centro do Projeto estava lotado, ficando as laterais totalmente vazias. Foi o primeiro show a que assisti onde o palco fervia mais que as cadeiras de espectadores.

Com uma garrafa de uísque na mão ele entrou saudando a platéia. E no repertório desfilaram, além das músicas do LP *O Rock Errou*, as velhas pérolas. Lobão iniciou o show com "Corações Psicodélicos" e acrescentou depois "Cena de Cinema", "Me Chama", "Decadence avec Elegance", "Robô Abalado" e "Tô à Toa Tóquio". Esta última é uma das melhores canções do LP *Ronaldo Foi para a Guerra*, de autoria de Alice Pink Pank. Enfim, uma retrospectiva imperdível.

No meio do show, Lobão protestou contra a crítica a seu LP, publicada na BIZZ 11 (sem citar o veículo e o crítico). Esclareceu não estar defendendo o lado junkie em "Glória" (também chamada "Junkie Bacana"), mas disse que "dentro da própria miséria também há beleza". Em seguida tocou "Mal Nenhum" — parceria com Cazuza —, frisando o refrão: "Eu não posso causar mal nenhum a não ser a mim mesmo".

Apesar de mirrado, o público era visivelmente fiel e urrou pelo bis, que ficou por conta de "Baby Lonest" e "Revanche". Fiel, também, é uma série de artistas e admiradores que o respeitam por não compactuar com o esquemão e pelo seu senso crítico. Ao se despedir, Lobão completou: "Um beijão! Saúde. Paz. E amor para todos nós." *Sônia Maia*

Lobão: de camarim e garrafa em punho ... para um ... ao ... público

LEGIÃO URBANA

Contágio total

Noites Cariocas (RJ)
15 e 16/08/86

O Noites Cariocas acabou. Um dos lendários redutos de show e dança do Rio já era. A concha acústica voltará a abrigar shows mais sóbrios, como há dez anos, e o rock perde um de seus espaços mais transados. E, como no rock não se chora, se comemora, durante cinco fins de semana rolou o bota-fora do rock, e quem esteve lá nos dois primeiros foi o grupo Legião Urbana lançando o álbum *Dois*.

É difícil comentar o show sem se emocionar: foi uma das melhores performances do grupo que já presenciei. Durante uns noventa minutos, apresentaram todo o repertório do novo disco, bastante coisa do primeiro e, em nenhum momento, houve espaço para bocejos ou dispersão de público. Totalmente contagiante.

Na primeira noite, Renato Russo estava com os diabos. Alucinadamente lúcido, ele enfrentou a difícil platéia carioca, mais disposta a pular nervosamente que a se ligar nos toques das letras. De enfiada, tocaram todo o novo álbum na ordem das faixas, exceto as acústicas, enquanto o pessoalzinho pedia "Geração Coca-Cola" e "Química", que pintou no final do show de sexta em versão acústica.

Renato esteve demais, e a banda tinha que acompanhá-lo de qualquer modo, pois ele mudava o andamento das músicas e esquecia algumas letras. Em "Fábrica", sacadas legais de Russo: ele notou que as duas belas e frondosas árvores que habitavam o salão haviam sido impiedosamente cortadas. Na sexta, enfiou em meio às músicas e no sábado cantou "Gimme Shelter" inteirinha dentro de "Ainda é Cedo". Será que a moçada sacou o Stones?

O fato é: os dois shows foram sensacionais e praticamente diferentes um do outro. A banda mostrou que progrediu bastante sem com isso perder o punch que a caracteriza e o público saiu do Morro da Urca satisfeito com o espetáculo e doido para escutar o novo disco. Ouvia-se muito o comentário da rapaziada nos dois dias, que dizia: "Isso é que é show, onde tudo acontece sem estar previamente ensaiado e sem parecer bagunça". Afinal, foi isso o que pregaram os grupos que fizeram a cabeça dos legionários: nunca perder o contato com o público, nunca ser inatingível. *Tom Leão*

Foto: Cláudio Carlos Aird

... da Legião Urbana: uma grande performance, uma banda acessível

CAPITAL INICIAL

Lar doce lar

Circus Show (Brasília)
16 08 86

Se antes o público da capital chegava a desprezar as bandas candangas, agora que algumas delas são sucesso nacional ele lota seus shows entusiasticamente. Santo de casa só merece credibilidade se faz os milagres fora. O recorde de bilheteria do Circus, que era do RPM, já tinha sido derrubado pela Plebe Rude no lançamento de *O Concreto Já Rachou*. No mesmo rastro, Capital Inicial e Finis Africae levaram ainda mais gente para dançar: quase seis mil ingressos vendidos.

O Finis abriu o show, mostrando um som amadurecido desde a participação na coletânea *Rumores*. Para o Capital, foi uma espécie de volta ao lar-doce-lar, pinceladas de saudosismo e agradecimentos à família. Os intervalos entre as músicas foram pontuados por discursos. O guitarrista Loro Jones mencionou os irmãos músicos (Geraldo, da Escola de Escândalo, e Rogério, da Elite Sofisticada) no melhor estilo sem-vocês-nada-disso-teria-sido-possível.

O vocalista Dinho confessou o quanto era bom estar de volta, e fascinou homens e mulheres movimentando-se com desenvoltura no palco, vendendo sensualidade em gestos ...is ou nervosos. Ele cantou com ...n coro de mil vozes um dos grandes ...ts da noite, "Veraneio Vascaína", ...nspirando o prazer de desafiar o ...oibido (um despacho da Censura ou ...delegado da Polícia Federal, Romeu Tuma, ainda poderá recolher os ...scos que a Polygram colocou nas ...ojas, com essa faixa proibida). Nos metais, Bispo e Paulinho, convidados.

Tudo muito bom, público satisfeito, ...úsicos comemorando no camarim e ...a boa nova: a disposição dos pro...tores em levarem as bandas às ci...ades satélite. Nessa periferia há uma ...ação de seguidores do rock, mas em ...sl a essa música — que surgiu fa...ndo das coisas da gente da rua — ...a é privilégio das elites. *Márcia Alvaro*

Dinho: ... as ... sociais e dedicou "Cavalheiros" às pessoas que acreditam em um mundo melhor

Miles solista e bandleader [illegible]

MILES DAVIS

O manifesto

Palácio das Convenções do Anhembi 13/09 86

Fissom' deus desce à Terra Miles Dewey Davis III, o homem que operou sucessivas revoluções no jazz e no rock das três ultimas decadas, pisou o palco do Anhembi Publico extasiado, a banda se espalha rapida pelo palco e ataca sumariamente a bombástica "Decoy", ao longo de dez minutos — é o tempo que os fotógrafos, num acordo entre a imprensa e os produtores, por exigencia de Miles, têm para trabalhar Depois de disparados os últimos *clicks* o show começa pela segunda vez, agora com uma música mais relaxada E é ai, entre temas alternadamente carregados e *poppies*, que Miles revela nao só o grande instrumentista que todos já comentaram, mas um homem com firmes concepções de trabalho em banda de música, de arte e de vida

Ja se ouviram reclamações do tipo "po, o cara e um puta trumpetista e só faz uns sonhos de vez em quando, o resto do tempo fica lá de costas dando uns acordes naquele teclado" Isso sem falar nas infindaveis comparaçoes com o tradicionalista Wynton Marsalis, nas acusações de traidor do jazz, etc , etc etc Miles e música ja resolveram sua relação — ele já a formulou e reformulou como linguagem, do bop ao cool, do blues ao rock (confira na Discoteca Basica, pág 114) Pop nao é traição — tocar sucessos de Michael Jackson ou Cindy Lauper e so tomar outros pretextos para repetir, ainda uma vez, seu manifesto de negro liberto É o mesmo gosto que Miles tem ao processar os guardas que frequentemente o fazem parar nas estradas da California, afinal que diabo é isso de crioulo dirigindo uma Ferrari? Não é rancor E um estado de humor muito particular transposto em estética

Seu grupo é uma verdadeira banda de rock: maciça, pesada E um combo de jazz com fartos improvisos Mas há sempre o maestro, editando a duração das partes, indicando aquelas viradas harmônicas conjuntas que voce nunca sabe se é arranjo ou repente As vezes o Miles regente contem os dois teclados guitarra, baixo, sax, bateria e percussão, e vem para a frente, solando seu trumpete em surdina Depois solta os cachorros

Em Sao Paulo ele estava de bom humor Jogava para cima e aparava objetos imaginarios passeava solando, pelo palco, como quem caminha pelo parque, ouvia sua propria performance com a cabeça quase dentro das caixas de retorno Em "Human Nature" (de Michael Jackson), desceu do palco e solou, sucessivamente, para três mocinhas da primeira fila A primeira ficou estarrecida, e passou o resto do show beijando o companheiro. A segunda teve tempo de preparar uma performance mais "fatal", e ficou sussurrando sei lá o que para o velho Miles A terceira, *cool*, ficou só olhando com cara de "que peculiar, voce ai, tocando para os meus peitos" Essa ganhou um apertão mais carinhoso no nariz e uma piscada, por baixo dos indefectiveis óculos escuros do trumpetista

Quanto à banda nos teclados, o sobrinho (e responsavel pelo retorno de Miles, depois do sumiço de 75-81, as voltas com drogas pesadas) Robert Irving III e um outro, convidado, ambos fazendo usos de timbres fortemente eletrônicos, mas muito adequados à quimica do som Um saxofonista e um guitarrista proximos, Bob Berg e Adam Holzman, um com um pe para cá e outro com um pe para la da linha do exagero Mas nada muito grave Felton Crews baixo discreto e bem competente, cresceu muito ao longo da apresentação Vince Wilburn Jr , o baterista que, ao lado de Bob Irving participou da histórica volta de Miles, sempre brilhante O percussionista Steve Thornton, dono de um estilo único de solar tumbadora com a mao direita e timbales com a baqueta na mao esquerda, ou tudo como se fosse uma bateria, outro destaque do show E Miles no centro desse sistema, reluzente em lamê prateado, movendo-se como um misto de felino e lagarto, sorridente e assustador Não um deus, um homem raro.

A A

DOSE DUPLA
S E M G E L O

Os grupos Bananarama e Communards tomaram de assalto as maiores danceterias do mundo, onde príncipes, rainhas e ilustres plebeus rebolam mais do que cobra em areia quente.
Experimente você também.
É som de rachar o esqueleto!

PolyGram

Foto Claudio Edinger

Dave Stewart e Annie Lennox, renovando o som e a imagem, mantendo o alto padrão da banda

EURYTHMICS

Doce vingança

The Pier (NY) 08/09/86

O culpado de tudo é um cozinheiro Hare Krishna, que alimentou os Eurythmics na excursão de 85. Conquistada pelo tempero sensual do mestre-cuca, Annie Lennox se casou. A união durou pouco, diz Annie: "Eu estava na estrada, trabalhando demais, me sentindo muito sozinha, muito vulnerável. E encontrei alguém que soube tirar vantagem disso. Foi um erro, só isso".

Mas o erro deu no maior acerto. *Revenge* (Vingança), o último LP dos Eurythmics, é a prova de que a vingança não tem apenas um sabor delicioso. Tem também um som maravilhoso. No palco do Pier 84, logo que se abriu a cortina preta fechada por um gigantesco ziper prateado, Annie Lennox e Dave Stewart deram um dos melhores espetáculos de rock desta temporada, em Nova York.

Para *Revenge* e a atual turnê, Annie e Dave criaram uma banda completamente nova, tão louca que parece sempre a ponto de perder o controle. Annie deixou para trás os cabelos cor de cenoura e a imagem andrógina Lourinha, de sutiã de renda preta na capa do disco, ela consegue evocar uma sensualidade enorme mas sem dar a impressão de que é um objeto sexual. Ela própria está no comando.

É arte, arte mesmo, de primeira. Uma coisa consciente, controlada, teatral e eficaz, construída ao redor da voz e das composições de Annie, e dos mil instrumentos e dez mil arranjos de Dave Stewart.

Ele também mudou de imagem, está mais limpo e mais bonito, com uma cabeleira loura bem lavada e óculos escuros, típico *guitar-hero*.

A mudança musical foi ainda mais positiva. A frieza sintetizada do passado foi trocada por um estilo quente, íntimo, sensual, todo na linha rock-blues de "Missionary Man". Até sucessos passados estão soando diferente. "Who's That Girl" agora é uma balada acústica, incisiva, poderosa. "Here Comes The Rain Again" tornou-se um rock-hino com um emocionante solo de guitarra de Dave.

Em resumo, Annie e Dave estão agora muito longe daquela música pop inglesa que invadiu os Estados Unidos há três anos, na chamada "Segunda Invasão Britânica". Estão muito mais próximos do verdadeiro rock'n roll, mas conseguiram manter sua personalidade, fazendo uma música muito mais elevada que a maioria das bandas atuais. Uma música que conta, acima de tudo, com a voz elegante, clara, emocionante e emocionada de Annie Lennox. Atrás de la, a ém de Jimmy Zavala, está um tecladista como poucos. Patrick Seymour, capaz de arrancar de seus teclados uma sonoridade e uma dicção tão claras quanto as da voz de Annie.

Revenge e esta excursão não provam apenas que os Eurythmics são a banda mais durável e talentosa a sair da Inglaterra, em muitos anos. Provam também que, mantendo este ritmo de criatividade, eles vão continuar sendo maravilhosos, requintados — e populares — durante muitos anos mais. Vai ser preciso esperar. Logo depois das três noites no Pier 84, todas lotadas, Dave Stewart teve um problema de coluna. E o resto da excursão americana foi cancelado. *Marco Antonio de Menezes*

VIDA DIFÍCIL

LEO

LEO

Em Discos e Fitas CBS

VAN HALEN

Sammy Hagar (com a baixista Michael Anthony em primeiro plano), incendiando o Van Halen

Melhor sem ele

New Jersey (EUA) 28/07/86

David Lee... de quê mesmo? Na platéia completamente lotada da Brendan Byrne Arena, pertinho de Nova York, cartazes como este demonstravam que os fãs do Van Halen não estão ligando a mínima para a saída de David Lee Roth, substituído (e como!) por Sammy Hagar. Noutro cartaz, sob uma foto do Van Halen com David todo rabo seado, a mensagem era ainda mais clara: *Chega de palhaços!* E é verdade mesmo. Sem David, o LP disparou para o topo das paradas três semanas após o lançamento, e a banda continua delirante, mas com uma dupla personalidade — graças à guitarra de Sammy que transforma o show da banda de power-rock mais popular dos EUA em uma atração dobrada.

Sem David, o próprio ambiente nos bastidores perdeu a terrível tensão que sua presença causava. David era tão vaidoso que proibia qualquer outro componente da banda de usar cabelo louro. Também não permitia a presença das esposas do guitarrista Eddie Van Halen, do baixista Michael Anthony e do baterista Alex Van Halen. Desta vez todas estavam lá, inclusive a de Sammy.

Eddie estudou para ser pianista clássico. Percebe-se nas amostrinhas de Beethoven, Mendelssohn e Debussy, que aparecem mais agora que as palhaçadas de David não estão lá para mascarar as coisas. O melhor do Van Halen são as estruturas musicais fora das convenções, as filigranas de maior virtuosismo nos solos de Eddie, entrando em labirintos musicais que parecem não ter saída possível.

Sammy aceitou o convite para ser o vocalista principal depois de uma carreira solo de nove anos e dez LPs. É experiência para dar e vender. Em vez do deboche de David, ele deu à banda um sorriso delicioso, um bom humor contagiante como sarampo. E, além de sua excelente guitarra, um vocal muito mais bem dotado que o de David. Além de todos os truques de Roth, ele tem a capacidade de chegar a notas muito altas, como as de Robert Plant no Led Zeppelin.

E sexo, muito sexo, que as garotinhas adoram. A todo momento Sammy pára e chora as calcinhas e sutiãs que elas jogam ao palco. Não tem medo de palavrões, nem de cantar seu "I Can't Drive 55" do alto de uma plataforma de quinze metros de altura. Ele adora a banda, adora a platéia e é adorado. Afinal, há espaço de sobra no rock para este novo e maravilhoso Van Halen. E para tudo que David Lee Roth sabe fazer tão bem, sozinho! *M A M*

AIRTO & FLORA

Airto e Flora: às vezes bons, às vezes não

Para americano ver

Canecão (RJ) 31/08/86

Flora Purim e Airto Moreira, os dois brasileiros que ficaram famosos pelas graças de Chick Corea e seu Return to Forever, lotaram o Canecão com um público mordido pela curiosidade. Tudo bem, eles têm nome no exterior e a nossa imprensa diz que eles abafam, mas a gente conhece o trabalho deles. E será que esse trabalho é tão bom assim?

Bem, o show do Canecão foi multifacetado. O evento, na teoria, deveria ser jazzista, mas o que se viu foram artistas meio pop, metidos numa salada tropical com momentos de bossa, blues, funk e até um reggae. Coisas boas e outras chatas. Difícil de classificar. Airto abriu com um solo climático na percussão, com cantos a la Hermeto. Depois entrou a superbanda, de nível realmente internacional, e Flora detonou sua voz forte e de timbre meio mulato. Seguiram-se, então, duas horas de diversidade total: desde um bolero cantado por Airto (brega nota dez) precedido de uma longa explicação sobre sua infância em Curitiba, até uma missa cantada no bis.

A sensação era de indefinição: aparentemente, um show de música popular, mas com músicas longas, e amplo espaço para a improvisação dos músicos. Que, aliás, eram um dos destaques: Ricardo Peixoto (guitarra) e Mary Madalena Ferry (sax) fizeram performances modernas e criativas em cima dos arranjos do pianista Marcos Silva.

No geral, com composições de Stanley Clarke, Jamil Joanes e dos próprios Airto e Flora, foi um show razoável, sem grandes novidades musicais. Na América seria uma explosiva mistura de jazz e samba. Para nós, *for export only*, seria a melhor qualificação.

Alexandre Dines

VIOLETA DE OUTONO

Fábio e a guitarra plena. Ângelo e música

Música pura

Espaço Mambembe (SP) 12/09/86

Casa tomada, público atento. Silêncio para que o som entre direto pelos poros e chegue até o plexo solar. Como pisando em papel de arroz, o trio entra no palco e solta os primeiros ventos. "Outra Manhã" é tocada e a platéia aplaude, assovia e silencia — não quer que o ouvido perca nem uma nota! "Outono" é a próxima música. "Espelhos planos/saídas para a solidão" é a frase que se fixa. Mas o melhor mesmo é o instrumental.

Voltando à terra, é bom falar um pouco do grupo e o porquê deste trio agradar, indistintamente, a gregos e troianos. Questão de talento, questão de bom gosto. Sem cenários, sem fumacinha. Apenas música para, bem executada, bem resolvida. A guitarra de Fábio (também vocal) leva o corpo para o universo. O baixo (Ângelo) é a trilha, e a bateria (Cláudio) não deixa esquecer que se pode voar com swing e energia.

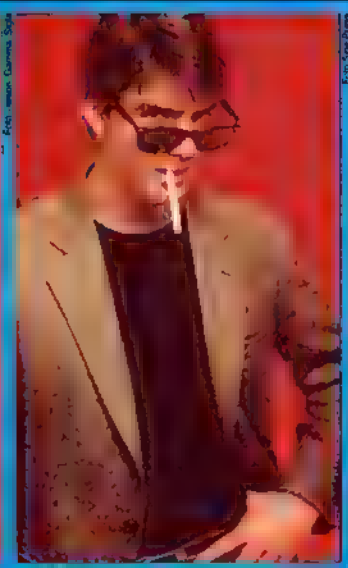
No meio do show, Fábio desempunha a guitarra e a toca no chão. Único truque" durante todo o show. "Trópico" é apresentada assim: Um fotógrafo sobe no palco e distrai a atenção que inconveniência!

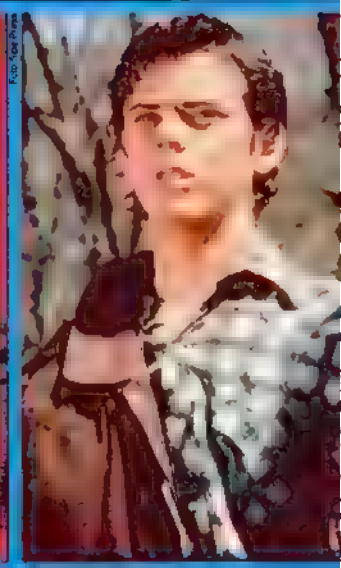
Para finalizar, como sempre, o belíssimo arranjo de "Tomorrow Never Knows", dos Beatles. E, claro, o pedido de bis. Alguém grita: "Começa tudo de novo!" Eles só tam "Em Toda Parte" — novíssima — que pela extensão e beleza é mais que suficiente para satisfazer a todos.

Sonia Maia

A NOVA GERAÇÃO DAS TELAS

Meia dúzia de rostinhos bonitos ou uma leva de bons atores? *Rubens Ewald F.* diz quem é quem na última safra de astros e estrelas





Quando um grupo de adolescentes mandou um abaixo-assinado para Francis Ford Coppola, em 83, pedindo que ele adaptasse para o cinema o livro predileto deles (*The Outsiders*, no Brasil *Vidas sem Rumo*, da escritora S.E. Hinton), nem imaginavam o surto que estavam provocando. O livro, sobre uma gangue de rapazes pobres — os *greasers* —, tinha uma visão romântica da amizade masculina, e o filme nem fez tanto sucesso. O importante foi que Coppola, sem querer, reuniu toda uma nova geração de atores: Matt Dillon, Ralph Macchio, Rob Lowe, Emilio Estevez, C. Thomas Howell, Tom Cruise.

Andrew McCarthy, Mare Winningham, Rob Lowe, Demi Moore, Emilio Estevez, Judd Nelson e Ally Sheedy, em *O Primeiro Ano*

Não satisfeito, Coppola logo depois mostrou uma visão mais sombria da adolescência, a partir de outro livro da mesma escritora *Rumble Fish* (no Brasil, *O Selvagem da Motocicleta*), novamente com Dillon, lançando ainda Mickey Rourke e seu próprio sobrinho, Nicolas Cage. Também este filme não estourou nas bilheterias. Mas aos poucos *Outsiders* e *Rumble Fish* foram conquistando um público, e acabaram virando *cult movies*.

E a febre estava disseminada. Macchio tornou-se o herói de *Karate Kid*. Rob Lowe é visto hoje nas telas, em *Vela de Campeão*. Emilio Estevez foi o *Repo Man*. C. Thomas Howell protagoniza *A Morte Pede Carona*. Mickey Rourke fez *O Ano do Dragão* e *Nove Semanas e Meia de Amor*. Nicolas Cage, entre outros filmes, foi visto em *Asas da Liberdade*. Eles são jovens, bonitos, e hoje ganham milhões de dólares. Aparecem nas capas de todas as revistas, e para alguém realizar um filme basta que um deles concorde em estrelá-lo. Qualquer estúdio vai se apressar em topar a parada. Fora Clint Eastwood (56 anos) e Burt Reynolds (50 anos)? Os novos astros de Hollywood chegaram para lhes tirar o lugar.

E vão logo batendo recordes de bilheteria. Tom Cruise, aos 24 anos, já é o astro de maior sucesso deste ano nos EUA: *Ases Indomáveis* rendeu mais de 130 milhões de dólares. A nova safra de atores chegou com força total, e por um bom motivo. O público está cansado de ver sempre as mesmas caras, exige renovação. Mas, em vez de astros, o cinema tem oferecido outra atração: os efeitos especiais. Em

ATRAÇÕES DE CARNE E OSSO

E.T. nas séries *Jornada nas Estrelas* ou *Guerra nas Estrelas*, os atores eram muito menos importantes do que naves, robôs e monstros. Parece que a única exceção foi Harrison Ford, e mesmo assim por causa do charme que conseguiu imprimir ao personagem *Indiana Jones*, protagonista em mais uma série cheia de pirotecnia.

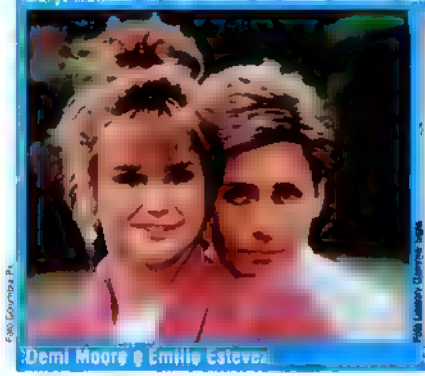
Mas os produtores começaram a perceber que algo estava errado. Afinal, um filme também se faz de conflito, interesse humano. E as estatísticas dizem que 75% das pessoas que freqüentam os cinemas americanos tem menos de 25 anos. O mais impressionante é que, em termos gerais do país, elas representam apenas 20% da população. E então os produtores apostaram em ídolos, atores e atrizes com quem os adolescentes pudessem se identificar. Esses ídolos nem têm que ser, obrigatoriamente, adolescentes. As atrizes de maior prestígio atualmente, Kathleen Turner, Kim Basinger e Sigourney Weaver, estão na faixa dos trinta anos. Nem por isso deixam de tornar sucessos *A Jóia do Nilo*, *Nove Semanas e Meia de Amor* e *Alien II — O Resgate*, respectivamente estrelados por elas.

Mas a verdade é que essas mulheres ainda são exceção. Na nova safra de astros continuam predominando os homens. E quase todos muito jovens, ao ponto da imprensa americana inventar um apelido para eles, *Brat Pack — brat* é moleque pirralho, e *pack*, entre várias definições possíveis, é quadrilha. Quem soube aproveitar essa "quadrilha de moleques" como um todo foi John Hughes, escritor e diretor com muita sensibilidade para retratar o mundo dos jovens. Ele fez *Gatinhas e Gatões*, *Mulher Nota Mil* e *A Garota de Rosa Shocking*. Mas seu melhor trabalho está só agora chegando ao Brasil, e só em vídeo (da CIC): é o *Clube dos Cinco*. Não é uma pornochanchada de jovens perdendo a virgindade, no estilo de *Porky's*. Ao contrário, é uma comédia dramática sobre cinco alunos de segundo grau que têm que passar um sábado de castigo na escola. Há um esportista (Emilio Estevez), um rebelde (Judd Nelson), um superdotado (Anthony Michael Hall), uma contestadora (Ally Sheedy) e uma ingênua (Molly Ringwald, a mesma de *Gatinhas e Gatões* e *A Garota de Rosa Shocking*). Todos têm em comum pecados secretos, um ressentimento contra os pais e a escola e a necessidade de fazer amigos reais. Pouca coisa acontece, só muito papo. Só que desta vez dizem coisas inteligentes e oportunas.

A quadrilha se reuniu outra vez em um filme ainda mais bem-sucedido, *O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas*.

Este foi também o primeiro filme *yuppie* — termo que designa jovens urbanos sofisticados e bem de vida profissional. A história é simples: um grupo de colegas de faculdade por volta dos 22 anos, tem problemas para se adaptar ao primeiro ano de vida "adulta". Há a jovem bonita que se droga (Demi Moore); o casal que tenta viver junto (Judd Nelson e

Daryl Hannah



Demi Moore e Emilio Estevez

Sean Penn e Nicolas Cage

DILLON, O PATRIARCA DOS PIRRALHOS

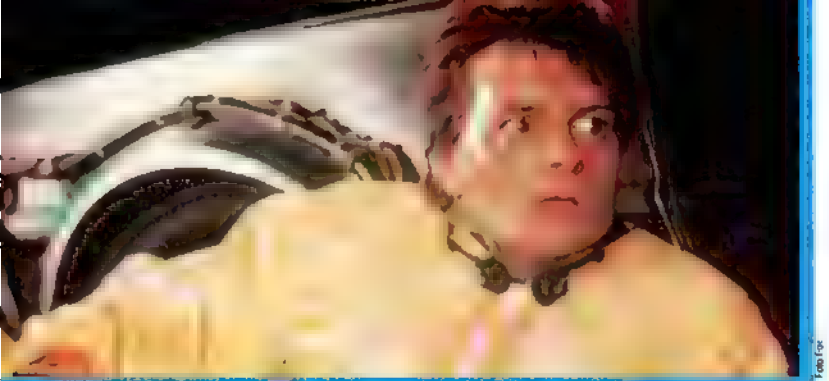
Visual de James Dean, andar rebolado e arrogante à la Travolta, sotaque de trombadinha novaiorquino, aos 22 anos Matt Dillon é um astro do cinema. E um astro veterano, vale dizer.

Desde que Rumble Fish *culminou nos Estados Unidos uma sucessão de longas bem sucedidos comercialmente e saudados pela crítica, em meados de 1983, Dillon é um dos pontas-de-lança da novíssima geração de adolescentes do celuloide. Antes mesmo que a famosa* Brat Pack *pusesse suas manguinhas de fora, Dillon já batava, com igual naturalidade, as páginas da* Newsweek *e das revistas femininas adolescentes.*

O mergulho deste aquariano intenso ocorreu num destes acasos proverbiais. Matt — o quinto de uma família de seis irmãos de Westchester, subúrbio novaiorquino — participou de uma seleção de atores juvenis para o filme Over The Edge, *e saiu da sala do "caça-talentos" Vic Ramos com o papel principal, o de Richie White, mauvândalo que contra-ataca seu tédio quebrando caras e casas. Ramos se empolgou com Dillon, viu nele "um certo paralelo com os grandes astros dos anos 40, do período do* film noir. *E é lógico que disse a ele que o tornaria um grande astro". Precisa contar que Ramos se tornou empresário de Dillon?*

Detratores podem reclamar de uma certa falta de variedade nos papéis vividos por Matt no cinema, invariavelmente ele é um adolescente-problema, durão, brigão, audaz e cool, muito cool. Ao que Dillon retrucaria: "A minha vida toda estive representando — sendo malvadão durão, cool".

J. E. R.



Michael J. Fox, o canadense consagrado em *De Volta Para o Futuro*

Ally Sheedy), apesar do amigo comum apaixonado por ela (Andrew McCarthy, de *Uma Questão de Classe*), o rapaz que se apaixona por uma garota mais velha (Emilio Estevez): o músico que não se adapta bem à realidade (Rob Lowe). Com muito humor e romance, o filme mostra os "moleques" começando a crescer.

Embora os atores dos três filmes (*Outsiders, O Clube dos Cinco* e *O Primeiro Ano*...) sejam praticamente os mesmos, eles insistem em que a *Brat Pack* não passa de uma invenção da imprensa. Nem tanto. Procuram sempre trabalhar juntos e alguns até vivem juntos (como Emilio Estevez, que mora com Demi Moore desde as filmagens de *O Primeiro Ano*...). Outro detalhe curioso: grande parte dos novos astros de Hollywood descende de famílias ligadas ao show-biz. Muitos deles foram atores infantis: Rob Lowe fez a série de televisão *A Kind of Family*, C. Thomas Howell foi um garoto da turma de *E.T.* e Michael Fox, o ator canadense de *De Volta Para o Futuro*, começou na televisão de sua terra natal.

Em geral eles têm a quem sair: Emilio Estevez é filho do consagrado ator Martin Sheen (*Apocalypse Now*) e tem um irmão mais novo também fazendo carreira (Charlie Sheen, de *A Inocência do Primeiro Amor*). Lori Singer (*Footloose*) é irmã do ator Marc Singer (*The Beastmaster*). Timothy Hutton (de *Gente Como a Gente* e *A Traição do Falcão*) é filho de Jim Hutton, comediante dos anos 60 — mas, ganhando o Oscar logo na sua estréia (como ator coadjuvante), Timothy conseguiu um sucesso muito maior do que o pai teve em toda sua vida.

Essa ambição, a de superar dificuldades e injustiças que os pais sofreram, parece estar por trás das carreiras de outros como Mathew Broderick (filho do ator James Broderick), Sean Penn (filho do diretor Leo Penn), Melissa Gilbert (filha do humorista Paul Gilbert), Ally Sheedy (filha de uma agente literária) e até Molly Ringwald (o pai é um músico cego que se apresentava em festas de subúrbio).

Molly, a mais jovem desta safra de atores (tem apenas 18 anos), é também a mais bem-sucedida. A revista *Time* deu-lhe uma capa e decretou: Molly está na moda. As adolescentes americanas imitam seu jeito de vestir, suas maneiras desleixadas de se comportar (que a crítica Pauline Kael chamou de "carismática normalidade"). As imitadoras ganharam até apelido: são as *ringlets*. Musa do diretor John Hughes, Molly está agora se emancipando — está rodando um filme produzido por Warren Beatty, *The Pickup Artist*, uma comédia onde ela é uma jovem professora. E ao que parece ela está realizando o sonho dourado de muita adolescente: namorar Warren Beatty. Afinal, trinta anos de diferença de idade não devem ser obstáculo para a felicidade.

Rob Lowe (23 anos), que há alguns anos mantém um romance com Melissa Gilbert (21 anos) — a ex-estrela da série de televisão *Os Pioneiros*, que estreou no cinema com *Sylvester* —, é um dos atores que mais trabalham e mais saem em revista. Ele não se preocupa quando dizem que é bonito *demais* tem o rosto perfeito. Afinal de contas, foi por isso que ele foi escolhido para ser o filho de Jacqueline Bisset em *Uma Questão de Classe* (era parecido com ela). Mas, nos últimos filmes, Lowe tem tido a preocupação de provar para todo mundo que é machão, que beleza não atrapalha a virilidade. Assim, foi campeão de remo em *Oxford Blues*, jogador de hóquei no gelo em *Veia de Campeão* e aparece barbudo e de óculos escuros no novo filme, *About Last Night* (ao lado de Demi Moore).

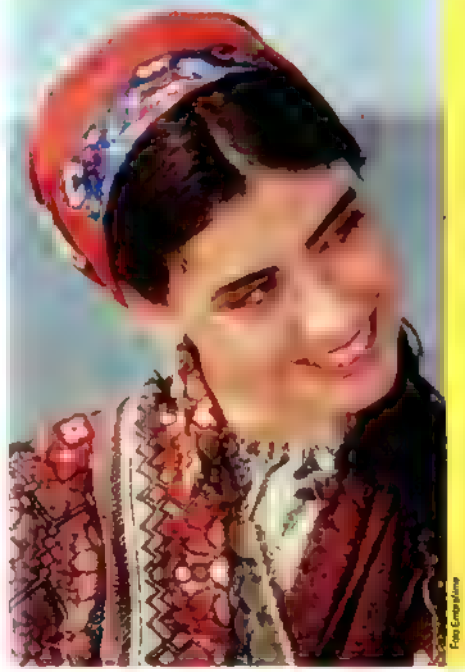
Outro que virou símbolo sexual foi Tom Cruise. Antes de *Ases Indomáveis* ele não era propriamente um astro. Baixo para os padrões hollywoodianos, com um perfil aquilino, ele foi descoberto por Franco Zeffirelli para *Amor sem Fim*. Fez, ainda naquele ano, com Timothy Hutton e Sean Penn, *Toque de Recolher*, e conseguiu o primeiro sucesso com *Negócio Arriscado*, uma comédia com uma moral irônica que o colocou já em 83 como uma das dez maiores bilheterias daquele ano. Mas foi em *Ases*... que o diretor Tom Scott cuidou melhor dele, escolhendo o ângulo mais favorável, o enquadramento mais atraente. Cruise hoje é sinônimo de homem bonito. Mas não se pode esquecer que ele teve a sorte de trabalhar com algumas das mulheres mais interessantes de Hollywood. Em *Negócio Arriscado* foi com Rebecca de Mornay (23 anos), em *Ases*..., Kelly McGillis (25 anos).

Rebecca também foi descoberta por Coppola, que a contratou como aprendiz em seus estúdios. Mas aproveitou sua experiência (ela foi criada pela mãe viajando pela Europa) em filmes como *Runaway Train*, *Fever Pitch* e *Trip to Bountiful*. Kelly fez antes apenas dois filmes: *Reuben, Reuben* e *A Testemunha*.

Mas o predileto da crítica, principalmente a européia, é Mickey Rourke. Aos 29 anos, ele ganhou fama de sexy depois de seduzir Kim Basinger em *Nove Semanas e Meia de Amor*. Mais que isso: as cenas de sexo entre os dois, com toques de sado-masoquismo e visual de videoclip, foram consideradas tão ousadas que foram podadas na versão norte-americana da fita (o filme passou no Brasil em cópia mais com-

BONITINHOS & GOSTOSÕES

FERNANDINHA: PREFERÊNCIA NACIONAL



O cinema brasileiro ganha popularidade, ajudado por uma nova geração de atrizes, em especial as talentosas Débora Bloch e Fernanda Torres. Fernandinha é a grande paixão nacional, com uma produção mais que interessante para quem acaba de completar 21 anos. O prêmio de melhor atriz do Festival de Cannes deste ano, por Eu Sei Que Vou Te Amar, *é a invejável consagração internacional. Ela é uma unanimidade recolhendo elogios por toda a parte — e isso sem precisar fazer o gênero ninfeta. Ao contrário, ela prefere aperfeiçoar seu "rosto de borracha" e criticar-se com incansável bom humor.*

Fernanda surpreende sobretudo pela capacidade de se adaptar a vários tipos de papéis, interpretando a engraçadíssima Carula (a caipira de A Marvada Carne, *de André Klotzel) ou sobrevivendo à verborragia do filme de Arnaldo Jabor.*

Ela começou aos 13 anos, em peças infantis, e já em 84 fazia Cordelia, a filha do Rei Lear, *um clássico de Shakespeare, ao lado do experiente Sérgio Brito. Estreou nas novelas de televisão como neta da personagem Chica Newman, ninguém menos que sua própria mãe, a consagrada Fernanda Montenegro. Inocência, de Walter Lima Jr., foi a estréia de Fernanda no cinema, apenas um ensaio de seu estouro deste ano nas telas.*

Em Com Licença, Eu Vou à Luta, *dirigida pelo marido Luiz Fariia, fez uma adolescente impetuosa. "Eu estava saindo da adolescência e foi genial, pois era um drama que eu já não estava no meio dele — podia olhar para trás e dizer: 'que loooucura!!'. Acho que eu trabalhei em cima de uma personagem sem humor, a vida para ela é muito séria. Eu acho que fiquei mais bem-humorada desde que saí dessa fase." Essa capacidade de se diferenciar de sua geração sem parecer pretensiosa é uma das inteligentes características de Fernanda.*

De novo na televisão, ela fez Simone em Selva de Pedra, *um papel que consagrou Regina Duarte em 73. Foi sua tarefa mais difícil, como a personagem-mártir do dramalhão obsessivo de Janete Clair.*

Em Sonho sem Fim, *de Lauro Escorel, ela está nos cinemas outra vez, ao lado de Débora Bloch. É absolutamente permitido se apaixonar.*

Cesar Garcia Lima

Kathleen Turner e William Hurt, em *Corpos Ardentes*: um novo tipo de ator

pleta). Cenas sensuais ao ponto de transformar Kim (até então mal conhecida por sua participação em *Um Homem Fora de Série*, de Robert Redford, *Nunca Mais Outra Vez* um 007 com Sean Connery, e *O Homem que Amava as Mulheres*, com Burt Reynolds) na Marilyn Monroe desta geração.

Mas é Rourke que leva os elogios dos críticos. Seja como o detetive honesto de *O Ano do Dragão*, ou no novo filme que está rodando agora com Alan Parker, *Angel Heart*. Além do mais, Rourke foi revelado no filme mais erótico dos últimos anos, *Corpos Ardentes* (81), de Lawrence Kasdan. Não por coincidência, neste filme também estreavam no cinema dois dos nomes de maior prestígio desta geração: William Hurt e Kathleen Turner.

As cenas de amor entre os dois foram tão quentes que quase conseguiram eclipsar um fato: mais do que um belo casal, Bill e Kathleen representam um novo tipo de ator. Formado no palco, sem preocupação com sucessos de bilheteria, os dois são capazes de aceitar papéis ousados e fora do comum. Desde que

PERSONAGENS ARRISCADOS

confiem no diretor, na história. Foi o que fez Kathleen em *Crimes da Paixão*, de Ken Russell, onde ela fazia uma espécie de Belle de Jour — executiva de dia, prostituta à noite. E o que fez William Hurt, vindo filmar no Brasil *O Beijo da Mulher Aranha*, de Hector Babenco. Veio sem ganhar salário, para interpretar o papel de um homossexual. Arriscou-se muito e ganhou: foi melhor ator em Cannes e depois ganhou o Oscar 86.

Ser astro no cinema atual não traz nenhuma segurança. Não há mais os grandes estúdios com contratos de sete anos para garantir a estabilidade. É preciso brigar pelos bons papéis. E eles não são fáceis de aparecer. O primeiro pode surgir num golpe de sorte, como aconteceu — para falar do outro lado do oceano — com o ator francês Christophe Lambert, que estudou na Inglaterra (o pai era diplomata) e que foi escolhido para ser o novo Tarzan em *Greystoke*, de Hugh Hudson (83). Mas o que fazer depois? Lambert fez um filme com Catherine Deneuve (*Paroles et Musique*), uma aventura fantástica na Inglaterra (*Highlander*, de Russell Mulcahy), um filme de arte

VOCÊ ESCOLHE A MELHOR CAPA DO ROCK-BRASIL 86

Quem cria, desenvolve e realiza a capa de seu disco predileto é também um grande artista e deve ser [illegible] incentivado e valorizado. Pensando [illegible] criamos o [illegible] Prêmio Company de Capas de Rock [illegible] vamos premiar a melhor capa de rock do ano e você [illegible]. [illegible] formado por profissionais das áreas de comunicação, fotografia e artes plásticas selecionaram dez entre cerca de trinta capas [illegible] pelas gravadoras e selos. Em outubro você votou nas cinco primeiras semifinalistas, agora é a vez das cinco restantes. Para participar basta escolher entre as capas [illegible] qual na sua opinião é a melhor [illegible] do ano. (Estão sendo considerados todos os [illegible])
Na hora de votar é importante lembrar que o que está sendo premiado é a capa [illegible] e não o artista.
[illegible]

JURI
Ana Maria Bahiana (jornalista / área musical)
Tom Leão (jornalista / área musical)
Mauro Matos (Dir. de criação — Contemporânea)
Wilson Nobrega (Dir. de Arte — ALMAP)
Luiz Garrido (fotógrafo)
Barrão (Artista Plástico)

1 Ira *Vivendo e não aprendendo* WEA

2 Kid Abelha *Educação Sentimental* WEA

3 Elemento Visado *Elemento Visado* Polydor

4 Dusek *Dusek na sua* Polygram

5 Banda 69 *A Última Novidade* CBS

Apoio
INTERCOLOR
NEWAY TOUR
Realização
UBER
Patrocínio
COMPANY

com Marco Ferreri (*I Love You*) e um filme *new wave* francês, ao lado de Isabelle Adjani (*Subway*). Resultado: é o herdeiro de Jean Paul Belmondo, como o astro número um da França. Não importa que seja vesgo, desajeitado, antidestro. O público jovem o adora.

Para todos a dificuldade é encontrar papéis. Às vezes é mais fácil voltar no que já deu certo. Como Raph Macchio (que tem 24 anos, mas aparenta dez menos), que alterna filmes de arte (*Crossroads* de Walter Hill) e uma nova versão de *Karate Kid* — seu infalível êxito — com uma temporada de teatro ao lado de Robert De Niro, na peça *Cuba and His Teddy Bear*.

Para as mulheres talvez seja ainda mais difícil. Daryl Hannah, uma das replicantes de *Blade Runner*, foi saudada como revelação em *Splash, uma Sereia em Minha Vida*. Mas depois do fracasso de *Clan of the Cave Bear*, o máximo que ela conseguiu foi o terceiro papel de *Perigosamente Juntos*, secundando Robert Redford e Debra Winger.

A solução, segundo Rosana Arquette, é fazer muitos filmes — as

CONTINUA NA PÁGINA 90

sim tem menos chance de errar. Ela começou também adolescente (em *S O B*.), alternou sucessos (*Procura-se Susan Desesperadamente*, *After Hours*) com desastres (*The Aviator*, *Eight Millions Ways to Die*).

Numa coisa Hollywood insiste: por mais famoso que alguém seja, é preciso que faça sempre filmes de sucesso, que confirme a cada fita que é uma autêntica atração de bilheteria. É uma batalha permanente que faz com que muitos jovens astros já procurem alternativas. Emilio Estevez, por exemplo, começou escrevendo roteiros e já dirigiu seu próprio filme (*That Was When . .*). Sean Penn, depois de fazer *Shanga Surprise* com sua mulher Madonna e amargar um triste fracasso de bilheteria, está pensando em rodar um novo filme com ela. Só que agora quem vai dirigir é seu pai, Leo Penn.

É impossível prever o sucesso que um filme fará. Mas é fácil supor que Mathew Modine (que foi o Birdy em *Asas da Liberdade*, de Alan Parker) vai ter seu prestígio muito aumentado quando finalmente for lançado *Full Metal Jacket*, o novo trabalho de Stanley Kubrick, o diretor de *2001*, *Laranja Mecânica* e *O Iluminado*. Ou que Nicolas Cage (o amigo de Birdy) tem a melhor chance de sua carreira no novo filme do tio Coppola, *Peggy Sue Got Married*, como par romântico de Kathleen Turner.

E que a fama de Michael Fox — não só por causa de *De Volta Para o Futuro*, mas também pelo seriado de televisão *Family Ties* (que lhe deu um prêmio Emmy) — deve crescer com o novo filme, *In the Broad Day Light*, dirigido por Paul Schrader (de *Mishima* e *A Marca da Pantera*). E que até mesmo um fato da vida pessoal, como o recente casamento de Timothy Hutton com Debra Winger, pode impulsionar a carreira de ambos. Em certas coisas, Hollywood continua a mesma

FILMOGRAFIA SELECIONADA

Os filmes assinalados com * não disponíveis em vídeo

AMANHECER VIOLENTO * (Red Dawn, 84, dir. John Milius, com C. Thomas Howell, Patrick Swayze, Lea Thompson)
ANO DO DRAGÃO, O * (Year of the Dragon, 85, dir. Michael Cimino, com Mickey Rourke, John Lone)
ASAS DA LIBERDADE * (Birdy, 85, dir. Alan Parker, com Mathew Modine, Nicolas Cage)
BEIJO DA MULHER ARANHA, O * (85, dir. Hector Babenco, com William Hurt, Raul Julia, Sonia Braga)
BLADE RUNNER * (82, dir. Ridley Scott, com Harrison Ford, Sean Young, Daryl Hannah)
CLUBE DOS CINCO * (The Breakfast Club, 85, dir. John Hughes, com Molly Ringwald, Emilio Estevez, Judd Nelson, Anthony Michael Hall, Ally Sheedy)
CORPOS ARDENTES * (Body Heat, 81, dir. Lawrence Kasdan, com Kathleen Turner, William Hurt, Mickey Rourke)
CRIMES DA PAIXÃO * (Crimes of Passion, 85, dir. Ken Russel, com Kathleen Turner, Anthony Perkins)
DE VOLTA PARA O FUTURO * (Back to the Future, 85, dir. Robert Zemeckis, com Michael J. Fox, Christopher Stone)
GAROTA DE ROSA SHOCKING, A (Pretty in Pink, 86, dir. John Hughes, com Molly Ringwald, Andrew McCarthy)
GATINHAS E GATÕES * (16 Candles, 84, dir. John Hughes, com Molly Ringwald, Anthony Michael Hall)
GREYSTOKE, A LENDA DE TARZAN * (Greystoke, 84, dir. Hugh Hudson, com Christophe Lambert, Ian Holm)
HORA DA VERDADE, A * (Karate Kid, 84, dir. John Avildsen, com Raph Macchio, Pat Morita)
HONRA DO PODEROSO PRIZZI, A * (Prizzi's Honor, 85, dir. John Huston, com Jack Nicholson, Kathleen Turner, Anjelica Huston)
JOGOS DE GUERRA * (War Games, 83, dir. John Badham, com Mathew Broderick, Ally Sheedy)
JUVENTUDE EM FÚRIA * (Bad Boys, 83, dir. Rick Rosenthal, com Sean Penn, Ally Sheedy)
KARATE KID II – A Hora da Verdade Continua (Karate Kid II, 86, dir. John Avildsen, com Raph Macchio, Pat Morita)
LADYHAWKE, O FEITIÇO DE AQUILA * (Ladyhawke, 85, dir. Richard Donner, com Mathew Broderick, Rutger Hauer)
MORTE PEDE CARONA, A * (The Hitcher, 86, dir. Robert Harmon, com C. Thomas Howell, Rutger Hauer)
NEGÓCIO ARRISCADO * (Risky Business, 83, dir. Paul Brickman, com Tom Cruise, Rebecca de Mornay)
PERIGOSAMENTE JUNTOS * (Legal Eagles, 86, dir. Ivan Reitman, com Robert Redford, Debra Winger, Daryl Hannah)
PRIMEIRO ANO DO RESTO DE NOSSA VIDAS, O * (St. Elmo's Fire, 85, dir. Joel Schumacher, com Rob Lowe, Andrew McCarthy, Demi Moore, Emilio Estevez, Judd Nelson, Ally Sheedy)
PROCURA-SE SUSAN DESESPERADAMENTE * (Desperately Seeking Susan, 85, dir. Susan Seidelman, com Madonna, Rosana Arquette)
QUESTÃO DE CLASSE, UMA * (Class, 83, dir. Lewis J. Carlino, com Rob Lowe, Andrew McCarthy, Jacqueline Bisset)
REPO MAN * (84, dir. Alex Cox, com Emilio Estevez, Harry Dean Stanton)
SELVAGEM DA MOTOCICLETA, O * (Rumble Fish, 83, dir. Francis Coppola, com Matt Dillon, Mickey Rourke, Nicolas Cage)
9 1/2 SEMANAS DE AMOR * (9 1/2 Weeks, 86, dir. Adrian Lyne, com Mickey Rourke, Kim Bassinger)
SPLASH, UMA SEREIA EM MINHA VIDA * (Splash, 84, dir. Ron Howard, com Daryl Hannah, Tom Hanks)
SUBWAY * (85, dir. Luc Besson, com Christophe Lambert, Isabelle Adjani)
TESTEMUNHA, A * (Witness, 85, dir. Peter Weir, com Harrison Ford, Kelly McGillis)
TOQUE DE RECOLHER, UM * (Taps, 81, dir. Harold Becker, com Timothy Hutton, Sean Penn, Tom Cruise)
TOP GUN — ASAS INDOMÁVEIS (Top Gun, 86, dir. Tony Scott, com Tom Cruise, Kelly McGillis)
TUDO POR UMA ESMERALDA * (Romancing the Stone, 84, dir. Robert Zemeckis, com Kathleen Turner, Michael Douglas)
VIDAS SEM RUMO * (The Outsiders, 83, dir. Francis Coppola, com Rob Lowe, Emilio Estevez, Ralph Macchio, C. Thomas Howell, Tom Cruise, Patrick Swayze)

Kelly McGillis

TITÃS CABEÇA DINOSSAURO
EM EXCURSÃO 86
REGIÃO SUL
(DE 18/NOV. A 07/DEZ.)
PASSO FUNDO - Ginásio Catingui
CAXIAS DO SUL - Ginásio Recreio da Juventude
SÃO LEOPOLDO - Ginásio Municipal
PELOTAS - Teatro Avenida
SANTA MARIA - Centro Desportivo Municipal
PORTO ALEGRE - Gigantinho
FLORIANÓPOLIS - Ginásio do SESC
JOINVILLE - Ginásio Ivan Rodrigues
MARINGÁ - Ginásio Chico Neto
LONDRINA - Ginásio Moringão
CURITIBA - Círculo Militar
wea

SID AND NANCY

AMOR MATA

Cox: o diretor contando uma trágica história de amor e pizzas

Foto Correia

Pepe Escobar conversou com Alex Cox, diretor de um dos destaques da 10.ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo

Este é o ano de dois filmes fundamentais na história da cultura pop. *Absolute Beginners*, de Julien Temple, e *Sid and Nancy*, de Alex Cox. Tão fundamentais quanto foram, no seu tempo, o *Selvagem*, com Marlon Brando, e *Juventude Transviada*, do mestre Nicholas Ray, com o mito Dean. Mas as diferenças entre esses dois épicos 86 são brutais. Definem uma visão de mundo — e uma visão de marketing — à qual a garotada precisa estar muito atenta.

Temple é inglês e fez fama e fortuna com a indústria do vídeo (Stones, Bowie, Kinks). Estudou em uma tradicional escola de cinema inglesa. Seu filme custou 12 milhões de dólares. Tem a pretensão de querer contar a história de *toda* a adolescência pop, desde os anos 50 até os 80 (refletida nas inserções musicais, que abrangem todas as tribos e estilos). É uma produção recheada de estrelas (Bowie, Sade, Ray Davies). Por que, em última análise, *Beginners* é um suntuoso fracasso? Porque, na sua ânsia de generalização, Temple trata a adolescência como um *fashion show*.

Cox também é inglês, mas nos últimos sete anos mora na Califórnia. Não participou do *boom* vídeo (fez apenas um, para os Pogues, depois de rodar *Sid and Nancy*). Estudou na UCLA, a escola de cinema que revelou Coppola e Lucas, entre outros. Seu filme custou menos de um milhão de dólares — uma miséria para os padrões americanos. Não teve a pretensão de contar a história do punk — só John Lydon e Malcolm McLaren seriam capazes disso —, mas uma simples e trágica história de amor com o punk de background. Seu filme não tem estrelas. E fica na mente porque explode de garra, tesão e imaginação.

Quando encontrei Alex Cox no festival de cinema de Cannes — a *premiere* mundial de *Sid and Nancy* — coloquei esses pontos para ele. Deu um sorriso maroto... e não disse nada. Só transversalmente: "O meu filme também é bonito, como o de Julian Temple, mas de outra maneira. A fotografia de Roger Deakins é excepcional. Mas eu não quis estetizar o universo punk. Quis fazer um filme *quente* em termos técnicos".

Cox não poderia dar uma resposta direta porque é um *outsider* na indústria do cinema anglo-americano, ao contrário de Temple, que posa de revolucionário mas está com as costas quentíssimas em companhias milionárias (Virgin, Palace e Goldcrest). Cox nem mesmo parece um diretor de cinema: alto, desengonçado, cabelo espicaçado, boné de beisebol, jeans rasgado, camiseta e casaco de couro com a inscrição *Love Kills* em tachinhas (*O Amor Mata*, título inicial de seu filme). É inglês na organização. Mas tem uma inventidade tipicamente californiana.

Também com uma miséria — 150 mil dólares — Cox fez seu primeiro longa-metragem, *Repo Man*, o definitivo *cult movie* de 85. *Repo Man* foi tão essencial para definir a loucura da América anos 80 quanto *Easy Rider* retratou a América anos 60. Cox brincou com todos os temas: assassinos, OVNIs, cientistas loucos, complôs, Los Angeles como uma cidade *de passagem* — semelhante aos pesadelos de Wim Wenders —, solidão, drogas, carros e o sonho impossível de escapar da miséria cotidiana. Uma pequena obra prima cool que o preparou para a barra pesada de *Sid and Nancy*.

Dolphin

Tudo o que você gostaria de saber sobre guitarras, mas não tinha a quem perguntar.

Parte I
A colocação correta das cordas

Pouca atenção tem sido dada à transmissão do conhecimento re ativo à colocação correta das cordas. levando a vícios e desinformação que se revelam em bons instrumentos que não se mantêm afinados

Vamos aqui mostrar um método bastante util e eficiente para a colocação das cordas.

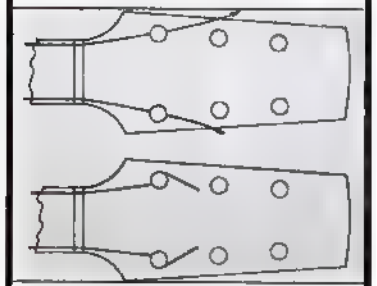


FIG. 1: Depois de passar a corda pelo buraco do eixo da tarraxa, dobre-o agudamente para segurá-lo no eixo desde o começo. Deixe uma sobra de aproximadamente 8 cm para o enrolamento.

FIG. 2: Sempre enrole a corda no eixo, de cima para baixo, ou seja, a corda deve sair do eixo do ponto mais próximo possível da soleta. Isto aumenta a estabilidade e reduz a pressão nas engrenagens reduzindo o desgaste.

Cuidado: O enro amento deve ser o mais usto possive. Não deixe espaços entre as voltas, faça um trabalho LIMPO!!!
Após efetuar os passos anteriores, corte com um alicate os pedaços de corda que ficam sobrando
A idéia aqui transmit da, é de encordoar de uma maneira que facilite a colocação e a troca da corda e ao mesmo tempo fazer um serviço limpo que eva à estabilidade posterior da afinação

Qualquer duvida consulte-nos:
DOLPHIN IND. E COM. DE INSTRUMENTOS MUSICAIS LTDA.
Av. Nossa Senhora do Sabará, 3771
São Paulo - SP CEP 04447

SID AND NANCY
AMOR MATA

Cox define seu épico junkie como "uma história de paixão e pizzas" (Sid Vicious era tarado por pizza), ou como "o mistério de um assassinato". A história, em síntese, vocês conhecem. Sid é o baixista dos Pistols, o míssil nuclear que esmigalhou o rock em 76. Nancy é uma *groupie* nova-iorquina, amiguinha de Debbie Harry e Iggy Pop. Alguns dias depois de se conhecerem, fazem um pacto de sangue: viver sua paixão como uma vertigem, até o limite, a morte "nas chamas da glória" (a frase é de Nancy). Mas afundam-se cada vez mais na heroína. Sid termina esfaqueando Nancy em um sórdido quarto do Chelsea Hotel, em outubro de 78. É preso, liberado sob fiança e, alguns dias depois, morre de uma overdose de heroína.

Cox armou o filme como uma tragédia moderna: "Meu objetivo, desde o início, foi fazer um filme romântico. Mas ele não glorifica Sid e Nancy. A fantasia de Nancy era morrer em uma chama de glória, antes dos 21 anos. Mas o fim dos dois não foi nada glorioso".

Claro que a garotada *hip* dos dois países, autoqualificada como PHD em punk, vai cair de unhas e dentes em todas as (poucas) falhas da reconstituição histórica. Isso não preocupa Cox: "O principal é que é uma história de amor. É um filme antidroga. Quero que as pessoas saiam chorando do cinema. Quando Sid fazia seus últimos concertos, no Max's Kansas City, em Nova York, as pessoas lhe jogavam papéis com heroína e *speed*. Se ele tivesse caído fora das drogas, hoje seria uma lenda viva do rock'n'roll. Era um showman genuinamente *hardcore*. E tinha um tremendo senso de humor. Esse filme é antidroga e pró-amor. Isso não quer dizer que seja um filme moralista".

É, sem dúvida, um filme de amarga beleza. Certos momentos mitológicos, reencenados na tela, nos provocam calafrios. É o caso dos primeiros shows dos Pistols, da famosa festa organizada por McLaren em um barco no Tâmisa, durante o jubileu da Rainha (terminou todo mundo preso), e da gravação de Sid, em Paris, para o vídeo de *My Way*: "É uma das minhas seqüências favoritas. Esta música foi adotada pelos frustrados e perdidos de todo o mundo como um hino de desafio ao sistema e sarcástica autoglorificação. Filmei tudo classicamente, fixando-me em Gary Oldman (o ator de teatro que interpreta Sid) e suas expressões corporais, idênticas às de Sid no vídeo original".

Cox confirmou que seria impossível achar alguém para representar John Lydon (ex-Rotten) e Malcolm McLaren e convencer os céticos. Mesmo porque ambos eram — e são — inimitáveis atores. Fora isso, entra-se fácil no espírito punk. Cox passa toda a sua revolta e infantilidade, as cuspidas e as vomitadas, a solidão e o niilismo raivoso. A filmagem é dinâmica, 50% do filme com a câmera na mão, e uma foto quase surreal compondo algumas seqüências extremamente poéticas. Cox estetiza mas não abusa, vai de panorâmicas aéreas, quando o ônibus dos Pistols cruza o deserto da Califórnia (em cima, grafitado, um gigantesco Fuck Off!), e filma sem concessões a longa e exasperante seqüência da morte de Nancy, no lúgubre cubículo do Chelsea Hotel, totalmente improvisado por Gary Oldman e Chloe Webb (Nancy).

Esse filme precisaria urgentemente passar no Brasil. Mandem cartas, pressionem os distribuidores. É fundamental como documento histórico — um resumo aproximado do estouro da raiva punk — e como a história de dois garotos cuja energia caiu no vazio. Quando o amor mata (*Love Kills*), dilacera antes. Cox, debaixo do sol de Cannes, rodeado de yuppies, concluiu, pensativo: "Sid e Nancy não foram nem tão punks quanto se pensa. Para eles, só existia essa paixão. Ficaram inseparáveis até a morte. O que interessa nessa história não é o escândalo, as manchetes de jornal. É uma história muito humana, fascinante, trágica, capaz de emocionar qualquer um".

Sid e Nancy, com toda sua raiva e energia, só conseguiram deixar sua marca sobre o mundo de uma maneira trágica. A nós, que continuamos, resta transformar a raiva em vitória.

LULU SANTOS
MELHOR DO QUE NUNCA

RCA

LEVE
PRA CASA
VOCÊ TAMBÉM

OS AVENTUREIROS DO BAIRRO PROIBIDO

O americano John Carpenter tem muito de oportunista — lançou-se com *Halloween* em plena onda de filmes de terror, respondeu ao *ET* com *Starman*, e este *Aventureiros* vem firme na trilha de *Indiana Jones* —, mas é também um bom diretor. Na melhor tradição do cinema "B" de Hollywood, como o de Roger Corman, transforma orçamentos limitados, prazos curtos e idéias sensacionalistas em filmes curiosos e inovadores.

Este é o caso. O "galã" Kurt Russel (um especialista em seriados de televisão, como *Bonanza*, *O Fugitivo* e *Gunsmoke*) combina tiradas à moda do herói de Spielberg com doses pesadas de anti-heroísmo e canastrice deliberada. Ele é um motorista de caminhão, aliás transportador de porcos, que ajuda um amigo chinês a recuperar a noiva das mãos da Máfia de Chinatown. Mas, para além dos conflitos das famílias e gangues, está um grande mistério oriental, com fantasmas de 2.000 anos, maldições milenares, muita feitiçaria e artes marciais.

Com o reforço dos ótimos efeitos especiais de Richard Edlund (premiado pela série *Guerra nas Estrelas* e por *Caçadores da Arca Perdida*), a dupla, acompanhada por uma galeria de tipos exóticos mergulha em uma esfuziante e divertida fantasia chinesa, bem mais provocadora do que Spielberg costuma ser. A trilha sonora do próprio Carpenter, é outro ponto alto. Boa diversão. *A. A.*

Big Trouble in Little China: um problemão na Chinatown... para um aventureiro à moda antiga

HANNAH E SUAS IRMÃS

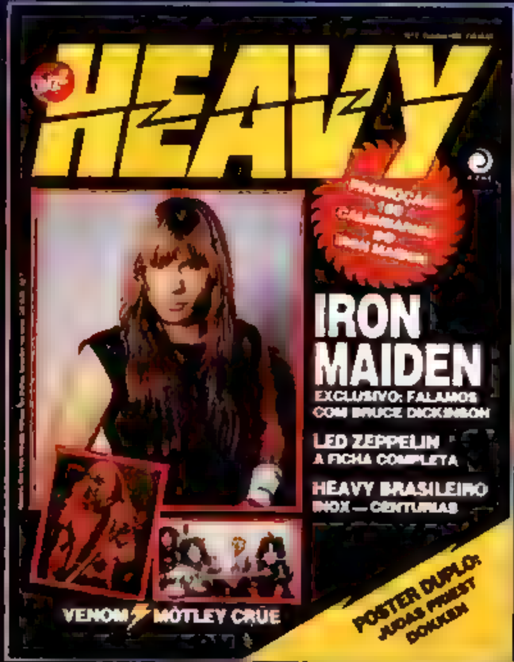
Woody Allen recuperou o humor de *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa* e *Manhattan*. Em *Hannah e suas Irmãs* ele volta a falar dos medos e manias das pessoas, depois do cético *Broadway Danny Rose* e o melancólico *A Rosa Púrpura do Cairo*. *Hannah* traz Woody outra vez em seu habitat natural: Nova Iorque. É uma história de família, com todas as paixões em torno das irmãs e as competições encobertas.

O filme e a biografia de Mia Farrow se tocam em vários pontos. Ela e Hannah (Woody parece realmente encantado com a delicadeza dela), a irmã-que-dá-certo; Dianne West faz uma Holly comovente; Barbara Hershey é Lee, a casadoira. Maureen O'Sullivan, mãe de Mia, é sua mãe também no filme. Ela e Lloyd Nolan (que faz o pai) são dois veteranos de Hollywood e representam um casal de artistas em decadência.

D... não podia faltar. Woody faz piada outra vez com sua origem. É o seguinte: judeu, Mickey (Woody) resolve converter-se ao catolicismo. "Por que o catolicismo?", pergunta-lhe um padre. "Porque já é uma religião bem estruturada", diz Mickey — e compra um crucifixo na esquina mais próxima.

Em outra de suas depressões, Mickey pensa que, no final das contas, nenhum dos grandes gênios da humanidade, como Freud, Sócrates ou Nietzsche, teve respostas às grandes perguntas do tipo "de onde viemos e para onde vamos?". Woody também não tem, mas até se dá ao luxo de um final feliz, com um filme que começa e termina num Dia de Ação de Graças. Woody é um pessimista que dá graças a Deus. *Cesar Garcia Lima*

O hipocondríaco Mickey (Woody) e Hannah (Mia): à procura das grandes respostas



BIZZ HEAVY: um pesadelo de metal rock. Uma edição da pesada, pra metaleiro brabo nenhum botar defeito. IRON MAIDEN: Bruce Dickinson, num papo exclusivo. JUDAS PRIEST: num pôster duplo gigante. HEAVY NACIONAL: INOX e CENTURIAS. É puro pau!

LETRAS TRADUZIDAS: uma edição impecável, com o que há de melhor no pop internacional. Nesta edição, tem Rod Stewart, The Cure, James Taylor, Prince, Dire Straits e muito mais. Letras originais e traduzidas. Fotos inéditas. Não perca!

VEM AÍ:
Calendário do Rock 1987
Revista Pôster U2

Um show na fotografia [illegible] assinada por José Roberto Eluzer, para um [illegible]

CIDADE OCULTA

Cidade Oculta é um belo registro visual da babilônica São Paulo, recuperando a paisagem poluída do Rio Pinheiros ou citando o bairro oriental da Liberdade e as ruas congestionadas do centro. A trilha sonora, na direção de Arrigo Barnabé, é o álibi do filme. O autor de "Clara Crocodilo" reúne vários parceiros, como Carlos Rennó em "Ronda 2", ou Dino Vicente, arranjador de "Videogame", conseguindo um bom resultado. Numa boa participação, a Patife Band de Paulinho Barnabé musicou com inspiração o "Poema em Linha Reta", de Fernando Pessoa.

Arrigo participa também (tímida, mente) como ator principal, e é um dos co-autores do roteiro. A direção é de Chico Botelho, em seu segundo longa, depois de *Janete* (83). Mas é justamente no roteiro, que mais deveria caracterizá-lo, que o filme se perde. A história é fragmentada, sem saber tirar proveito disso. As imagens parecem pretexto para o filme e não o contrário — se é que é possível separar as duas coisas.

Na tentativa de compor um painel do submundo do crime, o filme conta a trajetória de Anjo (Arrigo), um ex-presidiário que reencontra Japa (Celso Sarki), um antigo companheiro de furtos e trambiques. O filme investe na ação mas não consegue sustentá-la, o que é, no mínimo, frustrante, quando a maior inspiração são os filmes "B" americanos e os velhos seriados. A influência de *Blade Runner* de Ridley Scott não anima, e Shirley Sombra (Carla Camuratti), jogando um tarô eletrônico, uma metáfora do misticismo urbano, é um motivo interessante mal-aproveitado. Ouçam o disco.

Cesar Garcia Lima

PSICOSE III

Norman Bates, o psicopata mais festejado da história do cinema está de volta. E, desta vez, também *atrás* das câmeras, na figura de Anthony Perkins (afinal, quem é o alter ego de quem?). Perkins encarna pela terceira vez a genial criação de Alfred Hitchcock, o taradíssimo Bates. Só que, neste filme, ele assume igualmente a direção. Mas não foi impunemente: muito já se comentou sobre o quanto Perkins, na vida real, teria em comum com o personagem. O resultado é um filme com ótimos momentos — ninguém que não conhecesse a figura de Bates tão a fundo poderia explorar tão bem seus dilemas — mas também muito descontrolado, com violência excessiva e inexplicável (no que repete um dos erros de *Psicose II*, de 83, dirigido por Richard Franklin).

Tudo começa quando uma ex-freira hidrópica, expulsa de seu convento, vem bater no velho Motel Bates. O diabo é que ela lembra muito a primeira vítima de Bates, o suficiente para tirá-lo de novo de controle. Só que a compreensão da trama é difícil, se você não conhecer os filmes precursores. E, se você já assistiu ao *Psicose* original, de 1960, talvez seja melhor nem ver as continuações. Não é fácil igualar um dos melhores filmes de um dos melhores cineastas de sempre. *A A*

ATENÇÃO LEITORES DO RIO E DE SÃO PAULO!!!

A Bizz e a Warner Filmes estão promovendo sessões de pré estréia do filme *Labirinto* — com *David Bowie* — especialmente para nossos leitores.

[illegible] 500 convites para [illegible] São Paulo, e outros no Rio de Janeiro [illegible] de dezembro.

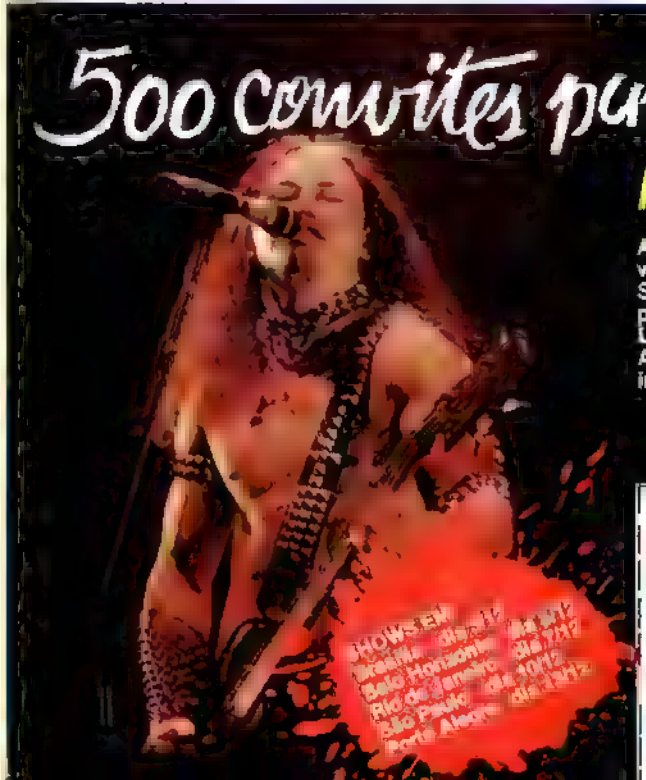
1. A estréia de David Bowie no cinema ocorreu ainda na década de 60, com uma ponta no filme *The Virgin Soldiers*. Seu primeiro grande papel só viria no início da década de 70, dirigido por Nicholas Roeg. Qual o nome do filme?
2. Qual o nome do filme em que Bowie contracena com Catherine Deneuve?
3. Qual o nome do filme em que Bowie contracena com Marlene Dietrich?
4. Cite duas músicas de Bowie compostas especialmente para o cinema.

Escreva para: BIZZ — Promoção Labirinto — Rua Marquês de São Vicente, 1771 — CEP 01139 — São Paulo SP. Não esqueça de colocar nome e endereço completos, além de seu telefone.

500 convites para ver Venom

AO VIVO NO BRASIL

A mais maldita de todas as bandas do black metal vai espalhar horror pelo Brasil em dezembro.
Se você quiser assistir o show de graça, escreva para BIZZ, dizendo qual é o nome do primeiro LP do VENOM.
As cartas que chegarem primeiro, concorrem a 100 ingressos para cada um dos cinco shows da banda.

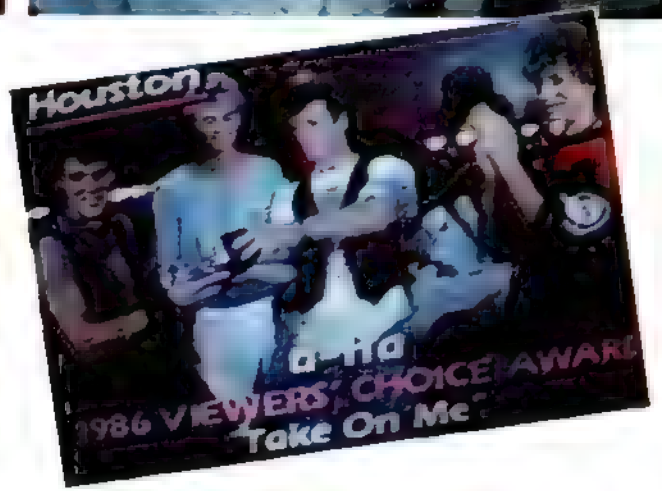


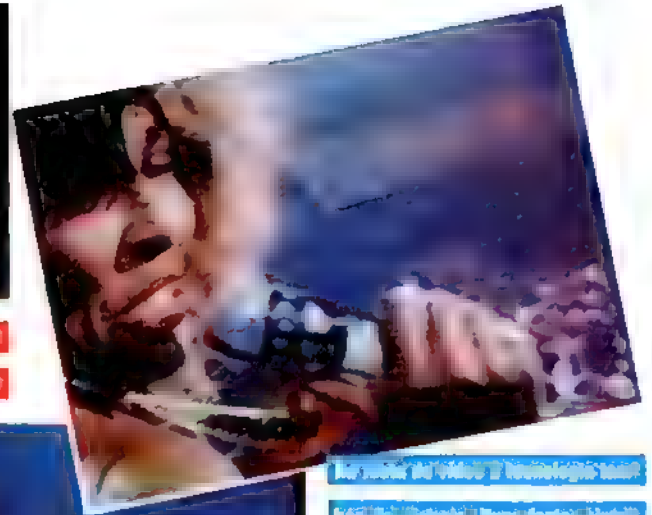
À revista BIZZ, rua Marquês de São Vicente, 1771
Cep 01139 - São Paulo - SP
O NOME DO 1º LP DO VENOM É _____
Nome _____
Endereço _____
Bairro _____ Cidade _____
Estado _____ Cep _____ Telefone _____
Eu quero um ingresso para o show de: (assinale apenas um)
Brasília ☐ Belo Horizonte ☐ Rio de Janeiro ☐
São Paulo ☐ Porto Alegre ☐

OS MELHORES DA MTV

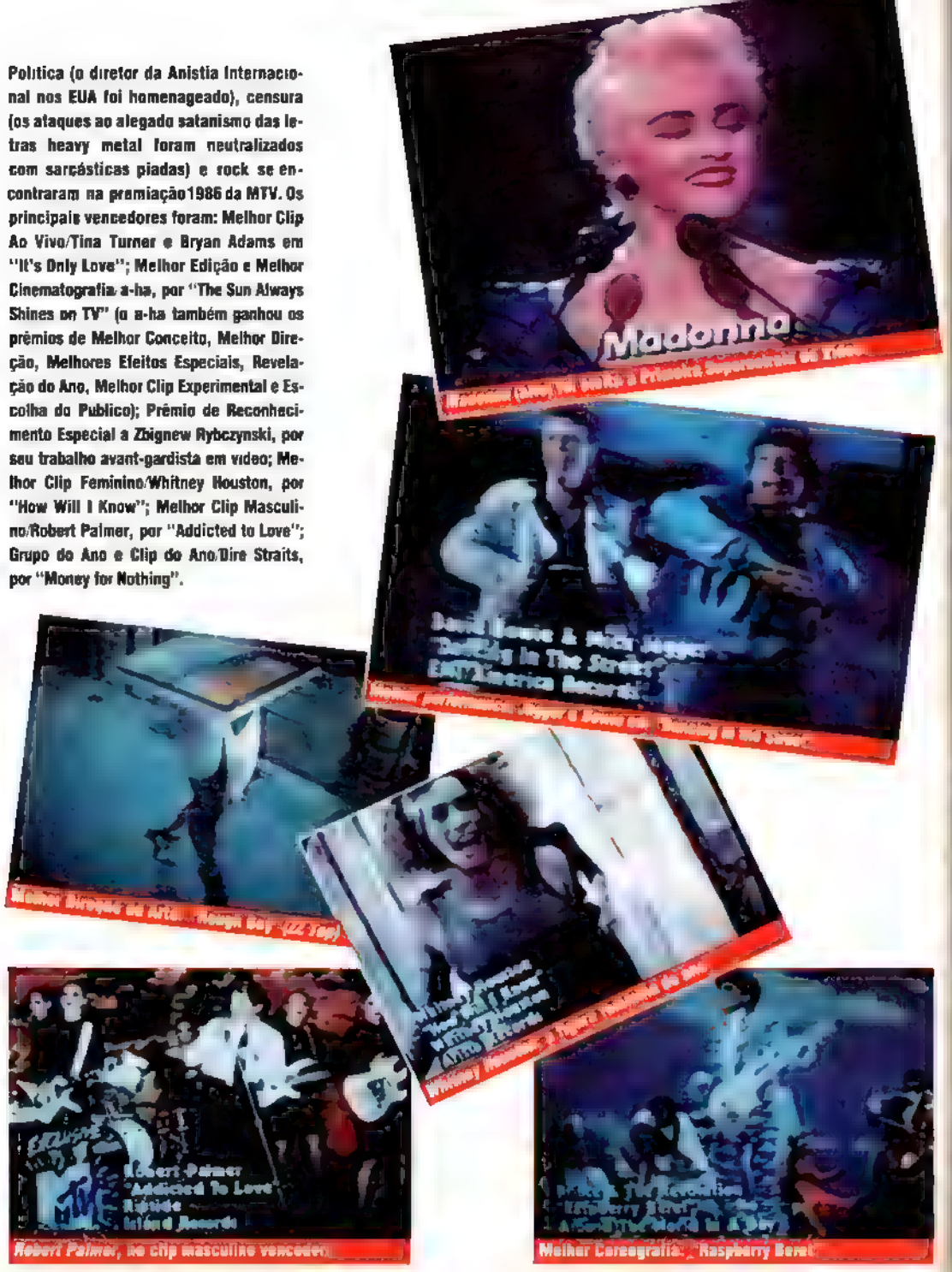
Numa festa mundial — Londres, Nova York, Los Angeles, Rotterdam e Houston unidas por satélite num verdadeiro circo eletrônico — a MTV celebrou, mais uma vez, os melhores clips de sua programação. Foi em setembro, em noite de muita piada (a maioria dos apresentadores era composta de cômicos) e glamour. A estrela da festa foi a epítome do clip-star: o a-ha.

Os noruegueses de *a-ha* papam a maioria dos prêmios da MTV. Com isto também se deu bem o diretor *Steve Barron*, criador da cativante mistura de animação e filme empregada no clip "Take On Me" (alto). Ao todo, o a-ha rapou sete estatuetas, entregues nos bastidores de um estádio em Houston, Texas (lado), onde o grupo acabara de se apresentar.

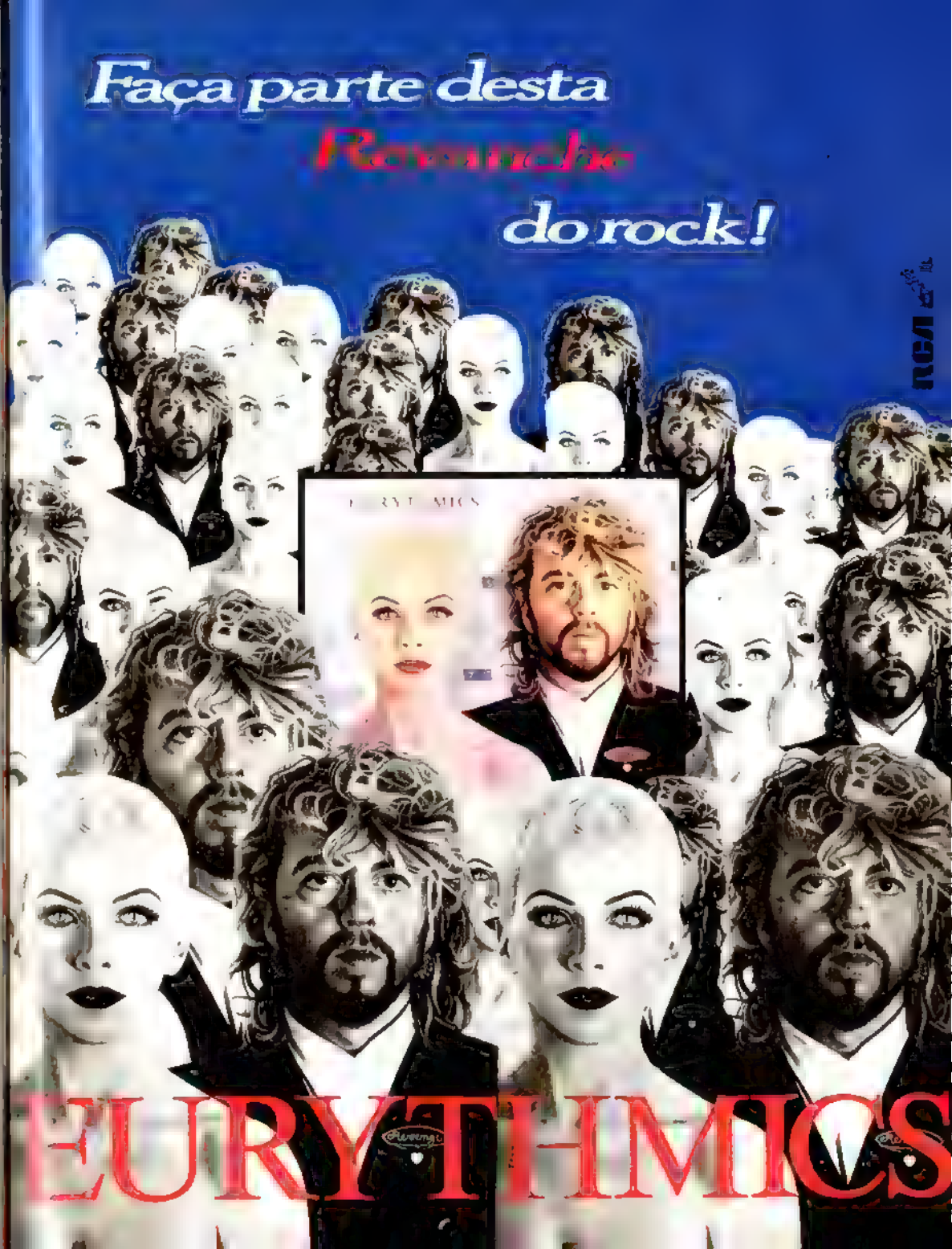




Politica (o diretor da Anistia Internacional nos EUA foi homenageado), censura (os ataques ao alegado satanismo das letras heavy metal foram neutralizados com sarcásticas piadas) e rock se encontraram na premiação 1986 da MTV. Os principais vencedores foram: Melhor Clip Ao Vivo/Tina Turner e Bryan Adams em "It's Only Love"; Melhor Edição e Melhor Cinematografia a-ha, por "The Sun Always Shines on TV" (o a-ha também ganhou os prêmios de Melhor Conceito, Melhor Direção, Melhores Efeitos Especiais, Revelação do Ano, Melhor Clip Experimental e Escolha do Publico); Prêmio de Reconhecimento Especial a Zbignew Rybczynski, por seu trabalho avant-gardista em video; Melhor Clip Feminino/Whitney Houston, por "How Will I Know"; Melhor Clip Masculino/Robert Palmer, por "Addicted to Love"; Grupo do Ano e Clip do Ano/Dire Straits, por "Money for Nothing".



Faça parte desta Revanche do rock!



STAN RIDGWAY

O rock de um contador de histórias, aprendiz de ventríloquo e apaixonado do cinema

Stanard Ridgway III é velho de guerra. Foi caixeiro-viajante, balconista de bar, motorista de táxi, palmilhou as estradas da Califórnia arranhando a guitarra ou o banjo e soprando sua gaita de estimação. Queria ser ventríloquo — quando era moleque, seu boneco era um bom papo. Foi vocalista e líder do Wall of Voodoo, um mítico grupo que lançou três LPs entre 80 e 82, e até emplacou um hit: "Mexican Radio". Depois esteve dando um tempo, fora aparições esporádicas. Uma foi em *Lost in the Stars*, o LP em que Lou Reed, Tom Waits, Sting, *Rep* Butler e outros interpretam canções de Kurt Weil/Bertolt Brecht. Outra foi a canção-tema "Don't Box Me In", em parceria com Stewart Copeland, na genial trilha sonora de *Rumble Fish* (o filme de Coppola que deve estrear ainda este ano no Brasil, como *O Selvagem da Motocicleta*).

Stan voltou agora com um LP solo: *The Big Heat*. A lógica do som é mais ou menos a do velho Wall. O grupo foi formado em Hollywood — originalmente, seria uma firma dedicada à gravação de trilhas para filmes de terror... *Rhythmboxes* espasmódicas, teclados carregados — um efeito *ghost-in-the-machine*, a máquina mal-assombrada —, guitarradas de *western-spaguetti*. E o farto material recolhido por Stan em suas andanças, recitado em seu vocal catatônico, anasalado e fundo a uma só vez. Uma profusão de vagabundos, operários, piranhas, malandros de diversos calibres. *Flashes* da América, editados com o mesmo humor dúbio com que Stan faz animações quadro-a-quadro com sua velha câmera super-8.

A novidade é o sucesso — não só o compacto com "Camouflage" ascendeu ao *Top Ten* das paradas inglesas (e vá alguém explicar por quê é a história de um soldado-fantasma na guerra da Coréia, em uma locoonga faixa à la Ennio Morricone ..) como os antigos discos do Wall of Voodoo estão vendendo mais que nunca. O grupo, além do mais, voltou com um LP (*Seven Days in Sammystown*) e um cantor novos.

Stan lançou agora outro *single*, com a faixa-título do LP, que faz com "Drive She Said" um belo par de historietas na tradição de Dashiel Hammett e Raymond Chandler. Talvez o LP tenha uma diversidade excessiva de produtores (as faixas foram gravadas em períodos e estúdios diferentes) e músicos (dos irmãos Fowler — ex-Zappa —, nos sopros, a Hugo Burnham — ex-Gang of Four —, na percussão). Ao vivo, na estrada, com a banda encabeçada pela mulher — a tecladista Pietra Cahoum — é que Stan tem estado mais à vontade para contar suas amorais fábulas da América. *A.A.*

Do Wall of Voodoo à carreira solo, uma viagem pelos temas dos filmes B americanos: amor e crime na vida das ruas

Walk on Water.

O nome é Walk Sider.
Há anos este original e autêntico boat shoe tem ajudado a dar mais aderência as superfícies escorregadias da vida.

Marca de garantia e esnobismo Side Walk.

Couro
Royal
Pink
Navy Blue
Blood
Ice
Marfim
Nobuck
Negro
Havana
Musgo
Mostarda
Jeans
Caqui

CITY OR COUNTRY WALKS.

EXPRESSO ORIENTE

Uma longa jornada no Sul devastado. Por *Marcel Plasse*

Foto Rocco Silva

Julio Reny (o quarto, da esquerda para a direita): há dez anos à frente de seu tempo

A banda Expresso Oriente atravessa o deserto. O que a move? Pergunte ao rapaz tímido de óculos, pai, viúvo e parte do show. Ele é o cantor, compositor e guitarrista Julio Reny. Sua experiência musical começou há dez anos, via pesquisas-furtos de discos recomendados pela revista *Pop* (lembram?). Barra pesada, juventude transviada, polícia, drogas e rock'n'roll. Todos os ingredientes para um sucesso de bilheteria.

O Expresso Oriente chegou ao Saara após fracassadas paradas anteriores. Algumas famosas. A banda Km Zero implodiu quando o guitarrista Edu K entrou para o DeFalla e Julio foi convidado pra ser vocalista na Urubú Rei. Urubú Rei implodiu porque nasceu antes da hora. "Seria uma cult band, hoje", avalia Julio. Era por demais inglesa e as meninhas Fiorucci ainda não tinham começado a andar vestidas de negro. Assim, após seu enterro, as cordas do grupo (Castor, guitarra, Flávio Santos, baixo) acompanharam Julio num encontro com a cozinha da Km Zero (Renato G., irmão de Julio, bateria; Fred Lamachia, percussão).

O que se escuta não é um trem desgovernado. A noite está clara, a lua está cheia. E a música quase conforta. "Sonhos são manequins em vitrines/ ... Não chore Lola/ ... Você vai comprar um vestido novo. Vai mudar o penteado/ Vai fumar outro cigarro. Mas o que importa é a cama vazia. O filme sem ilusões."

Música redonda, mix de porradas culturais. Bossa-nova distorcida num juke box. Pop inglês contrabandeado por um imigrante caribenho ilegal. Amor *caliente, saleroso*. Morte urbana, melancólica. Um som nada morno. Na solidão do Saara. Porto Alegre.

VZYADOQ MOE

Um nome impronunciável para um som impressionante

Foto Rui Mendes

Calegari, Orlak e Edgard, Marcos e Fausto em primeiro plano

Quando a fita aterrissou aqui na redação, os primeiros ouvidos logo questionaram. "O que é isso? De onde vêm? Quem são?". *Isso* era uma mistura inspirada no expressionismo alemão e na poesia dadaísta, usando latas como bateria e percussão, e um vocal antivocal, fora do ritmo. E es vêm de Sorocaba, interior de São Paulo, e são o Vzyadoq Moe.

Nossos ouvidos não mentiram. Apesar de terem montado o grupo há apenas sete meses, esses garotos (15 a 17 anos) já têm seus caminhos muito bem definidos. "Queremos chegar à Europa. Tem muita gente que acha que banda nacional não presta. Queremos mudar isso. Temos condições de arrebatar o cetro de Londres. Lá está tudo morto! As únicas coisas *novas* e que realmente prestam são Smiths e Jesus and Mary Chain", dizem praticamente em uníssono.

E aqui? "Mercenárias, Akira S & as Garotas que Erraram, Cabine C, Chance e Fellini", concordam. Orlak acrescenta: "Mercenárias estão acima dos outros". "Mas o Vzyadoq está acima de tudo", conclui Fausto.

O nome foi feito à base de sorteio de letras. No mais, minimalismo e preocupação de não parecer com nada. "Virou até paranóia. Descartamos muitas músicas, porque achamos que pareciam com alguma coisa. Além disso, o que torna o som característico é o fato de todos os instrumentos estarem direcionados para a idéia da *banda*, e não o contrário", vão completando um após o outro.

Edgard (baixo), Fausto T. (vocal e letras), Orlak (guitarra), J. Calegari Jr. (guitarra) e Marcos (percussão) não estão sendo arrogantes. O Vzyadoq é diferente, é novo, é demente, é idéia pura. Que venha o vinil para que todos possam conferir. *Sônia Maia*

O Rock agora vai rolar na Del Rey FM

Clube do ROCK

As raízes do Rock'n Roll num programa que leva até você as músicas que marcaram a época de ouro do rock nos anos 60 e a trajetória de cada grupo, do início de carreira aos dias de hoje.

E ainda, para você que curte rock, sorteio de camisetas e brindes durante o programa. Basta enviar o cupom abaixo e sintonizar no **Clube do Rock**.

OFERECIMENTO
BARRAGE
"A Moda solta nas Ruas."

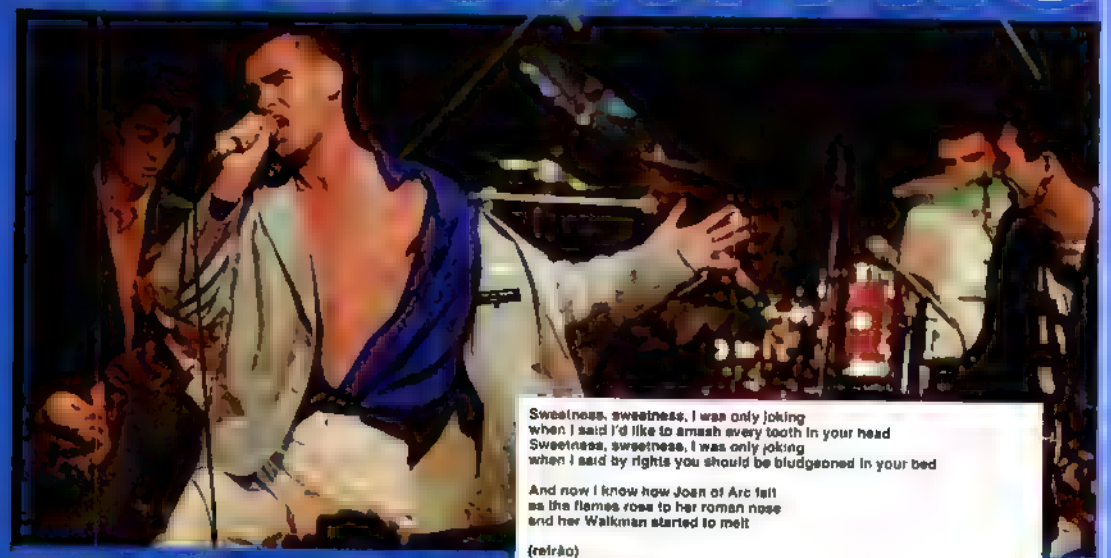
BIZZ

FM 95,7
Del Rey

Coupon a ser enviado para
RÁDIO FM Rio
PROGRAMA
CLUBE DO ROCK
Rua Conde de Bonfim, 344 Bl 1 - 10º andar
Tijuca - CEP 20520 - Rio de Janeiro - RJ

Nome:
Endereço: Bairro:
Cidade: Estado:
CEP: Tel.: Idade:

THE SMITHS



BIGMOUTH STRIKES AGAIN

(Morrissey/Marr)

Sweetness, sweetness, I was only joking
when I said I'd like to smash every tooth in your head
Sweetness, sweetness, I was only joking
when I said by rights you should be bludgeoned in your bed

And now I know how Joan of Arc felt
as the flames rose to her roman nose
and her Walkman started to melt

(refrão)
Bigmouth strikes again
and I've got no right to take my place
with the Human race

And now I know how Joan of Arc felt
as the flames rose to her roman nose
and her hearing aid started to melt

(repete refrão)

O DESBOCADO VOLTA A ATACAR*

Doçura, doçura, eu estava só brincando
quando disse que gostaria de arrebentar cada dente da sua boca
Doçura, doçura, eu estava só brincando
quando disse que o certo era você ser coberta de cacetadas na sua cama

E agora eu sei como Joana d'Arc se sentiu
enquanto as chamas subiam até seu perfil romano
e seu Walkman começava a derreter

(refrão)
O desbocado volta a atacar
e eu não tenho mais direito de assumir meu lugar
entre a raça humana

E agora eu sei como Joana d'Arc se sentiu
enquanto as chamas subiam até seu perfil romano
e seu aparelho para surdez começava a derreter

(repete refrão)

* A música provavelmente refere-se a uma entrevista que Morrissey deu ao *Melody Maker* em 84 que teve uma forte repercussão negativa na seção de cartas do jornal. Na entrevista, ele lamentava o fato de Margaret Thatcher ter escapado ileso a um atentado que sofrera semanas antes, num hotel inglês.

© Morrissey/Marr Songs Ltd/Warner Bros Music Ltd

PANDA. A SUA MARCA DE ESTIMAÇÃO

COM PANDA VOCÊ VIRA FERA.

PANDA.
ALTA PERFORMANCE EM ESPORTE E LAZER.

Adote um Panda. Você vira fera na hora. Panda é gostoso, bonito, colorido. Mais do que tudo, Panda é Vulcabrás. O solado exclusivo a palmilha de borracha natural, é para você pisar manso e macio. Panda é diferente de tudo o que existe por aí: uma verdadeira fera na resistência, durabilidade e qualidade. Experimente um Panda. Temos certeza de que ele vai ser a sua marca de estimação.

Qualidade

Jordan se apresentando no Rio em setembro, no Free Jazz Festival: como dois grandes guitarristas

STANLEY JORDAN

Ele não é apenas um mestre da guitarra — ele a reinventou, com uma técnica inspirada na do piano

A guitarra é um instrumento capaz de fazer muitos Hendrix (ou o rei e uma série de outros alcançaram o status de "deus" começando por Eric Clapton. Mas a revolução musical causada por Stanley Jordan é diferente. Se um dia fizerem *graffiti* em sua homenagem, eles mostrarão parcues com dizeres tipo "Jordan é genio", ou "intelectual da guitarra".

Esse guitarrista de 27 anos, que vive e respira música a maior parte do seu dia, começou tocando como pianista clássico, aos 6 anos. Aos 10, com a separação dos pais e a venda do instrumento, descobriu a guitarra, assim como o rock, o blues, o pop e seu herói, Hendrix.

Desinteressado, passou a apenas ouvir rock. "Eu já tocava com palheta ou com a técnica tradicional de mão direita. Mas o piano me deu noção de contraponto e eu precisava de novas formas de expressão para a música que me vinha à cabeça." É assim que ele explica como descobriu a técnica dos finger taps — as batidas que seus dedos dão no braço da guitarra. Jordan aplica com simplicidade, a técnica pianística igualmente baseada em martelar as cordas e passa a soar como dois músicos ao mesmo tempo. Como nos instrumentos de teclas, ele faz a harmonia — ou linhas de baixo — martelando com a mão esquerda (*hammer ons* e *pull offs*), recursos tradicionais de guitarristas, enquanto a mão direita faz solos e ocasionais acordes pelos finger taps. Pode parecer complicado mas Jordan, formado em Música pela Universidade de Princeton, viu que foi um processo natural. "O que eu faço é expressar o que eu ouço. Na verdade, com dez anos de prática, mal penso na técnica e vou na música."

Ele não considera sua técnica melhor que a convencional, mas pensa que é o começo de uma nova era, com novas possibilidades para os guitarristas que nem sempre primam pela criatividade. Ele acha que o instrumento tem muita expressividade, por isso abandonou o piano.

Jordan é um apaixonado pelo jazz que inspirou uma música mais rica e criativa do que o pop. Ele acha, por exemplo, que Hendrix hoje estaria tocando jazz. Assim ele recomenda ouvir guitarristas criativos. Para ele, Wes Montgomery sempre foi uma fonte de inspiração. E da nova geração, há dois que considera muito bons: Birelli Lagrene, que toca à la Django Reinhardt, e Allan Holdsworth, que não é exatamente jazz mas é muito bom.

Ele revela ainda que não toca seu instrumento na afinação tradicional, mas afinando-o por quartas, o que permite tocar sem mudar muito a posição das mãos. "Mas é só uma forma diferente de pensar. Posso tocar um instrumento tradicional e até pela técnica normal."

Ele tem flertado com instrumentos eletrônicos, como a guitarra sintetizadora e os computadores rítmicos, mas não pensa em utilizá-los no seu próximo disco. Quer mostrar o que o ainda só pode fazer com seus finger taps e promete um disco com guitarra muito bem tocada e melhor em termos de sensibilidade. "A minha técnica seja ela qual for, é a música que vem a minha cabeça." *Alexandre Dines*

FICHA TECNICA

ENTRE A VELHA E A SINTETIZADA

O principal instrumento de Stanley Jordan é a sua velha guitarra Travis Bean TB-1800, com braço de alumínio. Por causa de sua técnica, ela precisa ter ação dos cordas muito baixa. A grande vantagem do braço de alumínio é que ele dá mais sustain, fazendo com que as notas tocadas com a mão direita soem mais longas.

Ele tem muitos outros instrumentos, uma Ibanez Stanley Jordan Model com braço de grafite e um damper para abafar os cordas soltas, uma Ibanez Guitar Synthesizer, que permite a ligação Midi com qualquer outro instrumento, além de uma série de teclados.

Ele usa um amplificador Carvin ligado em vários monitores pequenos. Prefere um som de guitarra quase puro, mas é muito usado um rack da Roland, com compressor e delay. AD

GK SEGURE ESSA BARRA!

...seu talento é um ...untam, alguns ...itavelmente surgem ... linha GK representam a primeira geração de teclados eletrônicos digitais portáteis de alta tecnologia no Brasil. Só eles possuem Presets PCM, que reproduzem com o maior realismo o som dos instrumentos reais, Interface MIDI*, que permite acoplar o teclado a um micro-computador ou a outros instrumentos com recurso MIDI, e mais uma infinidade de recursos técnicos que dão ao seu talento, possibilidades praticamente ilimitadas de expressão. Por tudo isso, é bem provável que você não consiga passar despercebido cada vez que alguém escutar o seu som. Afinal, talento e tecnologia sempre chamam a atenção. Conheça um GK. Vale a pena segurar essa barra.

(*) Disponível nos modelos GK 6110 e GK 4920

Giannini

AIR MAIL

Pepe Escobar

A TV a serviço do povo na terra da Iron Maiden. O *Whistle Test* especial da BBC começou às cinco da tarde de um sábado e acabou às oito da manhã do domingo. O furor e o terror da era do clip, incluindo 80 por cento de lixo absoluto. Ficamos com os pontos altos: superentrevista de meia hora com Daddy Cool **Bryan Ferry** (foto); os vídeos em super-8 de **Derek Jarman** para os Smiths — aulas de pureza surreal. **Run-DMC** e **Aerosmith** no faroeste definitivo entre heavy metal e hip hop. **ZZ Top** no Texas — mais *far out* impossível. E Big Mac e seus **Bunnymen** tocando tnédias em estúdios

Foto Jeanson Jones Press

Foto Jeanson Jones Press

Depois de fazer o *Easy Rider* dos anos 80 *(Repo Man)* e quase quebrar a cara com a letal punk love story *Sid and Nancy*, Alex Cox foi fritar a cabeça e a câmera no sul da Espanha, filmando um spaghetti-western, *Straight to Hell*. Entre os infernais do elenco, Elvis Costello, Joe "Ex-porta-voz de uma geração como líder do Clash" Strummer, e o vocalista dos Pogues, o grotesco Shane Macgowan. A próxima de Cox é na Nicarágua: vai infernizar os contras, auxiliados por um estéreo de metal e um estoque de fitas do Clash.

O pesadelo da tartaruga azul Sting estava filmando sua próxima ego-trip em Trieste, e seu staff o ofereceu aos organizadores do festival de Veneza como um dos mestres da cerimônia de encerramento. Resposta: "No, grazie". É isso aí, ragazzi, chega dessa máfia do efeito rinsagem.

Money changes everything." E como, não é, seu Morrissey? Os **Smiths** assinaram com a EMI por um punhado de libras – não menos do que um milhão, e agora seu celibatário "big-mouth" não precisa mais se jogar embaixo de um ônibus de dois andares, como andou advertindo em *The Queen Is Dead*. Breve The Smiths em concerto com Duran Duran. Enquanto isso, como já avisamos aqui, Johnny "Not So Miserable Now" Marr acabou de atacar como guitarrista principal do novo LP de **Bryan Ferry**, e agora está brincando com um certo **Keith Richards**.

Saiu mais uma "definitiva" biografia de um certo David Jones *(Alias David Bowie* de Peter e Len Gillman, dez libras e 95). Mais de 500 páginas, mu tash storinhas, mas o homem continua um enigma. Já advertiu que biografia mesmo só a dele, quando se dignar a escrevê-la. Enquanto todos esperam sentados, o melhor é ler *I, Tina*, o sumário de **Tina Turner**, que sofreu de A a Z nas mãos do sadico Ike, mas um dia chegou lá.

Dois *cult-movies* de luxo estouraram no festival de Veneza e no máximo até o ano que vem chegam aí — pois são distribuídos pelas "majors" americanas. Em *Big Trouble in Little China*, de **John Carpenter** (o aterrorizante de *Halloween* e *Christine*), temos um Indiana Jones caminhoneiro atacando fantasmas, assombrações, mitos milenares, fera de kung fu e malucos em geral na Chinatown de São Francisco. Satisfação garantida ou seus efeitos especiais de volta. O outro é *Short Circuit*, de **John Badham**, onde um robozinho mais humano que E.T. dança tango, frita omelete, vicia-se em TV, dirige caminhão e faz um inferno dos diabos quando escapa de um laboratório ultra-hightech de inteligência artificial. A demência americana continua inimitável para reescrever o passado e antecipar o futuro.

Jean-Jacques Beineix, depois da colagem pós-moderna de *Diva* e do desespero estilizado de *A Lua na Sarjeta*, voltou matando em *Betty Blue* — esta a melhor saga francesa de *amour fou* em 86. Sexo, solidão e loucura — tudo banhado em amarelo e azul. A trilha, da fera **Gabriel Yared**, é melancolia bergamaniana. **Beatrice Dalle** — a bela e louca — tem um rosto de impacto tão forte quanto Bardot em sua época. Ao vivo, em Cannes, eu a achei meio creizona da Vila Madalena. Ok, é só não abrir a boca e a câmara abrir um close nos lábios carnudos. .

Foto Irmo Celso

O filme mais cool de 86 é uma saga bebop dirigida por um francês. Em *Round Midnight* (BIZZ 7), título monkiano, é claro, **Dexter Gordon** (foto) compõe com um sax, murmúrios e swing de corpo uma caracterização memorável de um musico de jazz na Paris do fim dos 50, resgatado da autodestruição por um adorador dedicado. O filme não ganhou o festival de Veneza porque o juri tinha outros lobbies. A cor é cool blue, carregada de cinza. A trilha é Chernobyl On The Rocks: tem **Monk, Cole Porter, Gershwin, Gordon, Lester Young, Bud Powell...** (o filme é baseado em episódios da vida desses dois últimos). Rezem para chegar aí antes de 1990.

CARTAS E SERVIÇOS

REPERTÓRIO MOD

Acreditando nas boas intenções do artigo "Ira! Vivendo e Aprendendo", publicado no número 14 da BIZZ, venho por meio desta atribuir a um mal-entendido a frase onde se lê que eu teria achado mau o fato do grupo Mod tocar nosso repertório. Quero afirmar que muito me alegra esse fato, como também reiterar meu apoio às bandas de Osasco. **André Jung, do grupo Ira! (São Paulo, SP)**

Colocamos à sua disposição, André, a fita onde está gravada a entrevista com o Ira! Nela é possível confirmar a exatidão de todo o texto publicado na BIZZ 14.

MI BUENOS AIRES QUERIDA

Oi!! Eu tenho nas mãos a sensacional BIZZ de março. Agora escrevo porque desejo enviar uma mensagem para os leitores da BIZZ, sou uma argentina de 18 anos que adora Bowie, Cure, Siouxsie, Smiths, Echo & the Bunnymen, U2, Talking Heads, Simple Minds, ABC y Spandau Ballet. Desejo me corresponder con jovens brasileiros para trocar informação (reportagens) sobre estos grupos. **Cristina Reinoso, Arregui 2455 3.° 10, (1417) Capital Federal, Argentina.**

Oi, Cristina! Aí está seu recado. A redação BIZZ manda um grande abraço para você e para todos os roqueiros portenhos!

DOSSIÊ PUNK

Hey, caras. Estou escrevendo um livro sobre a quantas anda o movimento punk no Brasil. Contei com a colaboração do pessoal de Sampa e quero ver se o resto vai ajudar também. Vamos sacudir esse país de "sonho intenso e raio vívido". Se é verdade que "punk's not dead", escrevam-me. **Valéria Exterminas, rua Manoel Zanin, 43, CEP 79070, Campo Grande - MS.**

ECHO COMPLETO

Gostaria de saber a discografia e a videografia completas dos grupos Echo & the Bunnymen e Siouxsie & the Banshees e quais os títulos que foram lançados no Brasil. **Isabel Damiani Couto (Rio de Janeiro - RJ)**

A discografia de Siouxsie & the Banshees pode ser conferida na seção de cartas da BIZZ 13. Isabel. Quanto à videografia da banda, de uma olhada na seção de vídeo da BIZZ que você tem nas mãos. Vamos ao Echo & the Bunnymen, o quarteto inglês fundado por Ian McCulloch (vocais, guitarra eventual), Will Sargeant (guitarra), Les Pattinson (baixo) e Pete de Freitas (bateria) em Liverpool, em 78. O primeiro LP do grupo é de 80, Crocodiles (a versão americana e a de alguns outros países inclui duas faixas a mais, lançadas em compacto na Inglaterra). Em 81, o LP Heaven Up Here foi antecedido por um EP Shine So Hard, trilha sonora de um projeto frustrado, um filme de meia hora com o mesmo título (Shine inclui músicas de Crocodiles e Heaven Up .. em versões diferentes). Porcupine (83) é o terceiro LP, e o primeiro deles lançado no Brasil. Desse mesmo ano é Life at Brian's — Lean and Hunger, um novo EP, com regravações (ao vivo e em estúdio) de canções conhecidas do grupo e a inédita versão de "All You Need Is Love", dos Beatles, com inserções de "Sex Machine" (James Brown) e outras músicas — uma espécie de pout-pourri que McCulloch costuma fazer em shows. Ocean Rain (84) é o último LP da banda, à exceção de Songs to Learn and Sing (ambos lançados no Brasil), uma excelente coletânea de compactos de todas as fases do grupo, inclusive o mais recente, "Bringing on the Dancing Horses". Will Sargeant tem um LP solo, Themes for Grind (83), em uma linha mais experimental. Ian McCulloch tem um compacto solo lançado em 85, com a canção "September Song", de Kurt Weil e Bertolt Brecht. Recentemente Pete de Freitas abandonou o grupo — não há trabalhos posteriores à sua saída. Os vídeos do Echo são dois: Porcupine (83), um "clipão" com várias faixas do LP homônimo, e Pictures on my Wall (84), uma coleção de clips, apresentações ao vivo e cenas do filme Shine So Hard que não chegou a ser lançado.

FÃ-CLUBES

Mercenárias *Fã-clube Mercenárias*, Caixa Postal 03291, CEP 01000 - SP

Cocteau Twins *Cocteau Twins Fan Club*, Rua Pereira da Silva 65/902, CEP 24220, Niterói - RJ.

Ira! *Vitrine Viva! Ira! Fã-clube*, A/C Adriana C. Capuchinho, rua Voluntários da Pátria, 4040/192, CEP 02402, São Paulo, ou Cláudia, tel. 216-7496 - SP

Barão Vermelho *Barão Vermelho Fã-clube Oficial*, Rua Ferreira Pontes, 347/101, CEP 20541, Rio de Janeiro - RJ

Elvis Presley *Elvis Today Fan Club*, Caixa Postal 2493, CEP 40000, Salvador - BA

Kid Abelha *Kid Abelha Fã-clube*, Caixa Postal 35015, CEP 21060, Rio de Janeiro - RJ

Monkees *The Monkees Fan Club*, Rua Jurubatuba, 4, porta 2.203, CEP 11035, Santos - SP

U2 *FC-U2*, Rua Gastão, 126, CEP 66000, Belém - PA

Caetano Veloso *Fã-clube Caetano Veloso*, A/C Roberto Luiz Lopes, rua Conde da Castanheira, 381/203, CEP 40000, Salvador - BA

Billy Idol *Rebel Idol Fan Club*, A/C Helen Idol, rua Mário Hermes, 165, fundos, CEP 21550, Rio de Janeiro - RJ

Tears for Fears *Tears for Fears Internacional*, A/C Cláudio Jr., rua Robert Kennedy, s/n.° (em frente ao AABB), CEP 544[illegible]0, Timbaúba - PE

Led Zeppelin *Fan Club Led Zeppelin — Stairway to Heaven*, A/C Geraldo Vicente Martins, Caixa Postal 81, CEP 18140, Ibiúna - SP

ROCK SHIRTS camisetas

Peça já! pelo Reembolso postal, camisetas com estampas exclusivas dos maiores grupos e ídolos do rock

Desconto Especial 10%: Enviando cheque nominal a Rock Shirts. Preencha os valores já descontados os 10%

Cz$ 30,00

Tamanhos: P(44), M(48), G(52)

Ref. 01 Ref. 02 Ref. 03 Ref. 08 Ref. 09 Ref. 10 Ref. 12 Ref. 16 Ref. 18 Ref. 20 Ref. 21 Ref. 22 Ref. 23 Ref. 24 Ref. 25 Ref. 26 Ref. 27 Ref. 28 Ref. 29 Ref. 30 Ref. 32 Ref. 33 Ref. 34

Camisetas 100% algodão

Peça já!
Para fazer seu pedido, envie o cupom abaixo preenchido em letra de forma para Rock Shirts - Av. Carlinás, 788 São Paulo - SP cep 04086 ou disque 255 5777 ramal 788
24 horas por dia inclusive sábado, domingo e feriado

NOME
ENDEREÇO
CIDADE BAIRRO EST CEP

A agência do correio vai enviar-lhe um "aviso" para buscar sua(s) camiseta(s) e pagar. Leve identidade

REF	COR	TAM
GRÁTIS		

REF	COR	TAM
GRÁTIS		

PREENCHA COM LETRAS MAIÚSCULAS OU À MÁQUINA

REEMBOLSO POSTAL ☐
CHEQUE NOMINAL ☐

Foto Estúdio Abril

MILES DAVIS *KIND OF BLUE* (1959)

[redacted] Há pelo menos oito discos de Miles que não podem ficar fora de nenhuma *Discoteca Básica*. A boa notícia é que parte deles está sendo relançada aqui. A boa pergunta é: por que, então, *Kind of Blue* na pole position?

O estudo da quilométrica carreira do trompetista não pode dispensar *Miles Davis — A Critical Biography* (Quartet Books, Londres) do músico/crítico Ian Carr. Segundo ele, *Kind of Blue* seria "talvez o disco a exercer maior influência na história do jazz".Isto posto, vale lembrar que o próprio Mr. Carr concorda que o período 58/60 — quando gravou também *Milestones*, *Porgy and Bess* e *Sketches of Spain* — representa o primeiro pico do amadurecimento de Miles como *band-leader*, comparável apenas à fase elétrica/eletrônica (68/70) que abrange de *Miles in the Sky* a *Jack Johnson*, passando pelos "básicos" *In a Silent Way* e *Bitches Brew*.

Acontece que *Kind of Blue* foi o primeiro disco da história totalmente improvisado. No texto da contracapa, Bill Evans explica que Miles só apresentou o "esqueleto" de cada tema horas antes da gravação — nenhum dos cinco temas jamais executados anteriormente pelos músicos.

Os músicos, um capítulo à parte. Completam a textura metálica dos sopros, os saxes de Cannonball Adderly (alto) e o gênio John Coltrane (tenor). Bill Evans é o pianista em todas as faixas, exceto "Freddie Freeloader" (em que Miles, pela simplicidade de blues tradicional do tema, o substitui por Wyn Kelly). A seção rítmica — Paul Chambers (baixo) e James Cobb (bateria) — não faz mais que armar a cama para metais e piano, em sua exuberante calma antivirtuose .. o *cool*, enfim.

O amadurecimento anterior de Miles ocorrera à sombra de Charlie Parker, o canário alimentado a *speed ball*, que esgotou o jazz com sua fúria de meter 64 notas por compasso... o *bebop*, enfim. Quando sai para montar sua própria banda, ele persegue a direção oposta e encontra o parceiro ideal em Gil Evans — um arranjador que domina toda a tradição "erudita", mas carrega a convicção de que "a música mais expressiva vem dos guetos, livre de teorização, caso exemplar do blues e do flamenco". A partir daí, ambos minam o jazz como reduto do instrumentista por excelência e nasce o *cool*. onde importa o clima e o *understatement* (a frase que dispensa exclamações, seu forte são as reticências, o silêncio, o espaço aberto). O "Tipo de Blue" obtido segue a linha do argumento favorito de Brian Eno quando quer defender a música popular de sua "inferioridade" diante da erudita: a inovação existe sim, mas os bitolados a procuram no lugar errado — a harmonia — quando ela está na *textura*.

Tirando "Flamenco Sketches", o disco adota e/ou desmembra o blues tradicional de doze compassos, como suporte para essa busca e também para a espontaneidade que só a improvisação pode dar (desde que o ego seja deixado do lado de fora do estúdio).

A faixa de abertura, "So What", não emprega mais que duas escalas é a redução máxima do disco, na estrutura modal típica dos cantos africanos de "chamado e resposta". Na seqüência, "Freddie Freeloader" apresenta o esqueleto do blues tradicional (numa transição quase imperceptível) que será progressiva e matematicamente desmontado até a última faixa, "All Blues". Aí o círculo fecha com uma série de cinco escalas, que podem ser percorridas durante o tempo que cada solista desejar... ainda assim, ela sai redonda, melódica, concentrada na variação da textura, que acompanha os timbres do trompete — ora aberto, ora abafado — do homem que rege. Fora do círculo, "Flamenco Sketches" esboça o gueto que seria trabalhado no LP seguinte, *Sketches of Spain*, orquestrado por Gil Evans. *J.A.L.*

EDITORA AZUL

Editor e Diretor
VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

BIZZ

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor: Carlos Arruda
REDAÇÃO
Editoria: José Augusto Lemos, José Emílio Rondeau
Editoria Executiva: Roberto Wagner Pereira Perucci
Redação: Alex Antunes
Reportagem: Sônia Maia
Coordenação: Vera Mondin
Editora de Arte: Cristina Canabrava Arruda
Chefe de Arte: Rodolfo Tucci
Diagramadores: Cleber V. Garcia, Jorge Toth, Moema Figueiredo
Atendimento ao Leitor: César Garcia Lima
Colaboradores: **Texto**: Alexandre Dines, Ana Maria Bahiana, Bia Abramo, César Garcia Lima, Claudette Poodle, Gisele Halim (tradução), José Eduardo Mendonça, Leopoldo Rey, Marcel Plasse, Marco Antonio de Menezes (New York), Pepe Escobar (Londres), Rubens Ewald Filho, Silvano Michelino (Paris), Tom Leão. **Fotos**: Carlos Alberto Medeiros, Claudia Dantas, Claudio Edinger, Eurico Sala, Geraldo Luis Gomes, Ivineu Barreto Filho, Mila Maluhy, Rui Mendes, Tucci
Diretora Responsável: Liégé de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
Supervisor: Ricardo Corte Real (São Paulo)
Contatos: Jandir Beretta, Márcia Andrade (São Paulo) e Lidia Camerata (Rio)
Produção Gráfica: Paulo Lubhes

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Escritórios - Milão: International Business Centre, Corso Europa, 12. Phone 02-64-56331 e 64-56212 20122 Milano Telex 313585 e 532809 **Nova York**: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Telex 237870 Phone (212) 5990-5993 **Paris**: 33 av. Champs Elysées, 2.º Bureaux 213 bis 214, Paris 75008. Phone 42 25 58 65. Telex ABRILPA 660731F
Departamento de Documentação - Dedoc: av. Otaviano Alves de Lima, 4400 São Paulo, SP Telex (011) 22115

COMERCIAL
Gerente de Promoções: Alfredo Nasteri
Supervisores: Vani Pien (São Paulo), Fernando Mendonça (Rio)
Gerente de Circulação: Rogério Casale

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli e Pedro Frazão
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araujo

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo**: **Redação, Publicidade e Correspondência**: r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel. (011) 826-6777. Telegramas: Editabril Abrilpress. **Rio de Janeiro**: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel. (021) 295-5282, Telex (021) 22674, Telegramas: Editabril Abrilpress. **Distribuidor em Portugal**: Distribuidora Jardim de Publicações Lda. Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685 Camarate, Lisboa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas; se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 03. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000 Osasco, SP. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

RAYCES

Moda jovem para gente jovem.
Malha 100% algodão.

Entre nesta moda e conquiste quem você ama.

Camisetas por apenas **Cz$ 89,00** cada

FAÇA JÁ o seu pedido por carta ou telefone: (011) 520-0611 c/ Idalina

GARANTIA: Você receberá sua camiseta bonita, como na revista. Caso contrário poderá devolvê-la que restituímos seu dinheiro.

Envie o seu cupom para JR SOUSA RIBEIRO - CAIXA POSTAL 66.088 - CEP 05390 - SÃO PAULO - SP

À JR SOUSA RIBEIRO - CAIXA POSTAL 66.088 - CEP 05390 - São Paulo - SP

TAMANHOS P.M.G.

De 1 a 5 peças, apenas pelo preço à vista.

CONDIÇÕES ESPECIAIS - Para pedidos de 6 ou mais peças

Anexo Cheque Nominal à JR Sousa Ribeiro com 10% de desconto ☐ Anexo Vale Postal à JR Sousa Ribeiro com 10% de desconto ☐ Prefiro pagar ao retirar a mercadoria no Correio de minha cidade
Pagarei + Cz$ 25,00 de despesas com remessa

REF	QUANT	TAM	PREÇO
VALOR DO PEDIDO			
DESCONTO ESPECIAL			
VALOR A PAGAR			

Nome
End
Bairro
CEP Cid
Est

Para receber sua encomenda sem atraso ESCREVA o CEP corretamente no cupom resposta

Preços especiais para REVENDEDORES E ATACADISTAS, fale com MIRIAM pelo tel. (011) 520-0611
Peça, também, **catálogos** com as últimas novidades

BIZZ 16

OS MONKEES

Foto Arquivo Fantasia

UMA LENDA RESSUSCITADA

Acredite se quiser. Eles voltaram e estão fazendo o maior sucesso. Quem conta é *Marco Antonio de Menezes*

Juro que nunca mais uso Liquid Paper, aquele líquido de corrigir erros de datilografia. O dono da Liquid Paper, aqui nos Estados Unidos, é simplesmente Michael Nesmith. Herdou da mãe, e é uma fortuna de uns 50 milhões de dólares. Mas estou com ódio do Michael, o único dos Monkees que não concordou em voltar, no renascimento mais fabuloso do rock este ano: a volta dos Monkees.

Mesmo sem Mike, que aliás é um dos grandes pioneiros dos video clips, a coisa está fazendo o maior sucesso. Dia 25 de maio, eles começaram uma turnê de 120 concertos, em cem cidades americanas, tocando no Concord Resort Hotel de Catskills. Lotado até o teto. Está tudo lotado, é uma loucura.

"Tivemos de abrir mais datas em Atlantic City, em toda parte", dizia David Fishof, com os bolsos cheios no concerto de Catskills. Ele é o empresário atual dos Monkees, nesta *Happy Together Tour*.

Mas Fishof não estava assim tão confiante quando, em janeiro, convenceu Peter Tork, David Jones e Micky Dolenz a se reunirem para lembrar o que foi o grupo de maior sucesso na TV americana, entre 1966 e 1969. Aconteceu que, logo depois que eles começaram os ensaios para a volta, a MTV decidiu fazer uma extravagância. Interrompendo seu ritmo de passar 24 horas de clips por dia, a estação marcou o último dia 23 de fevereiro para ser O DIA HISTÓRICO da volta dos Monkees. Nada menos que 22 horas e meia seguidas, com 45 episódios daquelas aventuras malucas, com os Monkees fazendo a maior bagunça em sua casa de campo, discutindo com os produtores do show, dirigindo seu trailer pelas estradas dos Estados Unidos.

"Eu estava pensando numa plateia com seus trinta, trinta e poucos anos", diz Fishof. "Mas acontece que a MTV acordou a garotada para os Monkees. Eu nem podia acreditar."

"A maratona de 22 horas fez tanto sucesso que, em março, a MTV estava passando os Monkees em dois episódios por dia. Em abril, teve de aumentar para três por dia. E agora, em maio, a TV por cabo Nickelodeon (dos mesmos donos da MTV) está passando de novo um total de 60 shows dos Monkees."

Por causa dessa festa toda, é possível que uma das pessoas mais felizes no Brasil de hoje se chame Maria Tereza Pinho Gomes da Silva. Por quê? Simples. Maria Tereza é, quase na certa, a maior fã dos Monkees no Brasil. Quem me contou isso foi a fã mais feliz dos Estados Unidos, uma garota chamada Maggie McManus. Maria Tereza é a única sócia brasileira do fã-clube americano dos Monkees. E Maggie nem está dando conta do recado. Ela publica uma revista inteira especializada nos Monkees, com uma fidelidade que dura anos. De fevereiro para cá, recebeu nada menos que 450 pedidos de assinaturas, além dos 350 que já tinha. E os números atrasados da *Monkee Business Fanzine* estão valendo fortunas nas lojas de souvenirs de rock.

A lenda dos Monkees começou há exatamente vinte anos, em 1966. Para quem tem menos de vinte anos, foi o ano em que os Beatles estavam estourando nos Estados Unidos, com seu filme *A Hard Day's Night*. A Columbia Pictures decidiu que uma série de televisão baseada nas loucuras do filme (cheio de imagens surrealistas que hoje são comuns nos clips) seria um sucesso garantido.

Mais de quinhentos candidatos fizeram testes para os quatro papéis. Imaginem que foi recusada gente como Paul Williams, Stephen Stills, Danny Hutton. Os quatro escolhidos, Peter, Davy, Mickey e Mike, não tinham quase nenhuma experiência musical. Naquela época, os Beatles eram chamados de *Fab Four* (Fabuloso Quarteto). Logo, logo, começaram a chamar os Monkees de The Prefab Four, "Os Quatro Pré-Fabricados". Isso porque cantavam dublando os instrumentos tocados na verdade por músicos de estúdio. E não compunham suas canções, feitas por gente como Neil Diamond, sob a direção musical de Don Kirshner.

No ano seguinte, o sucesso da série na televisão já tinha dado ao grupo peso suficiente para protestar. Nesmith gritou que queriam compor e tocar de verdade, a coisa mudou. E o sucesso continuou, com faixas como "Last Train to Clarksville", "I'm a Believer", Daydream Believer", "Valleri", It's Nice to Be with You". Nada menos que nove de suas faixas sacas de nove LPs, chegaram às 20 Mais nas paradas.

Agora, a Rhino Records está reeditando a obra completa dos Monkees. Já saíram oito discos, mês que vem sai o último. E, por incrível que pareça, até os chamados "entendidos sérios" estão voltando atrás, começando a entender o bom humor e a delícia simples da música dos Monkees. Nos anos 60, havia um respeito quase religioso pelos Beatles, e tudo que chegasse a imitação era logo destruído pela crítica.

O grupo original durou pouco mais de três anos. O primeiro a sair foi Peter Tork, os outros continuaram, mas Nesmith saiu logo depois, para organizar a First National Band, e chegou ao fim a primeira fase dos Monkees. Nesmith, nadando no dinheiro herdado da mãe, abriu uma produtora de clips, usando tudo que tinha aprendido com Bob Rafelson, diretor dos shows dos Monkees. Rafelson, que também dirigiu o único filme para cinema dos Monkees (*Head*), tornou-se um pioneiro diretor de clips, nos anos 70. Associado a Nesmith, em 1983 dirigiu "All Night Long" de Lionel Ritchie.

Um ano antes, Nesmith tinha dirigido um show de TV muito premiado, totalmente maluco, chamado *Elephant Parts*. Foi logo contratado pela NBC para dirigir uma série chamada *Television Parts*, que foi ao ar o ano passado. Sua produtora, a Pacific Arts, perto de sua casa milionária em Carmel, na Califórnia, é considerada uma das mais criativas do mundo, e já fez dois filmes, *Repo Man* e *Timerider* (um motoqueiro que sem querer viaja pelo tempo).

Até agora, Nesmith tinha sido o único Monkee a fazer verdadeiro sucesso, ainda que financiado por milhões e mais milhões. Peter Tork passou anos difíceis, teve problemas com bebidas e drogas, não deu certo com seu Peter Tork Project. Micky Dolenz voltou para a Inglaterra, onde nasceu, tornou-se um modesto produtor de TV. Davy Jones fez pequenos papéis no cinema, descobriu um público fiel às canções dos Monkees no Japão. Em 75, Micky e Jones juntaram-se a Tommy Boyce e Bobby Hart (autores de muitas músicas dos Monkees), fizeram várias excursões. Sem muito sucesso, mas ajudaram a manter viva a lenda dos Monkees.

Foto Arquivo

O quarteto em sua era de ouro, com Nesmith

Agora, ela volta com força total, neste 1986 que poderá entrar para a História do Rock como "O Ano das Reuniões". Aerosmith, reunido, já está fazendo sucesso. E sabem quem está planejando reuniões semelhantes à dos Monkees? Led Zeppelin e Bad Company! Quem diria que os malfalados Monkees, com seu sucesso vinte anos depois, iriam influenciar na volta destas lendárias bandas que os críticos, pelo contrário, sempre acharam que era "rock a sério"? Os tempos mudam, isso mudam. No tempo em que os Monkees enchiam estádios de fãs alucinados, como prometem fazer de novo, deram o maior prestígio a um guitarrista, que abria seus shows mas acabava expulso dos concertos pelas vaias da plateia. Seu nome: Jimi Hendrix.

OS ANOS 70 ESTÃO DE VOLTA!

Pelo menos ressuscitaram Peter Frampton, Heart, Aerosmith e outras figurinhas que o movimento punk parecia ter condenado eternamente ao esquecimento. Uma constatação de *José Emilio Rondeau*

Foto LFI

[illegible] para seus shows

As irmãs canadenses Ann e Nancy Wilson retornam com seu grupo, o Heart

O pop é assim mesmo: nada é jogado fora, tudo se aproveita. E pelo que se vem observando a própria sequência cronológica da história do rock está sendo retraçada. Ou seja, quem não pôde experimentar em primeira mão as (às vezes) três décadas do rock está tendo uma segunda chance.

O revisionismo registrado após o punk acionou todo um processo de degustação retrô que reviveu, na sua devida ordem de entrada em cena, os anos 50 — óculos de gatinha, rockabilly, topetões —, os anos 60 — o folk dos Washington Squares, o climão Buffalo Springfield dos Long Ryders, bolinhas beatle e muita paz e amor — e, agora, os anos 70, justamente o pico de pasmaceira que o próprio punk pretendeu implodir.

Como se detecta a nova vigência dos *seventies*? Fácil: voltaram os cabelos grandes, os astros mais uma vez foram içados a pedestais, e muitos dos heróis dos anos 70 ressuscitaram artística e comercialmente. Conseguiram perpetrar a sacada mais difícil do rock o *come back*, o retorno.

Este é o caso, por exemplo, das irmãs canadenses Ann e Nancy Wilson, mais conhecidas pelo grupo que fundaram nos anos 70, o Heart. No auge de sua glória — lá por 77 o Heart reinava como a mais bem resolvida mistura de heavy metal de arena e blues joplinianos. Até que, no início dos anos 80, desapareceu (ou foi esquecido pela mídia). No final do ano passado as irmãs Wilson lançaram um novo álbum e iniciaram uma nova série de pequenos shows. Como do nada, de repente apareceu uma horda ávida pelo Heart — cujo som, na verdade, continua igual ao antigo, apenas adaptado às novas tecnologias de gravação — e impulsionou o grupo de volta ao mega-estrelato. Três milhões de cópias do disco foram vendidas, a MTV colocou os clips do grupo em altíssima rotatividade e em maio passado o Heart alcançou a segunda maior bilheteria do mês nos Estados Unidos — quase 17 mil pessoas reunidas em Concord, na Califórnia. Só perdeu para outro veterano, o manjadíssimo Grateful Dead, uma espécie de bastião eterno dos psicodélicos anos 60.

Outra ressurreição inesperada foi a do Starship (ex-Jefferson Starship, ex-Jefferson Airplane). Quando todo mundo já descartava a possibilidade de Grace Slick (a integrante mais antiga da banda, mesmo não sendo fundadora) e seus "meninos" conseguirem reeditar o sucesso que o grupo alcançara na década passada, lá vem "We Built This City" escalando os cumes das paradas de sucesso com seus ritmos eletrônicos atraentes, se não pouco originais. E como num truque de mágica, Starship passou a ser uma palavra corrente entre o público jovem norte-americano.

E quem se lembra (ou esqueceu) do quinteto Aerosmith, um dos melhores — e mais famosos — grupos do heavy metal norte-americano saído dos anos 70? Pois é, após um descanso (ocaso?) de quase uma década, o Aerosmith voltou com sua formação original, liderado pelo vocalista Steve Tyler (mais parecido com Mick Jagger do que o próprio *rolling stone*) e pelo guitarrista Joe Perry. E não apenas está recuperando célere o tempo perdido, como também conseguiu executar uma difícil passagem para o mercado negro. Isso ocorreu porque os *rappers* do Run-DMC acabaram de gravar uma versão hip-hop de um clássico do Aerosmith, "Walk This Way", com o próprio grupo de Tyler recheando as bases.

Mas a história mais intrigante — e aguardada — desta leva de ressurreições é a de Peter Frampton. Ex-Humble Pie, Frampton abandonou o grupo em 1971 e, no processo, trocou o rhythm and blues básico de sua antiga banda por um pop refinado. Iniciou um sem fim de turnês abrindo para artistas como J. Geils Band, Edgar Winter (já, já ele volta, quer apostar?), Santana e ZZ Top. Gravou quatro álbuns solo que venderam bem, mas nada de espetacular. Em março de 1976 Frampton lançou o duplo ao vivo *Frampton Comes Alive*. E continuou com os shows, como de hábito. Mal sabia que sua carreira estava prestes a tomar um ritmo vertiginoso. E que seria virada pelo avesso.

É difícil descobrir a razão para o que veio logo depois do lançamento do álbum ao vivo. Mas o fato é que Frampton foi catapultado à categoria de superastro em questão de *dias*. Apesar de já ser um veterano. As vendas do disco quebraram todos os recordes existentes, o rádio parecia ser uma extensão da própria casa de Peter — era como se ele *morasse* em cada estação do dial —, não havia programa de TV que não quisesse convidar o novo astro. A *Rolling Stone* encomendou os serviços do ocupadíssimo fotógrafo de moda Francesco Scavullo para fazer a capa da revista que nomearia Frampton o "Artista do Ano". O empresário de Peter, Dee Anthony, gostou do que viu e empurrou seu contratado

Primeiro, Jefferson Airplane. Depois, Jefferson Starship. Agora, apenas Starship

de volta para o estúdio, em busca de um sucessor para o bilionário *Comes Alive*. Peter, no entanto, mal tivera tempo para compor. Não saíra da estrada e as únicas idéias surgidas estavam numa fita cassete que havia desaparecido. Mesmo assim foi feito *I'm in You*, a crítica detestou e o público foi menos que entusiástico. As vendas caíram, mas as turnês prosseguiram, embora a receptividade não fosse mais a mesma.

Em 1977, Peter embarcou num dos piores projetos de sua vida, o filme *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*. Aceitou trabalhar porque lhe disseram que Paul McCartney participaria do filme. Macca não apareceu. E Peter curtiu o majestoso fracasso com os Bee Gees.

Um ano mais tarde, durante férias nas Bahamas, Peter dormiu no volante, bateu com o carro e arrebentou seis costelas, uma das mãos, um dos pés e o rosto. Hospitalizado, manteve-se fora de ação por quase um ano. Quando se recuperou, lançou o álbum *Where I Should Be*. Já era tarde: desacreditado e comercialmente enfraquecido, Pete, o Artista do Ano, o Garoto de Ouro, havia sido esquecido.

Ainda tentou uma reviravolta — parte dela seriam as apresentações que fez no Brasil, em 1980. Em vão. Peter Frampton era um nome que pertencia ao passado. Melhor que permanecesse lá.

Qual não foi a surpresa quando no final do ano passado as rádios norte-americanas começaram a tocar "Lying", uma faixa que recupera na íntegra o vigor e a firmeza dos antigos sucessos de Frampton. Teria sido um excelente sucessor de, por exemplo, "Something's Happening" (de Comes Alive). Mas Peter só reencontrou o caminho agora. E está partindo do zero, abrindo os shows da atual excursão de Stevie Nicks. E na MTV ele sacaneia seu próprio destino. No fim do clip de "Lying", ele é abordado por um mendigo curioso, que fulmina uma pergunta: "Você não costumava ser o Peter Frampton?"

Será que vai dar certo! Será que Peter, aos 36 anos, conseguirá, de novo, arrebatar a garotada? É bem possível que sim. Enquanto houver público e enquanto houver pop, a estrada para as reedições de sucessos passados está aberta ao tráfego. E, já que estamos no sexto ano da década que recria os anos 70, é grande a chance de Frampton.

Claudette Poodle ©

& SUA POLAROID

●"Viadagem dá ibope, santa!" A lapidar frase foi colhida numa entrevista de **Cauby Peixoto,** que acabou se transformando no grande acontecimento do mundo musical em setembro. Assim começa mais uma primavera no Hemisfério Sul e desde que a *Melody Maker* resolveu dar uma de suas gloriosas capas ao **David Bowie** quando ele se declarou "bissexual", nunca este fascinante aspecto do show-biz internacional foi articulado em palavras tão adequadas ao coloquialismo tupi. Cauby — que também se declarou "sexualmente depravado" — acabou de alçar-se ao pedestal das minhas escusas preferências pessoais quando a repórter lhe fez aquela famosa pergunta que todos os mais calejados astros da MPB têm de aturar nestes tempos de vacas magras, importadas e radioativas. A pergunta é: "E o rock?"

Cauby: "Falar o quê, minha nega? RPM, Ultraje a Rigor... Tudo lixo. Modismo. Passa. Não fica".

●"Alternativos". ai, "alternativos"! Eis uma palavra que não só provoca arrepios de cinismo em minha rosácea e aveludada coluna vertebral, como me dá o desejo incontrolável de fazer a bolsa e voltar às casas de ópio de Hong Kong.

Pois o leitor e/ou a leitora fiel (os infiéis também que se...) deve lembrar da entrevista que uma das raras e pensantes bandas da nação — o **Ira!** — deu neste vigoroso órgão de imprensa. A certa altura, o baterista **André** — dizendo que "chegou um momento em que tudo está na mídia" — chamou a atenção para um fato notório e conhecido, qual seja o de que a rádio "alternativa" 89 é propriedade da Rádio Cidade. Alguma maldade, ou apenas uma informação para fazer o leitor matutar sobre a estrutura que faz sob a indústria "cultural" nativa? Maldade, ignominia e infâmia para os mandachuva do conglomerado radiofônico, que imediatamente cortaram toda e qualquer música do Ira! de sua programação. E quem é que perde? Os ouvintes, claro, que provavelmente terão de suportar um pouco mais de **Rádio Táxi** e **Roupa Nova** do que o habitual.

●"Ver **Johnny Rivers** ao vivo é ver o rock na sua essência." Eu já estava quase dormindo, embalada pelo ronronar da minha TV a cores, quando esta frase do locutor do *Jornal da Globo* perfurou-me os tímpanos, a inteligência e a sensibilidade, arrancando-me do envolvente torpor que me envolvia. Dias antes, todos os cabelos da minha rosácea e aveludada nuca já haviam arrepiado com o furo (n'água) do caderno "cultural" da *Folha de S. Paulo*. A manchete: "Os anos 60 estão de volta!". A notícia: "Johnny Rivers e **James Taylor** se apresentam no Brasil". Só mais tarde é que consegui, finalmente, relaxar e gozar. Afinal, não é todo dia que um representante do circuito dos cabarés dos Holiday Inn da terra de Titio Sam, vovó Reagan e comadre Stallone recebem o tratamento de super-astro neste paisinho que vos viu nascer e passar fome. Não, não é todo dia — só umas duas ou três vezes ao ano, no máximo.

Tem dias que dá vontade de ir para a cama e só acordar na década de 80.

●Aaarrá! A **Edilene,** de Curitiba, escreve uma breve missiva para reclamar dos comentários tecidos sobre **Guilherme "Zero" Isnard** nesta coluna que vos injeta um pouco do espírito cosmopolita que consagrou **Bernard Shaw, Evelyn Waugh** e **Gore Vidal,** entre outras *célebrités* que deviam ser tão lidas quanto Claudette Poodle.

"Eu acredito no amor e acho que o Guilherme vai fazer tanto sucesso quanto o RPM", diz Edilene e eu concordo em gênero, número e grau. Afinal, todo mundo sabe que em termos de ego, são os dois mais bem-dotados do Brasil.

Foto Gerardo Luis Gomes

MÊS QUE VEM NA BIZZ

TEM: ENTREVISTAS EXCLUSIVAS COM *DAVID BYRNE* (TALKING HEADS), *PAUL McCARTNEY*, *VENOM* E *STEVEN SPIELBERG* (É MOLE?)

SUPER RETROSPECTIVA DO ANO ⇝ DE QUEBRA, BUT NOT LEAST, *STEVIE WONDER, GENESIS* E UM PUNHADO DE SURPRESAS NATALINAS

Foto de capa Lisson: Gennar Sigia — Rapport LP1 — Paul Cou LP1

TODAS AO VIVO

Parabéns MARINA pelo seu primeiro DISCO DE OURO!

PRA COMEÇAR

AINDA É CEDO

VENENO (VELENO)

NOITE E DIA/ME CHAMA

DIFÍCIL

LADY SINGS THE BLUES/ DOIDA DE RACHAR (maxine)

FULLGÁS

NADA POR MIM

EU TE AMO VOCÊ

PÕE PRA FORA

EM DISCOS E FITAS
PolyGram

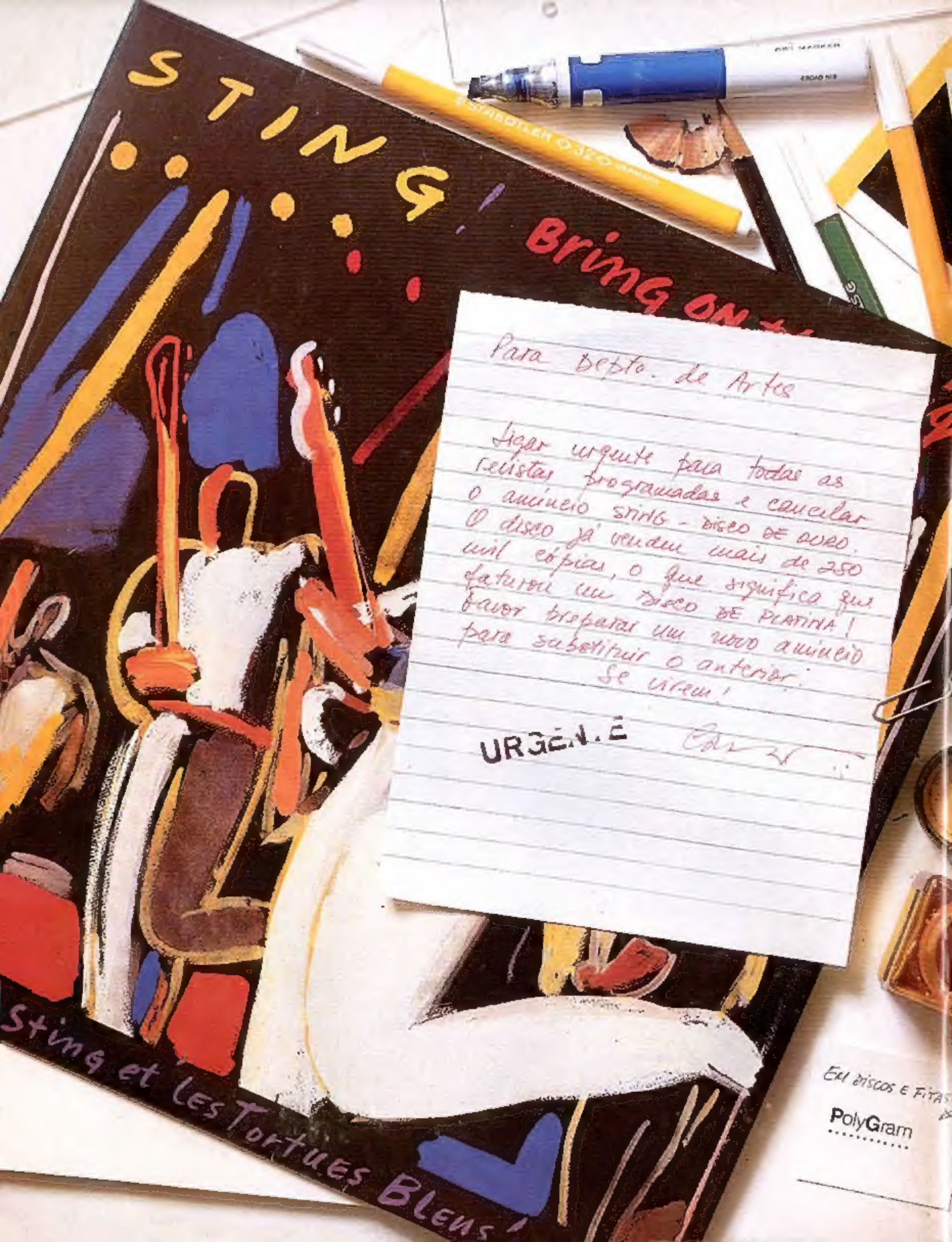
BIZZ
RPM
Artistas exclusivos CBS
Foto Rui Mendes

BIZZ

ECHO & THE BUNNYMEN

Artistas exclusivos WEA

Foto Sheila ROCK/STILLS


STING
Bring On
Para depto. de Artes
Ligar urgente para todas as
revistas programadas e cancelar
o anúncio sting - disco de ouro.
O disco já vendeu mais de 250
mil cópias, o que significa que
faturou um DISCO DE PLATINA!
Favor preparar um novo anúncio
para substituir o anterior.
Se virem!
URGENTE
Sting et Les Tortues Bleus
PolyGram